

ROSICLEIDE GOFI

**O Processo de Sucessão Familiar em Famílias Guardiãs de
Sementes Crioulas: Estudo de Caso no Município de
Anchieta/SC**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Agroecossistemas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Agroecossistemas sob a orientação da Prof. Dr^a. Valeska Nahas Guimarães e Coorientação de Ms. Rosa Patrícia da Silveira e Ms. Ivan Canci

Florianópolis, 2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Gofi, Rosicleide

O Processo de Sucessão Familiar em Famílias Guardiãs de Sementes Crioulas : Estudo de Caso no Município de Anchieta/SC / Rosicleide Gofi ; orientadora, Valeska Nahas Guimarães , coorientadora, Rosa Patrícia da Silveira , coorientador, Ivan Canci, 2017.

131 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Agroecossistemas. 2. sementes crioulas. 3. sucessão familiar. 4. guardiões de sementes. 5. agricultura familiar. I. Guimarães , Valeska Nahas . II. Silveira , Rosa Patrícia da . III. Canci, Ivan IV. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas. V. Titulo.

**O Processo de Sucessão Familiar em Famílias Guardiãs de
Sementes Crioulas: Estudo de Caso no Município de
Anchieta/SC**

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Valeska Nahas Guimarães
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Presidente da banca e Orientadora

Profa. Dra. Ines Claudete Burg
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)
-Campus Chapecó.
Membro Externo da Banca

Prof. Dr. Clarilton E.D. C. Ribas
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Membro interno da Banca

Sustento da Nação¹

Dirceu Pelegrino Vieira

Quem planta semente e esperança
De ver a semente germinar
No ventre da Mãe terra
No riacho ao pé da serra
Brotar o sonho sobre o ar.

Levantando bem cedo
Com o cantar do passarinho
E o sorriso da natureza
A roça é o seu caminho
Como fonte de carinho
Pra não faltar pão na mesa.

O dia-a-dia constrói o sonho
E a terra enaltece a lembrança
A poeira no sopro do vento
Renasce a todo momento
Num sorriso de criança,
Não importa o seu nome
Seu destino é matar a fome
Plantando e colhendo esperança.

As mãos recheadas de calo
Molda este arquiteto da vida
Artista em produzir comida
Formado na arte de plantar
Lembro-me de ti todos os dias
És abençoado e nos traz a alegria
De ter o café, o almoço e o jantar.

¹ Disponível em:

<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/Sustento%20da%20Na%C3%A7%C3%A3o%20-%20Dirceu%20Pelegrino%20Vieira%20-%202007.pdf>

Muitos te chamam de cafona
Talvez por não ter diploma
Julgam que não tem cultura
Esqueceram de tua função
Mestre em cultivar o chão
É senhor na agricultura.

Faça sol ou faça chuva
Tua mão é como uma luva
Na mão da sociedade
As pessoas se alimentam
São teus frutos que sustentam
Os diplomas da cidade.

Quando te chamam de colono
Com discriminação e abandono
Isso não importa, não faz mal
Teu trabalho rompe o muro
Plantando na trilha o futuro
E embelezando este quintal.
A verdade é encontrada
Com a nação alimentada
Por você, trabalhador rural.

Sementes Crioulas²



A todos os Agricultores
Guardiões de Sementes Crioulas do
Município de Anchieta/SC, dedico este
trabalho.

² Sementes crioulas: a herança da sabedoria ancestral na agricultura. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/08/01/sementes-crioulas-a-heranca-da-sabedoria-ancestral-na-agricultura/> Acesso em: 02/12/17

AGRADECIMENTOS

- À toda minha família, em Especial aos meus pais, Selvino Goffi e Dilse Maria Cassol Goffi, meus exemplos de vida, meus alicerces, meu orgulho - Gratidão eterna por todo ensinamento, apoio, por sempre acreditar em mim e por entender minha ausência neste momento importante da minha vida.
- Ao meu Grande Amor, Marcos Leandro T. Lopes, gratidão pelo incentivo, por não me deixar desistir e pelo ombro amigo nos momentos difíceis.
- À minha grande Inspiração, ilustre Professora e Amiga, Valeska Nahas Guimarrães, gratidão por acreditar em mim, por adotar este projeto comigo, me indicando novos caminhos e me auxiliando na superação de obstáculos. Gratidão pelas Luzes emanadas.
- Aos coorientadores Rosa Patrícia e Ivan Canci – gratidão pela troca de experiências;
- A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC pela grandiosidade de seus projetos educacionais e pela oportunidade, em Especial ao Mestrado Profissional em Agroecossistemas – MPA.
- A todos os trabalhadores envolvidos com o propósito do MPA: vocês foram peças chaves e fundamentais para a realização destes projeto, meus mais sinceros agradecimentos, e reconhecimento;
- A todos os Professores, que dividiram um pouco do seu conhecimento, suas histórias e trocas de experiências: vocês são incríveis!!

- Aos profissionais Especialistas que auxiliaram para a realização desta pesquisa;
- Às Famílias Guardiãs de Sementes Crioulas que me acolheram calorosamente e dividiram comigo suas histórias de vida - Guardiões da Agrobiodiversidade: Eu tenho orgulho de vocês!
- Ao Movimento dos Pequenos Agricultores de Santa Catarina – pela oportunidade concedida.
- A todos que, de uma ou outra forma auxiliaram para alcançar este objetivo...

MUITO OBRIGADA!!!

RESUMO

O presente estudo tem como tema de pesquisa a sucessão familiar em famílias guardiãs de sementes crioulas no município de Anchieta/SC e tem como objetivo geral analisar o processo de sucessão familiar bem como compreender a relevância deste processo para a manutenção da diversidade de sementes crioulas neste município. A pesquisa de campo foi realizada no perímetro rural deste município com famílias que vem cultivando e mantendo variedades crioulas das mais diversas por mais de uma década. Para alcançar este objetivo foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa com a pretensão de compreender o fenômeno da sucessão familiar de forma multidimensional. Para tanto foi realizado um estudo de casos múltiplos. O processo metodológico desenvolveu-se em três etapas de pesquisa: a primeira correspondeu a pesquisa em fontes secundárias para a identificação dos agricultores guardiões de sementes e suas respectivas famílias bem como a escolha de Cinco profissionais/pesquisadores especialistas no assunto para contribuir com informações relevantes à pesquisa. Nessa etapa realizamos também um levantamento das variedades crioulas existentes em Anchieta na propriedade de cada família. A segunda etapa compreendeu a pré-seleção de 10 Famílias Guardiãs, dentre as quais selecionou-se cinco (em função de limitações estruturais e de tempo) que se constituíram nos casos a serem pesquisados, valendo-se de critérios específicos, contando com a contribuição dos Cinco especialistas no assunto. A terceira etapa compreendeu a pesquisa de campo nas propriedades das famílias selecionadas. O levantamento de dados foi realizado por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas com membros das famílias selecionadas e com os profissionais especialistas, bem como por meio de relatos e depoimentos; observação participante e pesquisa documental. Constatou-se que em quatro das cinco Famílias Guardiãs pesquisadas há interesse dos filhos em permanecer no campo, bem como dar continuidade ao trabalho de resgate, manutenção e diversificação das sementes/mudas crioulas. Verificou-se a importância do conhecimento repassado de geração em geração na questão do trato cultural e das trocas de informações e conhecimentos oferecidos às Famílias Guardiãs por meio de atividades diversas, tais como, “dias de campo”, palestras, cursos de formação e capacitação, seminários, promovidos pelo poder público, sindicato, movimentos sociais e associações civis. Observou-se que a troca de informações entre as Famílias Guardiãs enriquece o trabalho no campo, e a cultura de doar/repartir o resultado da produção e

as sementes fortalece os laços de amizade e a solidariedade entre vizinhos. Constatou-se também que a Educação ocupa um lugar privilegiado para que a sucessão familiar ocorra, notadamente, em relação à educação formal nas escolas técnicas e agrícolas, pois confere uma qualificação profissional apropriada aos jovens, incentivando-os a dar continuidade ao trabalho de seus pais e ancestrais, mantendo a tradição da guarda das sementes e defesa da agrobiodiversidade. Nesse sentido depreende-se uma relação entre sucessão familiar, educação e agroecologia. Verificou-se também que a educação abriu espaço para incentivar os jovens a participarem das decisões e aplicação de novos conhecimentos na propriedade familiar. Finalmente, este estudo pretende contribuir para a melhor compreensão do fenômeno da sucessão na agricultura familiar, especificamente tratando-se dos pequenos agricultores guardiões de sementes crioulas, bem como contribuir com possíveis ações propositivas e de incentivo à permanência das gerações futuras no campo, considerando a relevância estratégica do cultivo e guarda de sementes e/ou mudas de variedades crioulas.

PALAVRAS-CHAVE: sementes crioulas, sucessão familiar, guardiões de sementes, agricultura familiar.

ABSTRACT

The theme of the present research is family succession in families that become keepers of native seeds in the district of Anchieta / SC and its general goal is to analyze the family succession process as well as to understand the relevance of this process for the maintenance of the diversity of native seeds in this district. The field research was conducted in the rural area of the district, with families that have been cultivating and maintaining a great diversity of native seed species for more than a decade. To achieve this goal, a qualitative research was conducted in order to understand the phenomenon of family succession in a multidimensional way. Thus, a multiple case study was carried out. The methodological process was developed in three stages of research: the first stage was a research on secondary sources for the identification of seed-keeping farmers and their families, as well as the selection of five professionals / researchers who were experts on the subject to contribute with relevant information to the search. In this stage, we also carried out a survey regarding the existing native seeds varieties in Anchieta, at the property of each family. On the second stage we did a pre-selection of 10 "keeper families", of which, five were selected (due to structural and time limitations), which became the cases studied, through specific criteria, with the contribution of the five experts on the subject. The third stage was a field research on the properties of the selected families. Data collection was made through the conduction of semi-structured interviews with selected family members and experts, as well as through reports and statements; participant observation and documentary research. We observed that in four of the five "keeper families" surveyed, there was an interest of the sons and daughters to stay in the field, as well as to continue the work of rescue, maintenance and diversification of the native seeds / seedlings. We noticed the importance of the knowledge passed on from generation to generation about the cultural treatment and exchange of information and knowledge provided to the "keeper families" through various activities, such as "field days", lectures, training courses and seminars promoted by the government, union, social movements and civil associations. The exchange of information between the "keeper families" enriches the work in the field, and the culture of donating / sharing the result of the production and the seeds strengthens the bonds of friendship and the solidarity between neighbors. The role of women in seed conservation and conservation process was evidenced in the research. It was also noticed that education is fundamental for family succession to advance,

especially formal education in technical and agricultural schools, as it provides an appropriate professional qualification for young people, encouraging them to continue their parent's and ancestors' work, maintaining the tradition of keeping seeds and defending agrobiodiversity. In this context, there is a correlation between family succession, education and agroecology. We also noticed that education encourages young people to participate in decisions and apply the new knowledge at the family property. Finally, this study intends to contribute to a better understanding of the phenomenon of succession in family agriculture, specifically in the case of small-scale farmers who keep native seeds, as well as to contribute to possible propositional actions and encourage future generations to stay in the field, taking into account the strategic relevance of the cultivation and conservation of seeds and / or seedlings of native varieties.

KEY WORDS: native seeds, family succession, seed keepers, family farming.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Constituição das Famílias Guardiãs	32
Quadro 2: Informações sobre os especialistas selecionados.....	33
Quadro 3: Posse da terra pelas famílias guardiãs	60
Quadro 4: Sementes crioulas mantidas pelas famílias guardiãs	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Anchieta - SC.....	76
----------------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AFOA – Associação dos Feirantes Orgânicos de Anchieta/SC
- ANA – Associação Nacional de Agroecologia
- APACO – Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste de Santa Catarina
- ART – Artigo
- ASSO – Associação dos Agricultores Produtores de Milho Crioulo Orgânico e Derivados
- CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento
- CDB – Convenção da Diversidade Biológica
- CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional
- CEPAF – Centro de Pesquisa da Agricultura Familiar
- ELLA – Escola Latinoamericana de Agroecologia
- EPAGRI – Empresa de Pesquisa Agrícola e Extensão Rural de Santa Catarina
- ESP – Especialista
- FAO – Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
- FENAMIG – Festa Nacional do Milho Crioulo
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IBPGP – Conselho Internacional de Recursos Genéticos das Plantas
- IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- MAPA – Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento
- MMC – Movimento das Mulheres Camponesas
- MPA – Movimento dos Pequenos Agricultores

MST – Movimento Sem Terra

NEABio – Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade

ONG – Organização Não Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

SINTRAF – Sindicato dos Trabalhadores Rurais da Agricultura Familiar

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
Contextualizando o problema.....	23
Justificativa e Relevância.....	25
A escolha do Município de Anchieta para a Pesquisa.....	27
OBJETIVOS.....	29
Objetivo Geral.....	29
Objetivos Específicos.....	29
MÉTODO E METODOLOGIA.....	30
Critério de Seleção dos Entrevistados.....	30
Procedimento de Coleta e Tratamento dos Dados.....	33
1. CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	37
1.1 Transformações no Espaço Rural Brasileiro.....	37
1.2 Sementes Crioulas: Valor Histórico, Cultural e Produtivo.....	40
1.3 Guardiões de Sementes e Tipos de Conservação de Sementes ...	43
Conservação <i>In Situ – On Farm</i>	44
1.5 Agricultura Familiar no Brasil.....	47
1.6 Reprodução dos Saberes Tradicionais e o Manejo das Sementes Crioulas: Forma de Autonomia e Permanência no Campo.....	48
1.7 A Sucessão na Agricultura Familiar.....	48
1.7.1 A Questão de Gênero na Sucessão Familiar.....	52
1.7.2 A Construção das Mudanças na Questão Sucessória.....	54
2. CAPÍTULO II– A DIVERSIDADE DE SEMENTES CRIOULAS MANTIDAS POR FAMÍLIAS GUARDIÃS.....	59
2.1 A história/trajetória das famílias guardiãs de variedades crioulas no município de Anchieta/SC e os saberes tradicionais.....	59
2.2 A diversidade de variedades crioulas mantidas e sua importância para as famílias guardiãs.....	67
3. CAPÍTULO III IMPLICAÇÕES DOS FATORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E CULTURAIS QUE AFETAM A MANUTENÇÃO DA GUARDA DAS SEMENTES CRIOULAS.....	75
3.1 Anchieta: contexto histórico.....	75
3.2 Fatores que afetam a manutenção da guarda das sementes.....	79

4. CAPÍTULO IV - A SUCESSÃO FAMILIAR EM FAMÍLIAS	
GUARDIÃS.....	91
4.1 Indicadores da ocorrência ou não da sucessão familiar	91
4.2 Motivos que levam à saída ou permanência dos jovens na agricultura familiar	100
4.3 Sucessão familiar e manutenção da diversidade de variedades crioulas.....	105
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
6. REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE A.....	125
APÊNDICE B	127
APÊNDICE C	129
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –TCLE	

INTRODUÇÃO

A evolução da agricultura mundial, em particular no Brasil, tem levado à ocorrência de vários problemas preocupantes a toda a sociedade: a erosão genética, a redução do número de culturas de importância socioeconômica e o empobrecimento do segmento que caracteriza a agricultura familiar. O modelo da revolução verde levou à simplificação dos sistemas produtivos tradicionais, altamente complexos e diversificados, e à substituição das variedades tradicionais por cultivares modernas e híbridas, altamente responsivas a insumos químicos e agrotóxicos (ALTIERI, 2002)

De acordo com Canci & Canci (2004) a região Oeste Catarinense foi intensamente colonizada a partir do início do século XX, principalmente por filhos e netos de imigrantes europeus advindos do Rio Grande do Sul. A maioria era de camponeses que buscavam terras para instalar-se com suas famílias. Esses agricultores encontravam, na região, solos férteis de relevo ondulado e acidentado, que eram cobertos por densas matas naturais em menor proporção por campos e matas de araucária. De modo geral os pequenos agricultores familiares se instalaram nas regiões acidentadas, enquanto os médios e grandes empreendimentos rurais ocuparam as áreas em melhores condições de mecanização agrícola.

Na atualidade, pode-se observar um número bastante reduzido de cultivares que são utilizadas comercialmente e extensas áreas ocupadas por uma única cultivar, tornando tais sistemas agrícolas altamente instáveis. As consequências vão desde a perda acelerada da biodiversidade e do germoplasma crioulo³ utilizado, até a perda do conhecimento tradicional e da prática associada para selecionar plantas e sementes de diferentes culturas.

Conforme Bevilaqua et al. (2014), a agricultura moderna tem se preocupado em demasia com o desenvolvimento de novas cultivares de plantas, com foco no aumento da produtividade das culturas, além de outros caracteres de importância agrônômica – cultivares que

³ Germoplasma pode ser definido como o conjunto de genótipos de uma espécie, considerada como um todo; é o conjunto de genótipos que podem doar genes para determinada espécie. Ou seja, é a fonte de variabilidade genética disponível para o melhoramento de plantas (Bespalhok JCF, Guerra EP, e Oliveira R. **Melhoramento de plantas**. Uso e Conservação de Germoplasma, p. 21).

apresentam rápida resposta à aplicação de insumos modernos. Todavia, há que se ressaltar que os sistemas de cultivo predominantes na agricultura familiar são caracterizados pela produção de alimentos de qualidade nutricional diferenciada, fundamentais para a segurança alimentar, e com baixa utilização de insumos sintéticos.

A conservação das sementes de variedades crioulas⁴ tornou-se um aspecto fundamental na conservação da biodiversidade, principalmente no que concerne àquela de clima temperado no Brasil, visto que tem sido pouco visada pelas instituições de pesquisa e desenvolvimento. Segundo Brown et al. (1999), citados por Bevilaqua et al (2014), um número expressivo de espécies encontra-se em risco de perda da biodiversidade.

Santa Catarina é caracterizado principalmente por propriedades de base familiar e pela diversidade de ambientes que as distingue onde é encontrada uma importante variabilidade genética de diversas espécies de alimentos, além de a agricultura ser uma atividade de grande escala e diversificada. Os agricultores familiares e suas entidades representativas são responsáveis pela manutenção de um patrimônio genético importantíssimo para a humanidade, por meio da conservação das sementes de variedades crioulas, apesar do grande avanço da agricultura moderna (BEVILAQUA et al., 2014).

Os chamados “guardiões de sementes” desenvolvem técnicas empíricas de cunho sociocultural para resgate, manutenção e dispersão dos materiais crioulos, cujas práticas são passadas de geração em geração. Os guardiões de sementes são um dos principais seres na funcionalidade da agrobiodiversidade, principalmente nesse período de mudanças climáticas acentuadas pelo qual estamos passando.

A manutenção e o livre intercâmbio de sementes de variedades crioulas como fonte de germoplasma representa uma estratégia fundamental no desenvolvimento de cultivares mais produtivas e resistentes a diversos tipos de estresses.

⁴ A Legislação Brasileira por intermédio da Lei Nacional de Sementes (Lei 10.771 de 5 de agosto de 2003), no Art. 2º, inciso XVI, considera variedades locais como sinônimo de variedades tradicional, Variedades Crioulas. Variedades locais, crioulas e ou tradicionais são aquelas desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com caracteres fenotípicos bem determinados e reconhecidos pelas respectivas comunidades e que segundo o MAPA não se caracterizam como substancialmente semelhantes aos cultivares comerciais (BRASIL, 2003).

Nesse sentido a realização desse estudo tem como propósito detalhar a reprodução e a continuidade das famílias guardiãs de sementes crioulas, a partir das perspectivas sucessórias dos filhos que ainda permanecem na propriedade familiar rural no município de Anchieta/SC, bem como compreender a relevância desse processo para a conservação da diversidade crioula.

Dentre os argumentos para a escolha do município de Anchieta para o estudo, saliento que este é meu município de origem, minha terra natal, e minha família é constituída basicamente por agricultores familiares que mantem há anos diversas variedades crioulas, sendo então guardiões de sementes. Pretendo, com este estudo, deixar uma pequena contribuição, seja para o município em sí, para o meio social, para as famílias guardiãs e/ou para o desenvolvimento de novas pesquisas ou mesmo, a formulação de políticas públicas e programas que favoreçam a sucessão familiar.

O tema e o problema de pesquisa, a que nos propomos desenvolver, trata da questão sucessória em famílias guardiãs de sementes crioulas no município de Anchieta/SC e teve a sua origem no contato mantido com a população do município de Anchieta/SC, pois, a despeito de um número bastante expressivo de famílias guardiãs de sementes (ou ‘nodais’) chama atenção o fato da ausência de informações a respeito do processo de sucessão familiar nessas famílias que, historicamente, cultivam sementes crioulas, surgindo questionamentos tais como: haverá continuidade ao trabalho de resgate e manutenção dessas sementes? Num médio prazo haverá sementes crioulas suficientes que permitam a criação e manutenção de um banco de sementes? Quem ficará responsável por estas atividades? E os saberes populares agregados ao trabalho no campo, quem vai dar continuidade? Quem dará continuidade ao trabalho na agricultura familiar, haverá sucessores? O que pode motivar os filhos das nodais a manter o cultivo e o manejo das sementes crioulas e a sua permanência na lavoura de seus pais?

Contextualizando o problema

Os guardiões vêm desenvolvendo há décadas técnicas de manutenção, guarda e multiplicação de sementes crioulas. Esses conhecimentos são de cunho cultural, ou seja, passados de geração em geração, sendo preciso definir ferramentas para reconhecer e apoiar o trabalho das comunidades tradicionais que conservam a

agrobiodiversidade (SANTILI, 2009). É relevante conhecer a história desses agricultores e valorizar o seu conhecimento empírico. A identificação e o apoio poderiam torná-los partícipes de processo de avaliação e seleção de plantas adaptadas a sistemas poupadores de insumos.

É necessário conhecer a realidade que passa nas famílias guardiãs de sementes crioulas no que se refere aos processos de sucessão familiar, as implicações desse processo na dinâmica da agricultura familiar e na perspectiva de permanência dos filhos na propriedade, como forma de continuidade do trabalho de resgate e conservação das sementes, e de práticas e conhecimentos tradicionais.

Para Canci et al. (2004, p. 221) a “segurança alimentar e alimentação saudável, cultura e tradição familiar, cuidado com o meio ambiente, adaptabilidade às condições locais, como parte da agroecologia e porque são mais econômicas e tem boa capacidade produtiva”, são os principais motivos que levam os camponeses a conservarem suas próprias sementes.

Como uma forma de resistência à Revolução Verde, o município de Anchieta, conforme Canci e Canci (2007, p. 220), concentra o resultado de uma intensiva articulação impulsionada por organizações sociais junto ao campesinato da região, para a recuperação genética e cultural das variedades locais, uma vez que “a maior parte dos agricultores da região nunca abandonou totalmente as variedades da maioria das espécies cultivadas localmente”. Este município tem se destacado no uso das estratégias de recuperação genética e cultural de variedades crioulas, com o auxílio do SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar), do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), da Epagri (Empresa de Pesquisa Agrícola e Extensão Rural de Santa Catarina) e do MMC (Movimento de Mulheres Camponesas) sendo que estes foram fundamentais nesse processo de recuperação, conservação e disseminação de variedades crioulas.

De acordo com Canci e outros (2010), a região tem sido campo privilegiado para o desenvolvimento de diversas pesquisas sobre agrobiodiversidade associada à agricultura camponesa, bem como para investigações científicas que associam os sistemas de conhecimento formal (acadêmico) e de conhecimento informal baseado no processo social histórico de experimentação empírica do campesinato. Diversos trabalhos mostram a importância da região para a conservação da agrobiodiversidade, com a existência de camponeses nodais e de diversidade de variedades crioulas de várias espécies vegetais.

Justificativa e Relevância

Conforme Santilli (2012), o manejo da diversidade de espécies e variedades tem sido um elemento central para a sustentabilidade dos sistemas agrícolas, sendo os agricultores familiares os responsáveis pela conservação de grande parte da diversidade. Embora a diversidade seja essencial para a sustentabilidade da agricultura familiar e para a segurança alimentar das famílias, ela vem sofrendo muitas pressões e influências negativas, como o avanço dos monocultivos, dos transgênicos, mudanças alimentares e êxodo rural. Esses impasses desafiam as estratégias de conservação e manejo dos agricultores, principalmente no que diz respeito ao mercado de sementes e às políticas governamentais.

Neste cenário, a agro biodiversidade encontrada no município de Anchieta está em constante ameaça, apesar desse município ter sua socioeconomia articulada em torno da agricultura familiar e possuir um vasto patrimônio genético, considerado de fundamental importância para reprodução da agricultura de base agroecológica (CANCI ET AL., 2004; OGLIARI ET AL., 2004).

Vogt (2005) lista como alguns pontos preocupantes: (i) grande parte da diversidade de variedades crioulas está sendo manejada por poucos agricultores, em pequenas áreas; (ii) êxodo rural; (iii) falta de sucessores na propriedade; (iv) idade avançada dos mantenedores das variedades crioulas; (v) ocorrência de distúrbios climáticos frequentes na região (seca e granizo); (vi) contaminação por cruzamento ao acaso com outras variedades. Estes fatores iremos verificar se se aplica nos casos estudados.

Para Souza (2015), entender a quantidade e a distribuição da diversidade de cultivos locais ao nível de comunidade é uma informação básica necessária para entender o manejo da agro biodiversidade pelos agricultores. Além disso, a caracterização e o conhecimento da diversidade de variedades crioulas são de fundamental importância, como informação base para o desenvolvimento de estratégias integradas de conservação *in situ-on farm* e *ex situ*⁵.

⁵ Segundo a definição da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), conservação *in situ* significa a conservação de ecossistemas e *habitats* naturais e a manutenção e recuperação de populações viáveis de espécies, em seus meios naturais e, no caso de espécies domesticadas ou cultivadas, nos meios onde tenham desenvolvido suas propriedades características (CDB, 1992). Esta definição inclui as populações cultivadas, denominadas variedades ou raças

Para Kaufmann (2014, p 16) os conhecimentos que as comunidades tradicionais construíram em torno da agro biodiversidade foram subjugados pela racionalidade econômica imposta, nas últimas décadas, pelo sistema capitalista. Através da recuperação, renovação e manutenção desses conhecimentos, deve-se propor que sejam construídas novas estratégias de desenvolvimento rural com foco na sustentabilidade dos ecossistemas. As populações e seus conhecimentos tradicionais contribuem para a conservação da biodiversidade e para manter os agro ecossistemas em equilíbrio, uma vez respeitadas as leis ambientais, permitem que os mesmos sejam mais resilientes⁶, ou seja, quanto mais biodiversos forem os agro ecossistemas, mais flexíveis serão para se restabelecer frente a alguma adversidade.

Nesse sentido, a relevância deste trabalho está amparada em dois pilares: 1) na necessidade de conhecimento sobre um fato ainda não constatado cientificamente: o processo de sucessão nas famílias guardiãs de sementes crioulas; 2) Análise da situação e apresentação de sugestões e encaminhamentos propositivos a partir desse conhecimento, demonstrando a extrema relevância da permanência da população e continuidade do trabalho de cultivo e resgate dos saberes tradicionais relacionados com a produção de sementes crioulas. Pois, se não houver a sucessão familiar, como haverá conservação de sementes e das práticas/saberes tradicionais? Este estudo pretende contribuir também para a observação da diversidade de sementes conservadas por agricultores guardiões na região de Anchieta, ampliando estudos anteriores realizados por diversos pesquisadores, com destaque para os estudos do NEABio da UFSC⁷ para conhecer a realidade

primitivas, tradicionais ou crioulas (*landraces*), conservadas nas áreas agrícolas, por comunidades de agricultores tradicionais.

Segundo Clement *et al.* (2007), a conservação *on farm* foca sua atenção nos cultivos de interesse dos agricultores e enquanto houver interesse, haverá conservação *on farm*. Sendo assim, além da importância relacionada à conservação da diversidade biológica, a conservação *in situ-on farm* está fortemente ligada à segurança e soberania alimentar das comunidades tradicionais.

⁶ Propriedade de um corpo de recuperar a sua forma original após sofrer choque ou deformação. Capacidade de superar, de recuperar de adversidades. (Dicionário Aurélio)

⁷ Juliana Ogliari; Guilherme Telésforo Osório; Ines Burg; Natália Carolina da Silva; Rosa Patricia da Silveira; Rosenilda Souza, dentre outros)

socioeconômica das famílias guardiãs e verificar os motivos que levam os jovens⁸ destas famílias a permanecerem ou não no campo.

A escolha do Município de Anchieta para a Pesquisa

Conforme Vogt e outros (2007), a experiência do município de Anchieta/SC, uma das pioneiras na região, mobiliza muitos agricultores, técnicos e entidades de pesquisa, extensão e ensino, em torno do resgate e/ou manutenção da agro biodiversidade presente.

Em 1997, em Anchieta, foi estimulado o resgate de variedades crioulas, principalmente de milho, através do Programa Municipal de Produção Própria de Sementes por meio do planejamento estratégico participativo do meio rural. Uma mobilização de esforços, não apenas da comunidade e de entidades de extensão rural, como também do poder público, viabilizando, através de medidas legais e institucionais, a atividade de resgate, seleção e melhoramento participativo.

Outro fato significativo destacado por Vogt, Canci e Canci (2007) foi a contribuição da Associação de Pequenos Agricultores do Oeste de Santa Catarina (Apaco) e do Centro Vianei de Educação Popular de Lages, os quais iniciaram um trabalho de resgate das sementes crioulas e contribuíram para que a discussão e mobilização pela autonomia na produção de sementes e a Agroecologia se difundissem em todo o estado.

Especialmente no município de Anchieta, esse trabalho obteve repercussão nacional. A partir de 1996, o Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Anchieta (Sintraf/Anchieta), com apoio da Prefeitura Municipal e de algumas ONGs promoveram ações de fomento ao resgate, uso e conservação de variedades locais de diversas espécies.

Juntamente com o trabalho de identificação e resgate de sementes locais, foram conduzidas, orientações para o resgate dos conhecimentos tradicionais e o levantando de informações sobre os aspectos culturais relacionados ao uso e manejo dessas variedades; o plantio de campos de produção de sementes; o resgate de variedades crioulas e a redistribuição de sementes entre os agricultores (VOGT; CANCI; CANCI, 2007).

⁸ Conforme a Lei 12.852/2013 – que Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, **são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade.**

Conforme os autores supracitados (2007, p. 37), “uma estratégia que deu grande destaque e visibilidade à “Capital Catarinense do Milho Crioulo” – título concedido ao município pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina por meio do Projeto de Lei nº 446/1999 – foi a criação das festas e feiras municipais de sementes, realizadas bianualmente”. A proposta surgiu em 2000, ano da 1ª Festa Estadual do Milho Crioulo, e teve como objetivo proporcionar o intercâmbio de sementes e troca de conhecimentos locais entre os agricultores da região. O evento foi promovido pelo Sintraf/Anchieta em parceria com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e a Prefeitura Municipal, contando com a participação de cinco mil pessoas.

Devido ao sucesso da feira e com a consciência da necessidade de propagar a viabilidade técnica, econômica, ambiental e social das sementes crioulas, os organizadores passaram a articular as festas seguintes de forma que elas tivessem abrangência nacional.

A primeira Festa Nacional do Milho Crioulo foi realizada em 2002 e contou com o apoio da AS-PTA e de organizações da Via Campesina na sua promoção. Nessa oportunidade, foram montadas 63 bancas e expostas 943 variedades de diversas espécies. Estiveram presentes cerca de 15 mil pessoas de 20 estados brasileiros. O evento vem se repetindo desde então, e as festas vêm contribuindo para revigorar o movimento em defesa das sementes crioulas, reforçando o caráter político desse trabalho ao articulá-lo à luta pela soberania alimentar e pela autonomia tecnológica dos camponeses (VOGT; CANCI; CANCI, 2007, p. 38)

Nos dias atuais, segundo os mesmos autores (2007, p. 39) as variedades crioulas vêm sendo cultivadas na maioria das comunidades contrastando com a realidade anterior, quando as famílias agricultoras estavam submetidas à grande dependência das sementes comerciais. “O sistema local de intercâmbio informal de sementes e mudas foi fortalecido, garantindo a reprodução das variedades de milho e de outras culturas pelas comunidades”.

Além disso, a organização dos agricultores de Anchieta e a sua luta em defesa da agro biodiversidade têm inspirado o surgimento de diversos movimentos de valorização das sementes crioulas no estado e

no país, e assim contribuído para a conservação da agro biodiversidade e o fortalecimento da Agroecologia.

Nesse sentido, a fim de valorizar a conservação e disseminação da diversidade de sementes crioulas mantidas no município de Anchieta, é muito significativa a necessidade de um estudo científico sobre a sucessão familiar nas unidades produtivas guardiãs de sementes. Além de todos os argumentos acima descritos para a escolha do município de Anchieta para o estudo, saliento ainda que este é meu município de origem, minha terra natal, e minha família é constituída basicamente por agricultores familiares que mantem há anos diversas variedades crioulas, sendo então guardiões de sementes. Pretendo, ainda com este estudo, deixar uma pequena contribuição, seja para o município em sí, para o meio social, para as famílias guardiãs e/ou para o desenvolvimento de novas pesquisas ou mesmo, a formulação de políticas públicas e programas que favoreçam a sucessão familiar.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar o processo de sucessão familiar bem como compreender a relevância deste processo para a manutenção da diversidade de sementes crioulas no município de Anchieta/SC.

Objetivos Específicos

- Conhecer a história das famílias guardiãs pesquisadas e a sua trajetória familiar;
- Levantar os tipos de sementes e/ou mudas crioulas mantidas pelas famílias;
- Identificar os fatores sociais, econômicos e culturais que afetam a manutenção da guarda das sementes (facilitadores e inibidores);
- Observar e descrever, nas famílias estudadas, quais os indícios e/ou fatores indicadores de ocorrência ou não de sucessão familiar,
- Analisar os motivos da ocorrência ou não da sucessão e da saída dos jovens da propriedade familiar.

MÉTODO E METODOLOGIA

Essa pesquisa caracteriza-se por ser essencialmente qualitativa e descritiva, sem a pretensão de explicar os fenômenos, mas sim, descrevê-los e analisá-los qualitativamente (TRIVIÑOS, 1987; MINAYO, 2008). A metodologia privilegiará o procedimento denominado “estudo de casos múltiplos” (Trivinos, 1987) sendo que cada família guardiã selecionada se constitui em um caso.

O processo metodológico desenvolveu-se em três etapas de pesquisa: a primeira correspondeu a pesquisa em fontes secundárias para a identificação dos agricultores guardiões de sementes e suas respectivas famílias⁹ bem como a escolha de cinco profissionais/pesquisadores especialistas no assunto para contribuírem com informações relevantes à pesquisa¹⁰. Nessa etapa realizamos também um levantamento das variedades crioulas existentes em Anchieta na propriedade de cada família. A segunda etapa compreendeu a pré-seleção de 10 Famílias Guardiãs, dentre as quais selecionou-se cinco famílias (em função de limitações estruturais e de tempo) que se constituíram nos casos a serem pesquisados, valendo-se de critérios específicos, contando com a contribuição dos cinco especialistas no assunto. A terceira etapa compreendeu a pesquisa de campo nas propriedades das famílias selecionadas.

Critério de Seleção dos Entrevistados

Dentre os critérios utilizados para a seleção dos agricultores guardiões de sementes, destaca-se o fato de que o cultivo de sementes de variedades crioulas é uma atividade importante na exploração familiar (não necessariamente sob o ponto de vista econômico, mas pelo significado cultural que a conservação das sementes representa); que os guardiões tenham envolvimento direto com o processo de produção, seleção e comercialização destas sementes, além da disponibilidade de dialogar e prestar informações sobre suas experiências.

⁹ Através de pesquisas anteriormente realizadas bem como em contato com Sindicato, MMC, e MPA.

¹⁰ Os Especialistas foram selecionados pelo reconhecimento e visibilidade de seu trabalho seja no MPA, Sindicatos, Epagri.

Para definir o número de famílias a serem entrevistados e ainda, quais famílias, considerando que há no município em torno de 600 famílias agricultoras¹¹ utilizou-se os seguintes critérios:

1. A família deve ser guardiã/mantenedora de sementes crioulas há maior tempo¹² (ao menos 10 anos);
2. Na importância, econômica, social e/ou cultural, que a atividade de resgate, manutenção e multiplicação das sementes tem para a família e a visibilidade que a atividade tem perante a sociedade;
3. Na contribuição que a família oferece seja em quantidade e diversidade de sementes cultivadas, em tempo de produção, ou colaboração com o sindicato dos trabalhadores rurais.
4. Que a família contribua para a conservação e ampliação do banco de sementes criado no Sindicato;
5. Famílias constituídas por, pelo menos, dois filhos, sendo um homem e uma mulher, para facilitar o estudo da questão de gênero e sucessão familiar; ou selecionar duas famílias com filhos homens, e duas com filhas mulheres.
6. Famílias com histórico de sementes e conhecimentos que foram repassados de geração em geração;
7. Que os filhos tenham idades de 15 anos ou mais, pois assim, já manifestam uma opinião a respeito de seus desejos e aspirações.

Atualmente já existe no município um cadastro das famílias guardiãs de sementes crioulas (levantado por/em pesquisas secundárias anteriores), a qual consultamos. Contamos com a cooperação efetiva da Epagri, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, do Movimento das Mulheres Camponesas e alguns agricultores guardiões de sementes para selecionar inicialmente 10 famílias que atendiam aos critérios acima definidos e dentre estas, as cinco que favoreciam o deslocamento (distância) da pesquisadora.

¹¹ Conforme informação prestada por Ivan Canci, engenheiro agrônomo da EPAGRI com base em seus estudos, trabalho e vivência no município.

¹² Conforme indicações obtidos junto à EPAGRI e Movimento das Mulheres Camponesas que conhecem a realidade e histórico do Município.

Assim, no quadro abaixo podemos verificar as informações de cada família.

Quadro 1: Constituição das Famílias Guardiãs

Família	Família Guardiã 01	Família Guardiã 02	Família Guardiã 03	Família Guardiã 04	Família Guardiã 05
Avó Materna					
Avô Materno					
Avó Paterna			X	X	
Avô Paterno				X	
Pai	X	X	X	X	X
Mãe	X	X	X	X	X
Filho (M)	X		X		X
Filha (F)		X	X	X	

Fonte: Dados primários. Elaborado pela autora

Quanto aos especialistas selecionados o quadro, a seguir, apresenta algumas informações sobre a formação escolar e técnica, a atuação profissional, tempo na atividade.¹³

¹³ Destacamos que uma das especialistas selecionadas (Esp.5) é também guardiã de sementes crioulas.

Quadro 2: Informações sobre os especialistas selecionados

Especialista	Formação Profissional	Local em que Exerce Atividade Profissional	Há quanto tempo
Esp 01	Eng Agrônomo, Mestre.	Região Extremo Oeste de SC– Eng Agrônomo do MPA	Desde 2004
Esp 02	Eng Agrônoma, Mestre em Sistemas de Produção Agrícola	São Miguel do Oeste/SC - Epagri	Desde 2009
Esp 03	Eng Agrônoma, Esp. Gestão Ambiental	São Miguel do Oeste/SC; Instituto Federal de SC; Crea/SC, Movimentos Sociais	Desde 2010
Esp 04	Eng Agrônomo, Mestre em Recursos Genéticos Vegetais	Anchieta/SC; Epagri; Prefeitura Municipal; Movimentos Sociais	Desde 1988
Esp 05	Técnica Agrícola, Agricultora	Anchieta/SC; Movimentos Sociais – Dirigente do MMC; Guardiã de Sementes Crioulas	Desde 1980

Fonte: Dados primários. Elaborado pela autora

Procedimento de Coleta e Tratamento dos Dados

Com a utilização de entrevistas semiestruturadas (roteiros nos Apêndices A e B), objetivou-se obter informações qualitativas para descrever e entender o envolvimento e o vínculo que as famílias guardiãs de sementes possuem com o patrimônio genético conservado em suas respectivas propriedades, sua história de vida e o incentivo à continuidade das tarefas de manejo da agrobiodiversidade pelos seus descendentes.

De acordo com Kaufmann (2014, p. 35), as entrevistas semiestruturadas oferecem a possibilidade de que o informante sinta-se

mais livre e possa expressar sua espontaneidade, conseguindo trazer uma maior riqueza de informações para a investigação. No caso desta pesquisa, o entrevistador manteve uma postura de valorizar a linguagem e os próprios termos que os agricultores utilizaram e estabeleceu-se uma atmosfera informal possibilitando que os entrevistados ficassem mais à vontade para apresentarem livremente suas respostas às questões, dialogando com o entrevistador.

Além disso, esse tipo de entrevista permitiu que abordássemos com profundidade aspectos centrais da pesquisa buscando-se uma melhor compreensão de determinados fatos e ações, como por exemplo: a troca de ideias com toda a família sobre as perspectivas futuras dos filhos permanecerem na propriedade ou não; os motivos que levaram a família a cultivar/manter o trabalho com sementes crioulas.

Buscamos também seguir a recomendação de Kaufmann (2014, p. 36) que ressalta que é interessante estabelecer um vínculo interpessoal no estudo entre o pesquisador e o pesquisado. Ao estabelecer vínculos de amizade, facilita-se a compreensão do contexto social e da história da família. O mesmo autor lembra ainda que as conversas/entrevistas devem ser efetuadas em momentos distintos, permitindo observar as situações cotidianas e as relações pessoais em diferentes contextos. Pelo fato da pesquisadora ser natural de Anchieta, e sua família conhecida entre os guardiões de sementes, pois a família constitui-se basicamente de agricultores que conservam sementes crioulas há bastante tempo, houve facilidade na interação entre a pesquisadora e os entrevistados.

Para a coleta e o registro das informações de campo foram utilizados equipamento de gravação sonora (maquinas digitais – as falas foram gravadas) sempre e somente quando houve o consentimento dos sujeitos envolvidos. As entrevistas foram transcritas em sua totalidade, mantendo as expressões populares e seus termos e significados próprios. As identidades dos sujeitos entrevistados foram mantidas sob sigilo, bem como os mesmos tiveram a liberdade de responder ou não as questões, caso sentissem a sua privacidade invadida.¹⁴

Por ser uma pesquisa qualitativa, o tratamento de dados seguiu um procedimento de análise e interpretação qualitativas, utilizando-se a análise de conteúdo como técnica referencial (conforme

¹⁴ Todos os entrevistados assinaram e ficaram com uma cópia do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE) conforme Apêndice C.

Bardin, 1977, adaptado por Triviños, 1987) que compreendeu três etapas: pré análise, descrição analítica e interpretação inferencial.

Na pré análise realizamos a organização do material, as técnicas que empregariamos para organizar as informações que seriam coletadas posteriormente. Utilizamos as informações obtidas por meio de entrevista semi estruturada em grupo – em cada família guardiã, e individual no caso dos profissionais especialistas; bem como resultantes das observações e anotações em caderno de campo.

Com o aporte do referencial teórico, passamos para a análise descritiva, avançando na busca de sínteses consensuais ou não; coincidentes ou divergentes de ideias, ou na expressão de concepções.

A fase de interpretação referencial, apoiada nos materiais de informação, que se iniciou já na etapa da pré-análise, alcança agora sua maior intensidade. A reflexão, a intuição, com embasamento nos materiais empíricos, estabelecem relações, entre os sujeitos com a realidade mais ampla, aprofundando as conexões das ideias, chegando-se a resultados e a compreensão dos fatos.

Conforme Triviños (p. 161,162), na interação dos materiais (documentos e pesquisa a campo) o pesquisador não deve deter sua atenção exclusivamente no conteúdo manifesto em documentos, mas sim deve aprofundar sua análise desvendando ideias não desveladas explicitamente advindas dos diálogos com os sujeitos pesquisados.

A pesquisa em materiais e documentos orientou na obtenção de dados qualitativos, e as entrevistas nos deram a possibilidade de compreender posicionamentos pessoais, avaliações de fatos e fenômenos sociais que foram analisados no estudo, de uma forma dinâmica, estrutural e histórica.

As falas que consideramos de maior impacto e/ou relevância, aparecem grifadas no texto ou em recuo no caso de falas literais.

É importante destacar que em relação ao Método buscamos realizar um estudo crítico, na perspectiva dialética, desse modo, as informações advindas da pesquisa empírica foram cotejadas com o referencial teórico buscando apontar contradições e contribuições, consensos e dissensos.

1. CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Transformações no Espaço Rural Brasileiro

De acordo com Gliessman (2005), a agricultura surgiu quando as culturas humanas, há milhares de anos, intensificaram o uso e o cuidado com determinadas plantas e animais que consideraram de valor. Durante este processo, os homens continuamente foram selecionando características e qualidades específicas nesses organismos.

Conforme Peroni e Martins (2000), no processo de domesticação das espécies de interesse, houveram perdas naturais ou proporcionadas pelos agricultores, nas seleções cotidianas e nos cruzamentos intervarietais e entre espécies. Em algum momento pode ter ocorrido diminuição da diversidade, porém em seguida houve nova recuperação. Os processos culturais, os conhecimentos, as práticas e as inovações agrícolas foram desenvolvidas e compartilhadas pelos agricultores.

Triches (2013) destaca que durante o processo de domesticação das plantas a variedade cultural dos povos, associada à diversidade ambiental, forneceram para a humanidade uma infinidade de sistemas de produção, alicerçado em um grande número de espécies e formas de manejo. O processo de seleção e melhoramento de variedades permitiu que as espécies domesticadas se adaptassem a uma ampla gama de ambientes, segundo o seu potencial genético e de diversidade.

Um fator a ser considerado na análise histórica da domesticação e cultivo de variedades, refere-se ao processo de melhoramento vegetal vigente, em âmbito mundial, até a década de 50, o qual se baseava na seleção dos genótipos mais adaptados a um determinado ambiente e era realizado por sucessivas gerações de agricultores, tendo como resultado o que denominamos hoje Variedades Crioulas e/ou locais (TRICHES, 2013 PG 36).

Para Cassol (2013), desde o final da Segunda Guerra Mundial até o início dos anos 1970, o desenvolvimento era considerado sinônimo de crescimento econômico, e nesta fase a economia mundial apresentou um ciclo expansivo extraordinário; os conhecimentos científicos e tecnológicos avançaram de maneira expressiva, e passaram a ser

empregados diretamente nos processos produtivos. A partir de meados da década de 1960, na agricultura brasileira se inicia o processo de modernização, que ficou conhecido por Revolução Verde, emergindo novas expectativas de crescimento e formas de exploração agrária, originando transformações no setor agropecuário.

Segundo Silva (1999) a agricultura perdeu a autossuficiência de que dispunha, para produzir os próprios meios de produção e os bens de consumo final que necessita; deixou de produzir valores de uso para produzir mercadoria/valores de troca; passando a operar, como se fosse uma indústria de um ramo qualquer da produção: ela não apenas compra a força de trabalho e os insumos que necessita de certas indústrias como também vende seus produtos, os quais se convertem em matéria prima para outras indústrias.

A evolução e a estrutura do setor rural na década de 1970 refletem a dinâmica do período recente, que está assentada no tripé (indústria - agricultura - agroindústria), que remete ao domínio do capital industrial e financeiro e ao processo global de acumulação. Nesta fase é que se constituíram os complexos agroindustriais, em que o conceito-chave que está por trás do desenvolvimento da agricultura é o da integração e centralização de capitais. Pelo exposto, percebe-se que a agricultura tornou-se cada vez mais subordinada à indústria e ao mercado que ditam as regras de produção, tornando o agricultor cada vez mais subordinado ao capital e dependente das externalidades.

Cassol (2013) afirma que a agricultura precisou reestruturar-se para elevar sua produtividade, não importando a degradação dos recursos naturais; a meta era produzir de forma que o retorno fosse o maior e o mais rápido possível. Assim, o modelo agrícola adotado nas décadas de 1960/1970 era voltado ao consumo de capital e tecnologia externa: insumos, máquinas, sementes, agrotóxicos e fertilizantes. A opção de aquisição era facilitada pelo acesso ao crédito rural, determinando o endividamento e a dependência dos agricultores. Conforme a mesma autora, diante da crise ambiental provocada pelo modelo agrícola a partir das décadas de 1950 e 1960, muitos cientistas, governos, organizações não-governamentais e parte da população consciente estão preocupados em encontrar alternativas de desenvolvimento que propiciem ao meio ambiente o manejo da agrobiodiversidade e recuperação gradual e sistemática, tendo em vista a sustentabilidade da vida humana na terra.

A busca pela sustentabilidade dos sistemas agrícolas e do meio ambiente vem sendo estudada por diversas organizações e entidades que buscam aprender com os agricultores e resgatar tecnologia

autóctone, mas poucos conseguem fazê-lo de forma sistemática. Por isto, acredita-se em atitudes que levarão a correção das agressões ao meio ambiente, pois não existirá agricultura sustentável se pretendermos construí-la com tecnologias inadequadas¹⁵. Necessita-se construir uma realidade na qual a agricultura deve ser enfocada sob um olhar que não se volte apenas para a reprodução do capital e sim para a busca de técnicas sustentáveis de produção que possa levar os agricultores familiares à reconstrução de sua autonomia.

De acordo com Kaufmann (2014), a forma como o homem planeja, desenvolve a agricultura e estabelece suas preferencias ecológicas, em função dos seus conhecimentos, permite que se estabeleça um manejo dos recursos naturais disponíveis localmente mais adequados aos princípios da sustentabilidade. Essa forma de manejar os agroecossistemas de maneira mais equilibrada possibilita a conservação da biodiversidade e da agrobiodiversidade. Conforme Gliessman (2000), esse agroecossistema sustentável desenvolve-se quando os componentes, tanto da base social como da base ecológica, combinam-se em um sistema cuja estrutura e função refletem a interação do conhecimento e das preferencias humanas com os componentes ecológicos do agroecossistema. Além disso, são os saberes construídos nesta interação que permitem a conservação da agrobiodiversidade crioula nas comunidades tradicionais e, assim, são resultados do processo de evolução da sociedade com os seus recursos naturais.

Kauffman (2014, p. 16) destaca que as comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas ou de agricultores familiares, tem, em sua gênese, uma ampla rede de significados e saberes, que foram se consolidando através dos tempos em um processo conjunto de transformação e consolidação. À medida que as comunidades foram se

¹⁵ Nesse sentido é que se inserem as denominadas “tecnologias alternativas”, as quais proporcionam uma melhor compreensão da realidade local por parte dos sujeitos envolvidos com a disseminação de tecnologias sociais de baixo custo e menos dependentes do sistema externo. Estas se adaptam à agricultura familiar por ter viabilidade prática e ser de baixo custo para implantação. Sua implantação ocorre de maneira dinâmica e sistêmica, de forma participativa, de modo sequencial e construídas com monitoramento e avaliação permanente, capacitando, nos processos técnicos e pedagógicos, os beneficiários para investigar os procedimentos e rumos das ações, fazendo correções quando necessário (Cardoso et al., 2014).

transformando, foram, assim alterando e moldando a agrobiodiversidade conforme as suas exigências.

Os produtos dessa interação, mais visíveis e emblemáticos, são as espécies que compõe a agrobiodiversidade local ou crioula. São notáveis pelas suas formas, tamanhos e funções diferenciadas, que fazem parte do conjunto de saberes desses povos.

Kaufmann (2014, p 45) enfatiza que as comunidades que se dedicam a conservar sementes crioulas, tem, em sua gênese, uma forte relação com o ambiente natural e possuem conhecimentos suficientes para manejar as características que desejam. Essas variedades crioulas ou locais apresentam alta diversidade genética (fenotípica e genotípica) e possibilitam que, conforme as alterações ambientais e socioeconômicas, elas possam se manifestar conforme a necessidade da população que a maneja e as condições climáticas em que estão inseridas. Em decorrência disso, dizemos que são resilientes, pois podem adequar-se a diversas situações. Nesta perspectiva, conclui-se que as variedades crioulas são altamente adaptadas à agricultura familiar, pois a diversidade persiste não somente devido à seleção natural, mas porque agricultores optam por mantê-las.

1.2 Sementes Crioulas: Valor Histórico, Cultural e Produtivo

A Legislação Brasileira por intermédio da Lei Nacional de Sementes (Lei 10.771 de 5 de agosto de 2003), no Art. 2º, inciso XVI, considera variedades locais como sinônimo de variedades tradicionais e variedades crioulas. Variedades locais, crioulas e ou tradicionais são aquelas desenvolvidas, adaptadas ou produzidas por agricultores familiares, assentados da reforma agrária ou indígenas, com caracteres fenotípicos bem determinados e reconhecidos pelas respectivas comunidades e que segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), não se caracterizam como substancialmente semelhantes aos cultivares comerciais (BRASIL, 2003). A mesma lei define semente “como o material de reprodução vegetal de qualquer gênero, espécie ou cultivar, proveniente de reprodução sexuada ou assexuada, que tenha finalidade específica de sementeira.”

Existem diferentes termos utilizados para mencionar variedades crioulas, sendo que os mais comuns são variedades tradicionais, variedades locais, variedades crioulas ou *landraces*, os quais quase sempre são definidos particularmente.

De acordo com o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), quando se fala em sementes de variedades tradicionais e/ou crioulas, está se referindo a uma enorme diversidade genética que muitas famílias de pequenos agricultores mantêm ao longo do tempo, além de realizar a seleção das características e qualidades desejadas nas espécies vegetais e animais, com a intenção de propagar essas características em um processo constante de aperfeiçoamento autossustentado.

De acordo com Cassol (2013), estas variedades selecionadas, denominam-se variedades tradicionais e/ou crioulas e/ou locais; são aquelas variedades que são patrimônio genético e cultural dos povos tradicionais obtidas durante séculos tanto por meio de evolução natural do melhoramento genético, como, também, através do manejo sustentável ecologicamente inserido no meio ambiente e adaptado aos diversos ecossistemas existentes.

Bevilaqua et al. (2014), afirmam que o conceito de cultivar crioula é aquele germoplasma que vem sendo multiplicado por agricultores (ou suas associações) através do tempo, cuja origem pode ser outros países ou outras regiões do País, ou que é fruto do intercâmbio dentro de uma mesma região, e cujo cultivo *in loco* conduz à adaptação específica ao referido ambiente como resultado da seleção natural, da seleção artificial pelo agricultor ou pela combinação de ambas. Variedades desenvolvidas localmente ou mesmo lançadas por institutos de pesquisa e que foram cultivadas e selecionadas durante anos por agricultores, numa determinada região, tornam-se, assim, crioulas.

As variedades locais e tradicionais, também conhecidas como *landraces*, podem ser variedades provenientes de outros locais, com ou sem origem conhecida, ou desenvolvidas localmente por agricultores, e que foram cultivadas e selecionadas para determinada região de cultivo; podem também ser oriundas de institutos de pesquisa, mas, uma vez cultivadas em um local ao longo dos anos, adquiriram características peculiares e adaptação ao local onde foram selecionadas, por seleção natural.

Os saberes relacionados às sementes crioulas são, então, aqueles cultivados através dos tempos pelos povos e comunidades tradicionais através das interações entre si destas populações e com a biodiversidade. As sementes crioulas, por sua vez, “caracterizam-se por sua constante adaptação ao meio e as técnicas de manejo adotadas pelos agricultores, sendo assim, impossibilitadas de serem engessadas em um registro de patente” (MPA, 2016).

Desta forma, as sementes tradicionais e as práticas relacionadas a elas são de grande riqueza e contribuição, dando aporte diretamente de forma sustentável para a construção de técnicas de criação e conservação da vida. Conforme Cassol (2013), neste contexto, pode-se dizer que **as sementes, são muito mais que mercadoria, são recursos regenerativos que expressam a biodiversidade, constituindo um patrimônio cultural na condição de bem imaterial¹⁶.**

As sementes constituíam um acervo comunitário e cultural dos povos camponeses e indígenas de todo o mundo, cuja obtenção, guarda e reprodução, tinham um valor material e simbólico que as tornavam sinônimo da vida. Para Cassol (2013) ainda que contemporaneamente transformam-se em mercadorias, em objetos de negócios cujo objetivo é o lucro através da exploração e da submissão dos produtores rurais por corporações privadas capitalistas. As sementes, como mercadorias simbolizam o poder do mercado aliado a inovações técnicas, a mecanismos legais e como recurso regenerativo simboliza uma possibilidade de autogestão e manejo da diversidade biológica e cultural. As sementes mantidas atualmente, segundo Cassol (2013), como mercadorias estão sob o poder de grandes empresas privadas multinacionais, que as manipulam geneticamente, alterando as matrizes produtivas para que não se reproduzam, e, assim, também, garantem o seu direito de propriedade sob as mesmas. Já aquelas que são utilizadas como recurso regenerativo, especialmente pelas comunidades tradicionais mantêm a pureza de seus genes, possibilitando sua reprodução.

A Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA) defende que quanto mais variedades de sementes crioulas o agricultor planta, mais opções ele tem, devido a suas características de adaptabilidade e resistência, pois algumas sementes resistem mais a determinadas pragas, outras a inóculos, algumas resistem às geadas, além de cada semente ter uma finalidade: para farinha, para alimentar a pecuária, para canjica, e outras podem ser armazenadas por mais tempo.

Deve-se também salientar que as variedades crioulas vão se aperfeiçoando com a seleção natural, permitindo que o agricultor guarde suas sementes de uma safra para outra, não necessitando desta forma comprar novas sementes, as quais muitas vezes sofreram algum processo de modificação genética, além de poder trocar e/ou comercializar com outros agricultores suas sementes. Se faz necessário

¹⁶ Grifos nossos

destacar, que “crioula” é um termo que não fica restrito a sementes em si, mas refere-se também a tubérculos, como de batata e ramas de mandioca, entre outros alimentos.

O hábito de guardar sementes, em grande medida se vincula a tradição familiar, onde as sementes são passadas de pai para filho, como uma herança, um patrimônio. As chamadas “sementes de vida” conforme Cassol (2013) estão nas mãos dos pequenos agricultores há muitas décadas, sendo que estes reconstróem conhecimentos diariamente ao plantar, replantar, classificar e armazenar estas sementes, sendo possível até mesmo melhorá-las geneticamente, através destas práticas.

1.3 Guardiões de Sementes e Tipos de Conservação de Sementes

Conforme Bevilaqua et al. (2014) guardiões são agricultores que possuem sementes crioulas de diferentes espécies e que as mantêm por processo de multiplicação através do tempo. O enfoque pode ser não somente conservacionista, mas também de seleção de plantas mais adaptadas aos sistemas de produção da agricultura familiar.

A Convenção da Diversidade Biológica (CBD), reconhece, entre outros, dois pontos importantes em seu texto: a soberania dos países sobre seus recursos genéticos e os direitos dos agricultores. Esses dois pontos estão intimamente ligados, e a eles adere a figura do “guardião de sementes”. Políticas públicas voltadas à conservação e uso dos recursos genéticos, tendo como pano de fundo os princípios regidos pela CBD, obrigatoriamente deverão levar em conta o papel do “guardião de sementes”. Essas políticas deverão considerar a repartição de benefícios, e logicamente terão como um de seus alvos aqueles que vêm mantendo, através do tempo, os recursos genéticos.

De acordo com Triches (2013) mencionando Sthapit *et al.* (2003), a partir da preocupante perda de recursos genéticos, a FAO, juntamente com outras instituições de diversos países, apresentou uma proposta para a conservação dos recursos genéticos vegetais, onde passaram a difundir um paradigma, segundo o qual, o problema da erosão genética seria resolvido com o desenvolvimento de uma rede de bancos de germoplasma para conservar a agrobiodiversidade do mundo. Isto resultou no estabelecimento do Conselho Internacional de Recursos Genéticos de Plantas (IBPGR), em 1974. Desde então, foi definida uma rede internacional de repositórios *ex situ* de germoplasmas de culturas,

coletando-se material genético dos principais centros de distribuição de cada espécie.

Conforme Triches (2013) referindo-se a De Boef et. al. (2007), a estratégia de conservação *ex situ* apresenta limitações, visto que boa parte dos bancos de sementes estão em situação de vulnerabilidade, pela falta de infraestrutura, financiamentos insuficientes ou instabilidades políticas. Entretanto, a limitação mais importante é a paralisação da evolução das espécies e o desenvolvimento de cultivos locais. A retirada dos genótipos do seu ambiente natural paralisa a evolução de espécies, onde os mesmos não estão mais sujeitos à adaptações contínuas das mudanças climáticas e à seleção dos agricultores. Eles (2013) destacam também que os coletores de plantas não buscam a fundo as características de uso nominadas por agricultores e nem o conhecimento inerente ao cultivo. Consideram, no entanto, que o mais grave é que a conservação *ex situ* não tem relação com as comunidades locais. (TRICHES, 2013).

Conservação *In Situ* – *On Farm*

Canci (2006) afirma que o desenvolvimento da agricultura ocorreu a partir do momento em que o ser humano passou a domesticar, proteger e garantir a conservação das espécies de interesse, onde as trocas de recursos genéticos e ou germoplasma nas mais diversas situações (entre vizinhos, parentes, tribos), construiu as redes de conhecimentos e intercâmbios informais relativos aos seus cultivos, criações e modos de vida. São essas redes informais de intercâmbio de agrobiodiversidade que garantem a conservação das variedades em uso e permanente evolução.

A conservação *in situ*, para Triches (2013) tende a deixar espécies no seu *habitat* natural, criando adaptações e evolução constantes, sendo aplicadas estas ferramentas em conservação da agrobiodiversidade na conservação de espécies, onde manter o sistema de cultivo seria um incentivo para manter o manejo humano por meio do qual a diversidade genética foi gerada ou foi domesticada.

O mesmo autor (2013) a conservação *on farm* da agrobiodiversidade tem sido o mais antigo método de conservação já praticada pela humanidade desde a descoberta da agricultura; sendo promovida pelo uso cotidiano dos povos tradicionais, revelando o importante papel que os agricultores desempenham para a conservação da biodiversidade.

Santilli (2009) coloca que a conservação *on farm* é prevista no Plano de Ação Global, que determina que os países devem promover e apoiar os agricultores e comunidades locais nos esforços de manejo e conservação *on farm* de seus recursos fitogenéticos. Esta foi a primeira vez que um tratado internacional reconhece o papel dos agricultores e das comunidades locais na conservação da agrobiodiversidade, obrigando os países a adotar ações, políticas e programas de apoio à conservação *on farm*.

A mesma autora diz ainda que a conservação *on farm* cumpre várias outras funções, além da conservação em si, como o empoderamento das comunidades locais, o fortalecimento dos sistemas agrícolas tradicionais e locais e a manutenção dos agricultores em suas terras (SANTILLI, 2009).

De acordo com Souza (2015), a manutenção da agrobiodiversidade e das variedades crioulas depende do manejo e da conservação realizada por comunidades locais de agricultores e/ou por agricultores familiares, camponeses. Nesse sentido, a conservação *in situ-on farm* torna-se uma forma dinâmica de manejo e conservação dos recursos genéticos vegetais, que permite a continuidade do processo de evolução.

Segundo a definição da Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), conservação *in situ* significa a conservação de ecossistemas e *habitats* naturais e a manutenção e recuperação de populações de espécies, em seus meios naturais e, no caso de espécies domesticadas ou cultivadas, nos meios onde tenham desenvolvido suas propriedades características (CDB, 1992).

Para Clement *et al.* (2007), a conservação *on farm* foca sua atenção nos cultivos de interesse dos agricultores e enquanto houver interesse, haverá conservação *on farm*. Sendo assim, além da importância relacionada à conservação da diversidade biológica, a conservação *in situ-on farm* está fortemente ligada à segurança e soberania alimentar das comunidades tradicionais.

Defendendo a conservação *in situ*, Triches (2013) cita Sthapit *et. al.* (2004), quando estes afirmam que:

A conservação *in situ* tem o potencial de: conservar os processos evolutivos de adaptação local dos cultivos em seu ambiente; conserva a diversidade em todos os níveis: do ecossistema, da espécie e da diversidade genética dentro das espécies; conserva os serviços do ecossistema que

são necessários para o funcionamento do sistema que permite a vida na Terra; melhora os meios de subsistência dos agricultores pobres através do desenvolvimento econômico e social; mantêm o aumento do controle e acesso dos agricultores sobre os recursos genéticos dos cultivos. A conservação da biodiversidade agrícola é fundamental para o futuro da segurança alimentar mundial. Além disso assegura seu potencial de gerir germoplasma pelos melhoristas de plantas e a outras necessidades futuras dos usuários (TRICHES, 2013, p.54).

Para Gliesman (2005) a conservação *in situ* requer que as unidades de produção agrícola e os produtores sejam os repositórios tanto da informação genética como do conhecimento cultural de como os cultivos são cuidados e manejados; os produtores têm que ser capazes de selecionar e conservar suas próprias variedades crioulas.

Como resultado da conservação *in situ-on farm*, o conhecimento tradicional dos agricultores e suas habilidades de manejo são cruciais para a manutenção da diversidade de variedades crioulas. A Medida Provisória Nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001, artigo 7º, define conhecimento tradicional associado como toda “*informação ou prática individual ou coletiva de comunidade indígena ou de comunidade local, com valor real ou potencial, associada ao patrimônio genético*”.

Para Ogliari et al. (2013) o longo tempo de uso e manejo das variedades crioulas pelos agricultores e a forma com que cada agricultor mantém sua variedade, possibilita, além da conservação, a continua evolução de cada material e uma diversidade de variedades, com características e adaptações distintas.

Clement *et al.* (2007) chamam a atenção para o fato de que a comunidade científica está preocupada com a grande proporção de recursos genéticos estarem perdendo importância até na subsistência, devida ao avanço da agricultura comercial, à integração político-econômica e às mudanças de costumes inerentes à globalização. Quando perdem importância, são candidatos à erosão genética e extinção local, e as oportunidades de uso futuro são extintas. Neste contexto, surge a proposta de difusão e expansão da conservação *on farm* como estratégia para conservar os recursos genéticos usados pelos agricultores, no seu próprio *habitat*.

De acordo com Souza (2015) o conhecimento das práticas de manejo realizado pelos agricultores é fundamental para o entendimento e manutenção dos recursos genéticos. Destaca, ainda, que os sistemas agrícolas são caracterizados por uma grande diversidade de espécies e variedades crioulas, e a manutenção destes recursos está fortemente ligada às práticas de manejo e conhecimento local.

1.5 Agricultura Familiar no Brasil

Neste item destaca-se os principais conceitos e noções da agricultura familiar, tanto no debate acadêmico, com caráter mais teórico, quanto por meio de conceitos mais operacionais, como é o caso do Relatório FAO/ INCRA (1994).

Conforme Tedesco (1999, p.33), a agricultura familiar apresenta as seguintes características: “a diversidade de manifestações de particularidades, a ótica da continuidade-redefinição das formas, valores e tradição, a família como proprietária, trabalhadora e produtora”, apresentando características próprias de produção e modo de viver no campo.

Já Gasson e Errington (1993) desenvolvem uma definição mais detalhada sobre a agricultura familiar, conciliando as relações entre a propriedade e o grupo doméstico, levando em conta fatores como a natureza da ocupação, do trabalho dos membros e a combinação entre a administração e controle dos negócios, além do processo de sucessão. Estes mesmos autores citam algumas características da agricultura familiar, quais sejam: a gestão é realizada pelos proprietários dos estabelecimentos; estes estão ligados entre si por laços de parentesco; O trabalho é feito pela família; o patrimônio e a gestão são repassados de geração a geração; todos vivem no estabelecimento.

No mesmo sentido, Tedesco (2001) elenca os meios de produção, a realização do trabalho com mão-de-obra familiar organizada em torno da e para a família para definir a agricultura familiar. Para este autor, os membros da família operam dentro de uma lógica organizada em torno de saberes e valores capazes de assegurar a produção e reprodução dos estabelecimentos.

Spanevello (2008) destaca o Relatório FAO/INCRA (1994), o qual considera que os agricultores familiares realizam o processo produtivo com maior ênfase na diversificação, na durabilidade dos recursos naturais e com decisões imediatas adequadas ao alto grau de

imprevisibilidade do processo produtivo. Já os agricultores patronais enfatizam a especialização, as práticas agrícolas padronizáveis e o uso de tecnologias dirigidas.

1.6 Reprodução dos Saberes Tradicionais e o Manejo das Sementes Crioulas: Forma de Autonomia e Permanência no Campo

A reprodução dos saberes na agricultura familiar ocorre a partir do lugar onde o agricultor está inserido, pela compreensão de mundo que possui. Mais do que um produto, as sementes remetem a saberes tradicionais centenários, onde cada indivíduo tem um sistema cultural em transformação constante, sendo estruturado pelos valores adquiridos no decorrer de sua trajetória pelos ensinamentos que recebem e pelas experiências vividas. A reprodução social é importante para a sucessão de saberes e técnicas tradicionais que auxiliam os agricultores familiares a não ficarem dependentes de empresas para executar sua produção.

A introdução dos filhos no trabalho familiar, que ocorre desde cedo no meio rural, é uma prática de transmissão de saberes e objetiva, além da educação, um incentivo para a permanência no campo. Os pais ensinam os filhos através da prática no campo, o que é de fundamental importância para que os filhos tenham interesse em continuar trabalhando na propriedade.

Desta maneira, Cassol (2013) afirma que o saber do agricultor familiar é fundamentado nas práticas cotidianas com a terra e com a família; são os valores em que a vida do agricultor familiar vem a somar-se com a natureza e direcionar suas práticas produtivas e sociais.

1.7 A Sucessão na Agricultura Familiar

De acordo com Stropasolas (2011, p. 26) a sucessão geracional é entendida “como a transferência de poder e do patrimônio entre gerações no âmbito da produção agrícola familiar”, tendo a saída das gerações mais idosas da gestão do estabelecimento e a formação profissional de um novo agricultor.

Para Spanevello (2008) um dos fatores do interesse na realização de estudos sobre a agricultura familiar se dá pela importância dessa agricultura para o desenvolvimento rural brasileiro. A agricultura familiar segundo Abramovay (2003) é responsável por boa parte da

produção de alimentos de subsistência no país, geração de empregos, conservação do meio ambiente e manutenção de relações sociais entre os indivíduos, ambas consideradas um capital social valioso ao meio rural e ao próprio desenvolvimento rural sustentável.

Em se tratando de desenvolvimento, há que se pensar nas consequências para o desenvolvimento rural quando surgem as incertezas quanto à sucessão familiar nas propriedades. Essas incertezas, segundo Spanevello (2008) são oriundas das mudanças estruturais (produtivas, econômicas e sociais) e pelo encurtamento das distâncias entre o rural e o urbano, que modificam as relações familiares, o modo de produzir e a permanência dos filhos na agricultura.

As mudanças que ocorreram no meio rural brasileiro trouxeram uma maior diversificação econômica ao rural. **Atualmente, o rural tem-se constituído num espaço multifuncional, envolvendo a presença de atividades agrícolas e também não-agrícolas**¹⁷.

Spanevello (2008) diz que nesta nova perspectiva do rural, as modificações foram acontecendo em termos populacionais através do crescimento das aglomerações urbanas e do esvaziamento do campo, com consequências para a sucessão em regiões agrícolas familiares.

Segundo Camarano e Abramovay (1999) e Beltrão et al (2004) o êxodo por si só já é considerado um processo de entrave à continuidade da população rural, porém a situação se agrava quando a migração é seletiva. Para estes autores, desde 1970, a saída da população jovem feminina foi superior à masculina. A consequência é o maior número de jovens do sexo masculino no meio rural e no meio urbano, em oposição, o que se observa é uma feminização.

Conforme Spanevello (2008) a descontinuidade dos estabelecimentos por parte dos filhos se relaciona ao crescente esvaziamento demográfico, econômico, cultural de regiões de predominância da agricultura familiar. Onde a permanência dos filhos deixa de ocorrer, os estabelecimentos familiares tornam-se suscetíveis à incorporação por outros proprietários. Com o esgotamento da capacidade física de trabalho dos pais, os mesmos acabam vendendo ou arrendando seus estabelecimentos a outros agricultores ou a moradores da cidade que transformam o estabelecimento em sítio de lazer ou de final de semana.

Em seu estudo sobre jovens da região sul do Brasil, Brumer (2007, p. 39) salienta que as reivindicações desses são o acesso a uma renda própria, cujos recursos eles possam decidir utilizar; e autonomia

¹⁷ Grifos nossos

em relação aos pais nas atividades agrícolas. Kischener (2015), complementa que entre o ficar e sair, há ainda a interferência das relações de comunidade, pois, a cada um que sai, a comunidade diminui e com isso as relações que antes eram mais próximas se distanciam.

Guindani (2015) também realizou um estudo sobre a permanência dos jovens no campo, no assentamento conquista da Fronteira em Dionísio Cerqueira/SC. A autora cita alguns motivos apontados pelos jovens para a saída do campo rumo às cidades. Dentre eles destaca o desejo de cursar faculdade; a ausência de tecnologia no campo, internet, telefone; a remuneração baixa; ausência de férias, etc.

A mesma autora aponta os motivos citados por alguns jovens do assentamento para a permanência no campo. Dentre eles: o trabalho coletivo proporciona tranquilidade e segurança; há possibilidade de estudar através do MST em parceria com o PRONERA; os jovens se sentem motivados a participar do coletivo e têm tomado iniciativas para melhorar as condições de vida, visando criar um ambiente que propicie a permanência dos jovens no assentamento. Participação em atividades de lazer, como o grupo de jovens; a inserção de novas tecnologias no campo, tais como os telefones e a internet, também são apresentadas como “motivos a mais” para permanecer no assentamento. Em relação ao trabalho no Assentamento, os jovens da pesquisa apontaram que estão contribuindo nas áreas onde tiveram formação na faculdade e que se sentem motivados a contribuir para aprimorar cada vez mais as linhas de produção existentes (p. 138);

Assim, verificamos que algumas questões apontadas pelos jovens que saíram do Assentamento, como elementos que motivaram a decisão de sair, são também apontados pelos outros jovens como pontos positivos que contribuem para que eles permaneçam no local.

Por sua vez, Silvestro *et al.* (2001), salientam que quando os agricultores locais são substituídos por outros de fora, perde-se boa parte do tecido social existente e das relações sociais próprias do meio rural. Dissolve-se a identidade com o meio rural, nas formas de sociabilidade entre amigos, vizinhos e parentes, grupos da terceira idade, de jovens, associações nas quais as pessoas não somente interagem, mas também se socializavam.

Spanevello (2008, pg. 21) considera que nem sempre a saída dos jovens pode ser considerada prejudicial seja aos filhos ou as suas famílias. Em casos de pobreza com escassas possibilidades de qualidade de vida, a migração pode garantir o acesso a melhores condições. A autora considera que migração torna-se prejudicial

quando é excessiva ou muito seletiva, migrando os jovens escolarizados, com maior potencial empreendedor ou somente as mulheres.

Por outro lado, as implicações migratórias também podem se estender sobre os estabelecimentos com sucessores. Nesses casos, embora haja filhos dispostos a permanecer como agricultores, a migração jovem feminina fortalece o processo de masculinização no meio rural. Essa condição coloca barreiras ao estabelecimento de relacionamentos e criação de novas famílias pelos futuros sucessores, em razão da falta de parceiras no meio rural e das poucas chances de vinda de moças de fora (meio urbano), tendo em vista a não atração pelo modo de vida rural (SPANEVERELLO, 2008, PG 21).

A agricultura familiar exige a continuidade da gestão e do trabalho familiar; porém suas dimensões têm possibilidade de instalar, na grande maioria dos casos, apenas um filho (ABRAMOVAY *et al.*, 1998). Além de, muitas vezes, os estabelecimentos não permitem que dele dependa mais de uma família, sem torná-lo inviável economicamente.

A agricultura é uma ocupação que busca assegurar a continuidade do patrimônio da família através da transmissão aos seus descendentes. Para Spanevello (2008, pg. 22), “a lógica da sucessão está na necessidade de manter o patrimônio familiar representado pela terra”. O atendimento dessa necessidade depende das condições econômicas e sociais oferecidas pelos agricultores aos seus filhos. O rompimento da sucessão ocorre quando os projetos individuais dos filhos se sobrepõe aos projetos os familiares e torna-se difícil formar um sucessor. Não havendo sucessores, a questão se volta para o destino do estabelecimento e na forma de divisão do patrimônio quando permanecem e quando não permanecem sucessores.

Para Wanderley (2001) existe entre as famílias um esforço para prover tanto as necessidades imediatas do grupo doméstico como a reprodução das próximas gerações.

Spanevello (2008) considera que o processo sucessório deve considerar o envolvimento dos filhos na gestão do trabalho e o desenvolvimento de habilidades para assumir o estabelecimento. Para estes autores, esse processo deve iniciar com a socialização das

crianças no trabalho, o aprendizado das técnicas de produção, trabalho em parceria bem como a divisão das responsabilidades com os pais e o controle do estabelecimento.

Em sua pesquisa, Abramovay *et al.* (1998) constataram que os pais conduzem o estabelecimento familiar sem a participação ativa e efetiva dos sucessores, apesar do aumento da expectativa de vida dos pais e do maior contato (em número de anos) entre eles. Para este, os filhos compartilham com os pais o trabalho na propriedade, esperando o momento da sucessão.

Os mesmos autores afirmam que a participação restrita dos sucessores pode comprometer o desenvolvimento do estabelecimento familiar pois limita os filhos em inovar a atividade agrícola ou a gestão, levando-os a buscar outras alternativas de vida. Neste viés, Brumer (2007), diz que caso tenham interesse pela atividade agrícola, os filhos podem ficar trabalhando ao lado dos pais esperando pela sucessão ou podem buscar outra atividade enquanto esperam, podendo perder a motivação para exercer a atividade agrícola.

1.7.1 A Questão de Gênero na Sucessão Familiar

Para Souza (2015), entender e valorizar o papel de homens e mulheres na conservação das sementes crioulas é fundamental para compreender a forma como é manejada a diversidade, visto que o conhecimento específico sobre determinado recurso genético, difere de acordo com o gênero, a idade ou grupo social do mantenedor.

Para o mesmo autor, todavia, a contribuição da mulher para a agrobiodiversidade não está ligada somente ao respeito à segurança alimentar da família. Nas últimas décadas, o papel da mulher na conservação, manutenção e uso sustentável dos recursos genéticos, vem sendo discutida em fóruns e acordos internacionais, tais como a Convenção da Diversidade Biológica (CDB) que reconhece ‘o *papel vital que a mulher desempenha na conservação e uso sustentável da diversidade biológica*’ e afirma ‘*a necessidade da plena participação das mulheres, em todos os níveis de decisão política e de implementação para a conservação da biodiversidade*’ (CDB, 1992).

Segundo Spanevello (2008), a escolha das mulheres como sucessoras, é mais rara e geralmente ocorre quando não há filhos homens ou elas são filhas únicas.

O trabalho das mulheres na agricultura, em geral, é somente considerado como “ajuda”, não é reconhecido como trabalho produtivo ou com valor econômico. A agricultura é definida como uma ocupação

masculina, fazendo com que as mulheres sejam vistas exclusivamente como donas-de-casa, não importando qual seja sua contribuição à agricultura familiar. Na sucessão, a questão de gênero se expressa na gerência sobre a terra e no trabalho agrícola, considerada de domínio masculino.

Stropasolas (2004) afirma que nas regiões coloniais em que predomina a agricultura familiar, verifica-se um padrão a respeito da sucessão das propriedades rurais; onde são principalmente os filhos homens que herdaram a terra, enquanto que as mulheres se tornam agricultoras através do casamento. Para o mesmo autor (2004) a vigência de relações sociais desiguais e excludentes no seio da agricultura familiar é um dos principais fatores responsáveis pela saída das mulheres do campo.

Stropasolas (2004) cita um trabalho da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), que estabelece uma vinculação entre o viés de gênero dos processos sucessórios e a migração seletiva no campo. Segundo a instituição, a vida no campo é mais atraente para os rapazes que para as moças. Se aqueles herdaram terra ou têm apoio para levar adiante atividades produtivas, podem elaborar projetos de vida que são alternativas válidas em relação à emigração para a cidade. No entanto para as moças, uma vida como esposa camponesa – conhecendo outras alternativas possíveis – pode ser rejeitada diante de aspirações de vida em outro meio cultural e ocupacional.

O mesmo autor destaca que

“A literatura tem ressaltado que nas formas sociais camponesas sempre houve um espaço restrito para a expressão das expectativas e valores dos jovens, tendo em vista que os padrões culturais que influenciavam a reprodução social de categorias nucleantes, como o trabalho familiar, o patrimônio da propriedade e o casamento, definiam papéis que subordinavam as aspirações pessoais dos membros da família aos interesses coletivos, cerceando a liberdade e a participação dos jovens no processo decisório. Às moças cabia um papel hierarquicamente inferior, seja no casamento, seja no processo sucessório” (STROPASOLAS, 2004 p. 256).

Em pesquisas realizadas na região Oeste de Santa Catarina, os resultados demonstram a existência, de uma frágil participação dos

jovens no processo decisório da agricultura familiar e, particularmente, um viés de gênero presente nessas questões, em prejuízo das mulheres jovens. O autor (2004) cita ainda estudos de pesquisadores do Centro de Pesquisa da Agricultura Familiar (Cepaf) da Empresa de Pesquisa Agrícola e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), que afirmam que a sua não-participação nas discussões sobre o futuro da propriedade explica a pouca atração que, em geral, as jovens têm pelo trabalho na agricultura. Os mesmos pesquisadores indicam que esse comportamento dos jovens é resultante de, pelo menos, duas razões, quais sejam: a ausência de espaço de participação na propriedade e seu desinteresse pela agropecuária em função da penosidade do trabalho.

1.7.2 A Construção das Mudanças na Questão Sucessória

Ao discutir a sucessão nos empreendimentos familiares agrícolas. Spanevello (2008) destaca que:

A perspectiva de manter assegurada a sucessão dos estabelecimentos familiares está associada às características familiares internas, ao processo de ensino-aprendizagem no trabalho familiar, à internalização da moral e dos valores, mas também às condições do próprio meio rural e da sua proximidade geográfica, econômica e social com as cidades. São razões/motivações que podem afetar a sucessão dos estabelecimentos familiares em função das mudanças da percepção em torno da ocupação agrícola e do modo de vida no meio rural (SPANVELLO, 2008, PG. 49)

Na percepção de Bourdieu (2000), a continuidade dos estabelecimentos através da sucessão estava alicerçada sobre o isolamento social e econômico do meio rural e dos seus habitantes. Anteriormente à introdução da modernização agrícola e subordinação da econômica camponesa à lógica de mercado, as comunidades rurais constituíam-se num “mundo social de base local”. Essa condição era dada pelo distanciamento geográfico; pela precariedade dos meios de transporte e de comunicação, e pela pouca dependência em relação ao mercado. Esse “isolamento” garantia uma homogeneidade social entre seus habitantes, permitindo a reprodução das próprias estruturas da agricultura, dos agricultores e dos seus filhos.

Spanevello (2008) considera que na região sul do Brasil, até o final da década de 1960 (período em que começa a expansão da modernização da agricultura) e com maior ênfase nas décadas de 1970 e 1980, a sucessão não enfrentava problemas no referente à instalação de novas gerações de sucessores, nem mesmo se cogitava a ausência de sucessores entre as famílias.

Abramovay *et al.* (1998) afirmam que a sucessão dos estabelecimentos familiares tinha por objetivo assegurar a integridade do estabelecimento paterno e garantir a instalação dos demais filhos na agricultura. A permanência filhos na agricultura era favorecida pela abertura do mercado de terras disponíveis permitindo aos mesmos residir no meio rural na condição de agricultores.

Nos dias atuais, o processo de sucessão na agricultura familiar é marcado por indefinições e incertezas. A continuidade de muitos estabelecimentos tem sido ameaçada seja pela impossibilidade da repartição das áreas para evitar a perda da viabilidade econômica seja pela vontade dos filhos em sair do meio rural.

Bordieu (2000) assevera que a desvalorização do trabalho no campo se dá por diversos motivos: difusão do automóvel, dos meios de comunicação e da política de escolarização, como processos que provocaram a abertura social, econômica e cultural do meio rural, ocasionando o estreitamento das relações com urbano e a construção de uma visão negativa sobre o rural.

Ainda de acordo com Bordieu (2000), os filhos vão percebendo as comparações entre os modos de vida rural e urbano, podendo ocasionar uma visão negativa da condição agrícola. Nesse caso, os filhos podem querer ou não, reproduzir a ocupação dos pais, podendo optar pela saída do meio rural ao perceberem as ocupações urbanas como melhores e mais bem remuneradas, quando comparadas com a agricultura.

Diferentemente das gerações passadas, que construíram suas experiências num espaço social mais restrito, Spanevello (2008) diz que as novas gerações estão cada vez mais inseridas num campo mais amplo de relações sociais e culturais que possibilitam um repensar sobre suas identidades e suas realizações pessoais.

Conforme a mesma autora, os filhos desenvolvem a disposição para outra ocupação, visto que hoje são maiores suas alternativas em relação àquelas oferecidas às gerações passadas, especialmente em termos de escolha profissional. A própria agricultura pode ser uma escolha, face a outras possibilidades. Esta autora afirma que ocorre também o desejo de moças e rapazes seguir residindo no

meio rural por este ser considerado como um local tranquilo, seguro e saudável de viver. No entanto, as perspectivas profissionais, especialmente das moças, estão voltadas para estudos e trabalho urbano.

Em suas pesquisas Brumer (2000) concluiu que as perspectivas da permanência dos filhos na atividade agrícola são dependentes de várias condições, tanto econômicas quanto sociais, mas principalmente das condições internas familiares. Dentre estas condições Spanevello (2008 pg. 59) destaca:

- Da viabilidade econômica - geração de uma renda considerada adequada pelos futuros agricultores, em comparação com as alternativas que lhes são oferecidas;
- Qualificação necessária para a integração do novo agricultor num mercado competitivo;
- Das oportunidades de obtenção de rendas complementares às atividades agrícolas
- Das relações que se estabelecem entre pais e filhos, no interior das famílias;
- Das relações de gênero, oportunidades para as mulheres;
- Da escolha profissional e valorização da profissão de agricultor e apreciação da vida no campo.

A mesma autora afirma que os filhos parecem aceitar a condição de sucessores a partir de determinadas condições favoráveis internas ao estabelecimento e à agricultura. A sucessão é dependente de fatores subjetivos e objetivos. As normas unicamente sociais cederam espaço a outras dimensões (inclusive a econômica) e modos de pensar a ocupação agrícola e a agricultura.

Dentre os fatores que condicionam a sucessão geracional Kischener (2015, p. 50), reportando-se a diversos autores que estão estudando a sucessão na agricultura familiar, destaca:

- **História:** Kischener (2015) diz que foi com a vinda dos imigrantes europeus no século XIX, que houve a importação do modelo de produção familiar que prevalecia em solo europeu. A compra de terras na vizinhança passou a ser a forma de compensação aos demais filhos preteridos na sucessão geracional da unidade de produção da família.

- **Gênero:** o mesmo autor (2015) diz que as tradições culturais (por exemplo, do casamento das mulheres com filhos de outros agricultores, com o pagamento de dote à família do noivo,

permitindo que esta recebesse a terra de outrem) junto com a pouca escolaridade dos pais, contribuíram para que se tornasse quase naturalizada a condição de preferência do filho em detrimento da filha. Assim, as estratégias em relação às jovens mulheres consistiam no casamento com filho de outro agricultor ou no avanço dos estudos, iniciando a preparação para um emprego urbano. A emigração das mulheres para as cidades em busca de trabalho e mesmo de casamentos com indivíduos urbanos, “acaba suscitando fenômenos como o surgimento da figura do “solteirão”, com o celibato masculino se intensificando”.

- **Renda:** dentre as alegações dos agricultores quanto às vantagens do meio urbano, é a renda agrícola menor em relação ao trabalho assalariado. A perspectiva de ser assalariado impulsiona a saída de alguns membros do estabelecimento rural.

- **Escolaridade:** em geral um filho ia estudar como estratégia compensatória ao alijamento do processo sucessório. Nesse processo conforme Camarano e Abramovay (1999), há a tendência de saírem mais mulheres do que homens para estudar, estabelecendo um processo de masculinização do rural.

Em seus estudos, Durston (1999) afirma que o acesso à educação expõe o jovem a novas ideias, sobre o mundo, sobre os valores éticos e direitos, podendo modificar “sua concepção de mundo” e possibilitar um novo ambiente de convívio familiar, e assim o processo de sucessão geracional poderá se desenvolver de forma menos conflituosa.

- **Projeto de vida dos jovens:** Kischener (2015, pg 55) afirma que recentemente devido ao maior acesso à escolaridade, meios de comunicação em áreas rurais, políticas públicas de acesso, diminuição do número de filhos nas famílias, dentre outros fatores, os projetos de vida dos jovens passam a ganhar destaque.

Segundo Toledo (2008, pg. 6) não há mecanismos que garantam a permanência da juventude rural junto às propriedades dos pais. Os filhos não vislumbram expectativas e atrativos que venham transformar o meio rural em um local adequado para o projeto de suas vidas.

- **Comunidade:** em suas pesquisas sobre a influência das relações sociais estabelecidas nas comunidades rurais na sucessão familiar, Kiyota e Perondi (2014a) apontam que as relações sociais existentes nas comunidades rurais e os seus aspectos sociais, culturais e psicológicos podem reforçar os sentimentos de pertencimento, confiança e bem estar dos jovens, tendo assim um papel importante na

opção de permanecer ou não na unidade de produção da família.

- **Trabalho:** Kischener (2015) diz que a penosidade e a falta de tecnologias poupadoras de mão de obra são fatores que contribuem para a saída dos jovens da agricultura. O incremento de tecnologias como forma de facilitar a vida cotidiana poderiam favorecer a permanência desses.

Em época de crescente tentativa de institucionalização do que se acredita ser a agroecologia, a sucessão “em propriedades que adotam modelos alternativos chama a atenção por se acreditar constituir-se mais uma estratégia de reprodução, associada à ideia de desenvolvimento sustentável” (KISCHENER, 2015, pg. 57).

2. CAPÍTULO II– A DIVERSIDADE DE SEMENTES CRIOLAS MANTIDAS POR FAMÍLIAS GUARDIÃS

2.1 A história/trajetória das famílias guardiãs de variedades crioulas no município de Anchieta/SC e os saberes tradicionais

De acordo com Souza (2015) conhecer a realidade local dos agroecossistemas na qual está sendo manejada a agrobiodiversidade é de extrema importância para compreender como a diversidade está estruturada e como ela pode ser conservada. Nesse sentido, Canci (2006) afirma que para o apoio às estratégias de manejo, uso e conservação da biodiversidade, é importante o conhecimento da realidade, identificando os diferentes perfis dos agricultores e papéis singulares que desempenham na comunidade, bem como o papel dos diferentes gêneros na conservação da diversidade.

Desta forma, para Souza (2015, pg 86) entender a realidade da família guardiã de variedades crioulas é de extrema importância na compreensão de como essa diversidade está estruturada, para apoiar o planejamento de futuras iniciativas de promoção da conservação *in situ on farm* desses materiais, assim como compreender quais são as perspectivas de sucessão familiar e de continuidade dos saberes tradicionais agregados - o trato cultural repassado de gerações em gerações, há anos.

Ao entrevistarmos as cinco (05) famílias selecionadas, foi possível verificar que a maioria delas é composta por descendentes de alemães e italianos, visto que a colonização do extremo oeste catarinense ocorreu a partir dos anos 1950, majoritariamente por colonizadores de origem europeia. Conforme Canci e De Boef, *et al* (2006), juntamente com os agricultores italianos e alemães vieram seus hábitos e costumes de uma agricultura “tradicional” e suas sementes para “fecundar a terra fértil”, a qual misturou-se aos conhecimentos, práticas e sementes dos indígenas que aqui já viviam. Conforme os mesmos autores, mesmo após decorrido mais de meio século da colonização, ainda persistem, nas comunidades de agricultores familiares do oeste catarinense, as sementes e os conhecimentos associados a ela.

Vale destacar que as propriedades em que as famílias guardiãs pesquisadas vivem foram adquiridas parte pelos seus pais, através de herança, sendo passada de pai para filho, e, parte, posteriormente, com o trabalho da família. O quadro abaixo identifica o tempo em que as

famílias detêm a posse destas terras, bem como a forma como a adquiriram.

Quadro 3: Posse da terra pelas famílias guardiãs

Família Guardiã	Tempo de Posse	Forma que Adquiriram
01	25 anos	Parte herança e parte compra com recursos próprios
02	36 anos	Parte herança e parte compra com recursos próprios
03	50 anos	Compra com recursos próprios
04	54 anos	Parte herança e parte compra com recursos próprios
05	13 anos	Compra com recursos próprios

Fonte: Dados primários. Elaborado pela autora.

Foi possível verificar, durante as conversas com as famílias 01, 02 e 04, que inicialmente trabalhavam na área oriunda de herança da família, e após alguns anos de trabalho, conseguiram adquirir terras próximas ou lindeiras (terras de outros que faziam divisa) para assim *“aumentar nossa área, bem como fazer capital para pensar no futuro dos filhos”* (Ent. 01; Família Guardiã 04).

Já as Famílias Guardiãs 03 e 05, compraram estas terras no município de Anchieta com recursos próprios, após venderem suas terras originais de outros municípios próximos.

Souza (2015, p. 109) afirma que *“o conhecimento das práticas de manejo realizado pelos agricultores é fundamental para o entendimento e manutenção dos recursos genéticos”*. Neste viés, Peroni & Martins (2000) e Peroni & Hanazaki (2002), salientam que os sistemas agrícolas são caracterizados por uma elevada diversidade de espécies e variedades e a manutenção destes recursos está fortemente ligada às práticas de manejo e conhecimento local, que são repassados de geração em geração, por longos períodos.

Frankel & Soulé (1981) e Brush (2000) (apud. Souza, 2015, p. 109) afirmam que *“a conservação in situ das variedades crioulas de espécies cultivadas, de maneira dinâmica e sem interromper os processos de interação entre homem e planta cultivada, somente é possível em parceria com as populações locais, ou seja, por meio da conservação in situ on farm, realizadas por populações que conhecem e manejam os recursos.”*

Vogt; Canci; Canci (2007, pg 39) afirmam que passados alguns anos desde o início do trabalho de resgate, conservação e manutenção de variedades de sementes e mudas crioulas no município de Anchieta, pode-se avaliar que as estratégias de organização comunitária, mobilização e sensibilização adotadas pelo Sintraf - Sindicato da Agricultura Familiar de Anchieta - mostraram-se eficientes. Inicialmente com trabalho de resgate do milho e hoje, decorridos mais de 10 anos, a diversidade de variedades crioulas aumentou significativamente.

Conforme os mesmos autores, atualmente as variedades locais de sementes crioulas vêm sendo cultivadas na maioria das comunidades e em grande parte dos estabelecimentos agrícolas do município, contrastando com a realidade anterior, quando as famílias agricultoras estavam submetidas à grande dependência das sementes comerciais.

Canci (2006) esclarece que o sistema local de intercâmbio informal de sementes e mudas foi fortalecido, garantindo a reprodução das variedades de milho e de outras culturas pelas comunidades. Além disso, Vogt; Canci; Canci (2007, p. 39) ressaltam que:

A organização dos agricultores de Anchieta e a sua luta em defesa da agrobiodiversidade têm inspirado o surgimento de diversos movimentos de valorização das sementes crioulas no estado, como é o caso de alguns municípios da região oeste dentre os quais Guaraciaba, São Lourenço do Oeste, Novo Horizonte e Palmitos e assim contribuído para a conservação da agrobiodiversidade e o fortalecimento da Agroecologia.

Para a Família Guardiã 04 nas trocas de experiências entre vizinhos e amigos em dias de campo¹⁸, assim como em palestras e treinamentos, e ainda em conversas informais com membros do Sintraf e pesquisadores que realizam suas pesquisas no município, muitos conhecimentos são adquiridos, lembrados e/ou testados.

¹⁸ Dias de campo: é um método de divulgação de práticas de cultivo agrícola ou agropecuário voltadas para o meio rural. É um método de comunicação em grupo e utiliza uma metodologia que possibilita uma demonstração prática de uma experiência visitada. Permite a troca de conhecimento, desperta e motiva nos participantes o interesse em adotar novas práticas.

Neste mesmo sentido, a Família Guardiã 05 informou que muitas práticas que nossas avós já realizavam, foram um pouco esquecidas, abandonadas. *“Aí em conversas e participações vamos percebendo que muitas pessoas executam aquele conhecimento e tem bons resultados. Assim vamos lembrando algumas coisas que havíamos deixado para trás e voltamos a praticar. Vemos que dá certo e contamos para nossos amigos, para que estes também possam praticar”*.

A Família Guardiã 03, que ainda conta com a presença e trabalho ativo da avó (são três gerações na mesma casa: avó, filha e netos), lembra que a cada plantio ou atividade surge uma novidade:

[...] é só prestar atenção, ela cuida as fases da lua para plantar as miudezas¹⁹, se tem que podar alguma coisa, tem o tempo certo. Isso muitas vezes a gente já sabe, mas na correria do trabalho no campo, vai fazer quando dá tempo, e aí pode ocorrer algo de errado...é aí que ouvimos: “mas também plantou na lua errada” (risos). (Ent. 01 Família Guardiã, 03)

As Famílias Guardiãs 01 e 02 afirmam que os trabalhos de resgate, manutenção e conservação de sementes e mudas crioulas realizados pelo Sintraf em parceria com outras entidades é de grande importância, não somente para quem mora no campo, mas para toda a população tanto do município como de fora dele, pois muitas coisas já estão sendo comercializadas graças a este trabalho. Segundo estes entrevistados, muitas famílias da cidade vêm para o interior comprar alguns alimentos, tais como mandioca, batata doce, pipoca, feijão novo. *“A cada dia mais pessoas estão tendo essa consciência de buscar pelo mais saudável, e o incentivo dessas entidades é importante para nós, vemos a valorização do nosso trabalho, plantamos alimento, e alimento de qualidade.”*

Para o Especialista 02, além do que já foi e está sendo feito, novas ações e atividades estão sendo pensadas e analisadas com a mesma finalidade: incentivar o resgate, o plantio e a disseminação das sementes e mudas crioulas, bem como dos saberes tradicionais associados a elas, e como fazer para repassar isso para nossos jovens.

¹⁹ Miudezas são consideradas popularmente culturas pouco ou nada comerciais, plantadas no entorno das residências, tais como batata, mandioca, pipoca, feijão, entre outros, para consumo da família.

A rápida irradiação do trabalho de resgate, conservação e manutenção de variedades de sementes e mudas crioulas no estado de Santa Catarina, contou também com a parceria realizada entre o Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA e a Companhia Nacional de Abastecimento - Conab. Através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da Conab, toda a produção de sementes de milho crioulo das famílias foi comprada e doada para outras famílias que ainda não tinham acesso a essas sementes.

Para os agricultores que produziram as sementes, esse mecanismo de compra pela Conab foi de grande importância, tanto pelo fato de ter proporcionado a melhoria das suas rendas quanto pelo reconhecimento oficial de suas sementes (Pantaleão; Freitas Sobrinho; 2007, p 10).

A Família Guardiã 01 revelou que já plantou feijão crioulo durante uns três anos para fornecer para a merenda escolar através destes programas de governo. Afirma que parou de plantar com este fim para fazer um trabalho de recuperação da fertilidade da terra, e acabou realizando outros plantios, mas há vontade de voltar a fornecer.

Já a Família Guardiã 05, vem, há pelo menos quatro anos, plantando e fornecendo milho e feijão crioulo para o PAA em parceria com uma cooperativa da região, que faz o trabalho de beneficiamento dessas sementes. Relatam que há intenção de continuar.

De acordo com o Especialista 01 nos últimos tempos, em função da atual conjuntura política, houve algumas dificuldades nos trabalhos envolvendo a Conab e seus programas, tais como cortes de recursos, fazendo com que a operacionalidade do programa fosse comprometida, os pagamentos atrasavam, comprometendo o trabalho de cooperativas que beneficiavam as sementes; se não havia ou atrasavam os pagamentos para as cooperativas, os agricultores acabavam demorando mais para receber os valores correspondentes a suas vendas, gerando dificuldades de manutenção ativa no programa, além de desânimo com tais políticas.

Além do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA²⁰), há ainda o Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE²¹.

²⁰ O Programa de Aquisição de Alimentos-PAA tem por objetivo a aquisição de produtos da agricultura familiar, com a finalidade de atender a demanda de alimentos de populações em condição de insegurança alimentar. Os participantes, agricultores enquadrados no PRONAF devem preferencialmente estar organizados através de grupos formais (cooperativas e associações).

Segundo o entrevistado, é necessário e de extrema importância o avanço dessas políticas públicas de incentivo ao cultivo orgânico/agroecológico, tanto no sentido financeiro para as famílias, quanto como um incentivo aos jovens filhos de agricultores, que, vendo uma nova opção de renda e de reconhecimento da família como beneficiária do Programa, seja do PAA ou do PNAE, e o valor intrínseco do fornecimento de alimentos saudáveis para outros, podem vir a entender esse diferencial a ponto de tomarem decisões de permanência no campo e de seus cultivos.

Corroborando com essas reflexões, Pantaleão e Sobrinho (2007, p. 10) afirmam que outra estratégia importante para a consolidação desse trabalho é a organização de bancos comunitários de sementes. São neles que as famílias camponesas armazenam, trocam e adquirem suas sementes.

Com as políticas públicas, a participação da comunidade e o auxílio de entidades civis, além da expansão das ações de resgate das sementes como estratégia de promoção da soberania alimentar e do manejo da agrobiodiversidade, tem-se a perspectiva de alavancar as ações de melhoramento participativo da diversidade de variedades locais, bem como incentivar e valorizar, por meio de trabalhos de base (tais como: cursos de capacitação, dias de campo, trocas de experiências) a participação dos jovens nas ações e decisões quanto ao futuro das propriedades e no trato com as sementes.

Na sua vivência profissional o Especialista 04 declarou que presencia diariamente muitos agricultores e agricultoras trocando suas sementes, levando para seus vizinhos, compadres e ainda para o banco de sementes disponível no Sindicato dos Produtores Rurais (Sintraf/Anchieta). Os agricultores encaram esse tipo de troca não somente como meio para enriquecer sua diversidade, mas também como forma de fortalecer os laços de solidariedade e confiança entre as famílias, e ainda pela “sensação de dever cumprido” ao disponibilizar

²¹ O Programa Nacional de Alimentação Escolar-PNAE é um programa do governo federal que tem por objetivo oferecer alimentação saudável aos milhões de estudantes das escolas públicas de todo Brasil. Tem como principal objetivo a melhoria das condições de aprendizagem, ensinar práticas alimentares saudáveis aos alunos por meio de ações de educação alimentar e de alimentos que supram as necessidades nutricionais. Disponível em Instituto Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER: <http://www.emater.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=147>. Acesso em 06/11/2017

suas sementes no banco de sementes, para que outras pessoas também tenham acesso.

Para a Família Guardiã 05, as sementes são portadoras de lembranças, costumes e histórias de seus antepassados e precisam circular. “*É gratificante quando um vizinho, conhecido, ou amigo, diz com alegria que tal planta é uma delícia, ou que o faz lembrar da sua avó*” – referindo-se ao caso em que a família deu semente de milho branco doce para um amigo, obtendo um retorno positivo.

Foi unanimidade entre as famílias o elogio e o reconhecimento para as instituições do município que estão à frente dos trabalhos de resgate, manutenção e diversificação de variedades crioulas. As instituições mais citadas foram: Epagri, Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA, Sintraf Anchieta, Movimento das Mulheres Camponesas- MMC, e Prefeitura Municipal, sendo estes os maiores idealizadores das atividades relacionadas. Além destas, a Família Guardiã 02 citou a colaboração do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC e da Universidade do Oeste de SC - UNOESC ambos de São Miguel do Oeste, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e outras instituições de pesquisa como entidades que incentivam a agricultura e preservação do meio ambiente através de diversas pesquisas e/ou de trabalhos acadêmicos aplicados que envolvem a população.

Todas as famílias pesquisadas relataram ainda que os conhecimentos aplicados no trato cultural, na forma de plantar, cuidar, colher, o cuidado com as épocas destinadas para cada atividade, muitas vezes têm relação com os cursos, dias de troca e dias de campo que são realizados no município, e ainda no conhecimento repassado pelo sindicato quando pegam sementes do banco de sementes. Mas, além disso, os principais conhecimentos e os mais importantes, na visão dos guardiões “*não é o conhecimento dessa gente que só estuda*²², *mas sim aquele que nossos pais nos ensinaram, pela maneira que os nossos avós, apesar das dificuldades da época, realizavam seus cultivos, e da gente vendo nossos pais fazer as coisas*” (relato da Família Guardiã 01). Essa reflexão é apontada em estudos anteriores (MPA,2016; Gliessman, 2000; Cassol, 2006).

Um dos entrevistados (Esp.01) relatou que em 2004 participou da festa das sementes crioulas em Anchieta, e que dessa forma conheceu melhor a causa, o MPA, e pesquisadores e cientistas envolvidos com a questão das sementes crioulas. Coordenou cursos de formação de equipe

²² Referindo-se ao conhecimento científico.

técnica e agricultores em Goiás e Alagoas; desde 2004 vem trabalhando nesta área de conservação de sementes crioulas e a preocupação com o futuro das propriedades que dispõem de uma diversidade generosa de variedades. Destacou que por intermédio do Movimento dos Pequenos Agricultores acompanhou os debates em Brasília, em espaços formais e não formais, discutindo em debates nacionais, na Associação Nacional de Agroecologia –ANA, no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional- CONSEA sobre segurança e soberania alimentar, para além da via campesina, e vê nestes espaços de formação e de debate um importante aporte para esclarecimentos, trocas de ideias, e de difusão da realidade vivida pelos agricultores guardiões de sementes.

O mesmo entrevistado (Esp. 01), cita ainda que os agricultores sempre colhiam e guardavam as sementes para plantar na safra seguinte. Ele prossegue informando que tomando como exemplo as secas que ocorriam no semiárido brasileiro e através das experiências realizadas pela Articulação do Semiárido Brasileiro²³, na Paraíba, desenvolveu-se um trabalho dos bancos comunitários de sementes, nos quais o MPA se engaja e passa a visualizar/idealizar um processo de armazenagem adequado das sementes que os agricultores guardam em casa, cuidando do armazenamento, da seleção do material a ser plantado...

Especificamente sobre o MPA, o entrevistado supracitado ressaltou o importante papel desse Movimento que desenvolve um trabalho efetivo de resgate, manutenção e conservação da agrobiodiversidade; luta pelos direitos dos povos, e pelo resgate de saberes.

Então nesses 20 anos o MPA vem desenvolvendo várias ações: hoje faz um trabalho de discussão sobre o papel da mulher na produção, de aproximar os jovens dessa discussão, da permanência no campo; do processo de formação profissional diferenciada. O MPA incentiva que os filhos de agricultores familiares não parem de estudar, assim podem aperfeiçoar os conhecimentos e retornar ao trabalho do campo com uma experiência e visão diferenciadas. Para auxiliar, o MPA tem parcerias com diversas escolas de ensino profissionalizante, tais como a ELLA - Escola Latinoamericana de

²³ É um fórum de organizações da sociedade civil, que vem lutando pelo desenvolvimento social, econômico, político e cultural do semiárido brasileiro, desde 1999. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/>

Agroecologia,²⁴ casas familiares e colégios agrícolas e com o instituto federal. Além disso, oferece oportunidade de estágio para os estudantes, seja nos sindicatos, com os pesquisadores e/ou na cooperativa de beneficiamento de sementes, com a finalidade de auxiliar na formação dos jovens.

2.2 A diversidade de variedades crioulas mantidas e sua importância para as famílias guardiãs

Para Ogliari et al., 2013a variedades crioulas são aquelas conservadas, selecionadas, multiplicadas e usadas por agricultores ao longo de muitos anos de cultivo, sendo consideradas populações geograficamente distintas, diversas em sua composição genética e adaptadas às condições agroclimáticas e ecológicas particulares às áreas de cultivo. Souza (2015 p. 26) afirma que o longo tempo de uso e manejo das variedades crioulas pelos agricultores e a forma com que cada família mantém sua variedade, possibilita, não somente a conservação, mas a contínua evolução de cada material e uma diversidade de variedades, com características e adaptações distintas.

Afirma ainda a mesma autora que o tempo em que uma variedade está sendo mantida em uma determinada região tem influência na adaptação local da variedade a contextos culturais e socioambientais específicos, que se estabelecem ao longo dos anos de cultivo. Assim, a conservação *in situ-on farm* é de fundamental importância para a evolução e diversificação das espécies, o contrário da conservação *ex situ*, que interrompe os processos naturais de evolução e coevolução dos recursos fitogenéticos. “Por este motivo, as variedades crioulas conservadas por agricultores ao longo de muitos anos são importantes fontes de alelos para programas de melhoramento” (Souza, 2015 pg 62).

²⁴ A Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA), localizada no assentamento Contestado, município da Lapa (à 70 km de Curitiba-PR). Fundada em 27 de agosto de 2005, pelos camponeses, é mais instrumento na luta pela construção de uma nova matriz de produção, baseada na agroecologia e na preservação do meio ambiente. No local estão sendo formados tecnólogos em Agroecologia para contribuir no avanço deste modelo de produção no campo.

Assim, entender a quantidade e a distribuição da diversidade de cultivos locais ao nível de comunidade é uma informação básica necessária para entender o manejo da agrobiodiversidade pelos agricultores. Além disso, a caracterização e o conhecimento da diversidade de variedades crioulas são de fundamental importância, como informação base para o desenvolvimento de estratégias integradas de conservação (Souza, 2015, p. 47).

Vogt (2005) analisou a origem das sementes crioulas em Anchieta e identificou como principal doador o Sintraf local, seguido pelo intercâmbio de semente com vizinhos, troca entre amigos e parentes. Assim como citado pelos Esp.04 e Esp. 05 o intercâmbio de sementes de variedades locais é muito praticado entre os agricultores. Durante o Censo da Diversidade realizado em Novo Horizonte, Triches (2013) observou que vizinhos e herança de família foram as principais origens das sementes dos agricultores do município, perfazendo quase 50% das indicações.

Nos diálogos com as Famílias Guardiãs 03 e 04 (ambas possuem três gerações, avós, filhos e netos morando na propriedade) houve relato de que grande parte das sementes e mudas crioulas que dos avós já tinha sido cultivada, parte foi perdida e posteriormente recuperada com amigos, vizinhos ou no sindicato, e novas variedades foram adquiridas desta mesma maneira.

A Família Guardiã 05 diz que a maioria das sementes foi adquirida nos dias de troca e através do sindicato.

Reforçando evidências anteriores, por sua vez, na Família Guardiã 01 a principal origem das sementes foi herança vinda da bisavó materna (já falecida), que deixou sementes com a mãe que, por sua vez, repassou para os filhos. A família citou como exemplo de sementes repassadas por herança: o milho branco doce, feijão mourinho e a alface crespa de cor clara, sendo que todos estes vêm sendo cultivados pela família desde então e cedidos para vizinhos para cultivo, disseminação.

Na Família Guardiã 02, a maioria das variedades foi adquirida de parentes próximos.

Para Canci (2006), as redes informais de intercâmbio da agrobiodiversidade garantem a conservação das variedades em uso e em permanente evolução. Além disso, o mesmo autor afirma que juntamente com o intercâmbio de sementes, ocorre a troca de conhecimentos entre os agricultores, que é parte fundamental das inter-

relações humanas para a conservação da agrobiodiversidade. Assim, a troca é uma alternativa para diminuir a vulnerabilidade das sementes, garantir seu vigor e obter um número maior de variedades.

Em nossa pesquisa de campo identificamos que a mulher é a principal responsável pelo manejo e conservação da diversidade genética dessas variedades, com finalidade principal de autoconsumo da família, corroborando com o estudo de Souza (2015) ao pesquisar o milho doce e adocicado em Anchieta e Guaraciaba, ao caracterizar os agricultores mantenedores. A mesma autora afirma que os agricultores selecionam e beneficiam as sementes com o objetivo de garantir a qualidade das mesmas que, na sua maioria, são armazenadas em pequenas quantidades em grãos dentro de garrafas *pet*, em espigas na geladeira e ainda são realizadas as trocas e/ou doação ao banco de sementes do Sindicato.

Identificamos uma diversidade de variedades de sementes e mudas crioulas que são mantidas pelas famílias guardiãs pesquisadas.

No quadro que segue, apresentamos as variedades de sementes e mudas crioulas que cada família nos relatou conservar.

Quadro 4: Sementes crioulas mantidas pelas famílias guardiãs

Família Guardiã	Semente e/ou Mudas crioulas que mantêm
01	Feijão, arroz, pipoca, batata doce, amendoim, abóbora, moranga, alho, milho comum
02	Radite, feijão, mandioca, rúcula, tomate, milho comum e milho doce, pipoca
03	Milho comum e milho doce, pipoca, feijão, arroz, alface, tomate, pepino
04	Trigo, arroz, lentilha, abóbora, batatinha, banana, melancia, milho branco, feijão, radite, milho comum
05	Batata doce, batatinha, amendoim, mandioca, feijão, milho comum e milho doce, pipoca

Fonte: Dados primários. Elaborado pela autora.

Conforme verificamos na tabela acima o cultivo do milho, arroz, feijão e pipoca é quase que unanimidade entre as famílias, sendo estas variedades as que têm uma maior área de cultivo, já que muitas vezes são comercializadas também. Além destas, as hortaliças e “miudezas” ganham destaque pela diversidade em cada propriedade.

Todas essas variedades têm uma história, um sentimento agregado, seja por se tratar de uma semente/muda que a avó repassou

para a mãe que, por sua vez, vem cultivando; seja por se tratarem de cultivos especiais pelo “gosto diferenciado”, pela cor, dentre outros aspectos.

Sobre a importância da conservação, o Especialista 01 esclareceu com veemência que se trata de uma questão fundamental, não somente para os agricultores, mas para o futuro da espécie humana. Isso porque:

[...] nós estamos vivenciando hoje um processo muito forte, e cada ano que passa, as pessoas comuns/cidadão comum, do campo ou da cidade, tem percebido que a cada dia faz mais calor, as estiagem são mais prolongas e/ou mais constantes, as chuvas são mais torrenciais; não só no extremo oeste, mas no país todo, e os cientistas vêm mostrando isso, as condições climáticas estão se modificando, está se constando que é por uma ação humana, e com isso as plantas e animais estão sofrendo também com essas mudanças do clima. Talvez a gente não esteja sentindo aqui nessa região do planeta, efeitos climáticos tão intensos que estão causando a perda física do material genético, em outras regiões do planeta isso já está ocorrendo como no oriente médio. Ásia, está à mercê de algumas ilhas ficarem submersas devido ao derretimento das calotas polares, então a conservação é importante porque o que tem se apresentado pelos governos em nível internacional, a proposta oficial é que se faça o armazenamento desse material genético em uma câmara fria (a arca de Noé numa câmara fria), como se isso pudesse resolver o problema. (Esp. 01)25

Relatou, ainda, o especialista entrevistado (Esp.01), que temos muito material genético conservado nos bancos da Embrapa, da Epagri, das Universidades, entre outras instituições, mas esse material fica estático, não acompanha essa variação do clima como as plantas que estão a campo. Ele faz então uma crítica aos governos, pois essa forma de conservação não pode ser a única solução ou a solução definitiva.

²⁵ Grifos nossos. Entrevista concedida à autora em 22 de Julho de 2017 em São Miguel do Oeste/SC.

Corroborando com esta reflexão, outro especialista entrevistado (Esp.03), afirma que:

A conservação precisa ser feita pelos agricultores/as, precisa ser feito um trabalho de resgate de conhecimento, de resgate de material genético, bem como, um repasse desse conhecimento para as novas gerações, para os jovens, e isto está sendo feito de uma forma pontual por algumas organizações, basicamente sem recursos públicos, mas está sendo feito, porém é uma ação muito pífia/fraca pelo trabalho que precisa ser feito²⁶.

Sobre o melhoramento genético, assim se posicionou outro especialista entrevistado:

Existem alguns trabalhos que foram desenvolvidos sobre o melhoramento genético de algumas espécies (milho, arroz, etc), foi feito melhoramento nessas cultivares nos anos 60, 70, 80 e 90, onde tem se constatado que há uma perda da variabilidade genética, e conseqüentemente a seleção de genes para melhor produção, resistência a seca, doenças ou ataques de pragas, tem, ao mesmo tempo, de forma inversa reduzido os teores de nutrientes desses alimentos; então o alimento que o pessoal da cidade tem consumido, tem menor teor nutricional do que tinha a 20, 30, 40 anos atrás. (Esp.01) 27

Ainda, tratando-se da conservação das variedades desenvolvidas ou mantidas pelos agricultores/as, segundo um dos especialistas entrevistados (Esp.03) trata-se um assunto de fundamental importância porque é fonte de variabilidade genética para o

²⁶ Entrevista concedida à autora em 02 de Agosto de 2017 em São Miguel do Oeste/SC.

²⁷ Entrevista concedida à autora em 22 de Julho de 2017 em São Miguel do Oeste/SC.

melhoramento genético, que ele pode ser feito por uma instituição pública ou privada, e ou ainda de forma participativa junto com os agricultores/as. *A gente está em um processo gradativo e contínuo de degradação/erosão genética, onde cada pouco tempo se perdem as variedades e os conhecimentos tradicionais agregados a elas, e aí como resgatar?*

Para a Especialista 02, os agricultores precisam de sementes de boa qualidade e com as características necessárias para seus objetivos e condições ambientais específicas. Isso, porém, é difícil de avaliar no caso de compra de sementes, pois não é possível saber as características e o desempenho das plantas somente olhando para a embalagem do que está sendo comprado. Isso só será conhecido quando a semente for plantada e o cultivo se desenvolver.

Badstue (2007, p.18) afirma que a falta de transparência também está ligada aos diversos fatores ambientais que influenciam o desempenho do cultivo, especialmente em espécies de polinização aberta que apresentam maior variação em suas características genéticas de uma geração para a outra (em contraste com plantas que crescem de tubérculos, mudas ou manivas, ou de espécies de autopolinização, como o feijão). Cita como exemplo o milho, que é uma espécie com alta interação genótipo X ambiente, já que o seu desempenho produtivo em ambientes diferentes depende muito da composição genética da variedade. Assim, uma variedade pode produzir muito bem em um ambiente e não tão bem em outro.

O mesmo autor (2007, p. 18) itera que, *“portanto, ainda que os agricultores inspecionem as sementes antes de comprá-las, eles dependem amplamente da informação oferecida pelo fornecedor no que se refere às características de produção e de uso, à adaptação ambiental e à qualidade da semente”*.

Para o autor supracitado, em estudos com agricultores dos Vales Centrais de Oaxaca (México), **o meio mais comum e seguro de garantir as sementes para a próxima safra é selecionar e guardar a semente de sua própria colheita**, pois há a questão da confiança nas sementes que os guardiões selecionam e também a consciência de que suas sementes irão apresentar certo padrão sob as condições específicas em que são cultivadas. Um dos especialistas, em seu relato (Esp.01), concorda com estas afirmações.

Nesse sentido, tanto os entrevistados da Família Guardiã 03 quanto outro especialista (Esp.04) citam a importância de divulgar informações a respeito das sementes e/ou mudas quando acontecem os dias de troca de sementes, ou ao dar uma amostra para um amigo,

vizinho, parente, bem como ao disponibilizar as mesmas para o banco de sementes do sindicato. *As pessoas precisam saber quem deu as sementes pra quando precisar informações sobre elas, técnicas de cultivo e tal, saber aonde pedir. As vezes por falta de informação, uma variedade não se desenvolve e não produz como esperado, por falta de informações certas* (Família Guardiã 03).

Badstue (2007) acrescenta que:

[...] os agricultores escolhem as variedades de milho de acordo com suas preferências. Por questões sociais, culturais e ambientais, uma variedade pode ser apropriada para um agricultor, mas não necessariamente para outro. O agricultor conhece as características do seu milho tão bem quanto o manejo e o desempenho sob as circunstâncias específicas em que ele foi cultivado. Conhece também quando e onde a semente foi selecionada e como foi armazenada. Até mesmo as características de consumo relacionadas com aquele milho particular são bem conhecidas. **Assim, ao utilizar as sementes que conhece e nas quais confia, o risco de perdas na safra é minimizado.** (Badstue, 2007, p.18).²⁸

Conforme a Especialista 05, a procura por sementes externas ocorre quando a colheita é reduzida ou houve perdas de sementes na estocagem; quando a família utilizou a semente para alimentação ou teve que vender toda a produção, mas, principalmente ocorre quando deseja experimentar outras variedades. Assim os dias de campo e dias de troca são fervorosos. As famílias guardiãs têm o anseio de conhecimento, quanto maior for a diversidade de cultivos em sua propriedade, melhor será.

O fato de os agricultores terem interesse em experimentar e aprender sobre diferentes variedades, mesmo sabendo dos riscos envolvidos, representa uma oportunidade no que se refere ao desenvolvimento e conservação da diversidade genética dos cultivos (Badstue, 2007, p.21).

Temos sementes aqui que nem sei desde quando nossa família cultiva, lembro da nona deixando as alfaces mais bonitas na horta que

²⁸ Grifos nossos

era pra semente. Depois a mãe também fazia isso, agora nós, e estamos passando isso para os filhos (Família Guardiã 03).

Os agricultores têm a convicção de que o uso de sementes por eles conhecidas e selecionadas é a melhor opção para atender às suas necessidades e preferências, além de minimizar riscos.

No capítulo seguinte descreveremos dados históricos do município de Anchieta/SC, bem como os fatores que afetam a manutenção e a guarda das sementes/mudas crioulas, observados em outras pesquisas (fontes secundárias) e nos diálogos mantidos com as famílias guardiãs.

3. CAPÍTULO III IMPLICAÇÕES DOS FATORES SOCIAIS, ECONÔMICOS E CULTURAIS QUE AFETAM A MANUTENÇÃO DA GUARDA DAS SEMENTES CRIOLAS

3.1 Anchieta: contexto histórico

A agricultura familiar na região Oeste de Santa Catarina se consolidou a partir de um processo histórico de colonização direcionada pelo Estado, baseada em um contingente de descendentes de agricultores do Rio Grande do Sul de origem europeia que demandava áreas para o desenvolvimento de suas atividades agrícolas (Canci e Brassiani, 2004).

A partir do início do estabelecimento dos agricultores migrantes do Rio Grande do Sul no Oeste de Santa Catarina, que se estendeu das décadas de 1920 a 1970, uma nova dinâmica de uso da terra foi estabelecida na região, baseada inicialmente na abertura das terras pela derrubada das matas nativas e o estabelecimento de cultivos de espécies anuais, como milho, feijão, trigo, entre outros produtos vegetais, assim como na criação de animais domésticos. A região teve uma evolução econômica intensamente acelerada a partir da década de 1970 pelo desenvolvimento do setor agroindustrial.

Conforme Canci e Brassiani (2004), o município de Anchieta foi formado a partir do início da década de 1950, principalmente por migrantes gaúchos de origens italiana (maior parte), alemã e polonesa e por catarinenses de origens portuguesa e cabocla, sendo oficialmente criado em 29 de março de 1963. Antes deste período era pertencente ao município de Chapecó.

O município de Anchieta está localizado na região Sul do Brasil, mesorregião do Oeste de Santa Catarina e na microrregião do Extremo Oeste (IBGE, 2010). Essa região possui clima mesotérmico úmido, temperatura média anual de 17,8 °C, precipitação pluviométrica anual em torno de 1.700 a 2.000 mm e a vegetação pertence ao Bioma Mata Atlântica (IBGE, 2010). Canci & Canci (2007) afirmam que a região do Extremo Oeste catarinense é caracterizada por minifúndios - cerca de 75 mil estabelecimentos - com 70% das propriedades com menos de 20 ha e 95 % com menos de 50 ha, localizadas em áreas acidentadas.



Figura 1 - Localização de Anchieta - SC.

Fonte: IBGE. Disponível em: <https://mapas.ibge.gov.br/interativos>

O município de Anchieta possui uma área geográfica de 231 km², com uma população estimada²⁹ de 5.832 mil habitantes, sendo que, destes, em torno de 59,5% residem no meio rural (IBGE, 2017).

Ainda de acordo com Canci e Brassiani (2004) a área ocupada pelo município de Anchieta é composta por 10% de relevo plano, 15% de relevo ondulado e 75% de relevo montanhoso, com altitudes variando de 500 a 950 metros; a vegetação natural deste município caracteriza-se como Floresta Estacional Decidual (em torno de 85% do município) e Floresta Ombrófila Mista (15% do município), está localizada na região mais alta do município, sendo considerada como uma transição entre estas duas fitofisionomias florestais da Mata Atlântica.

Canci e Brassiani (2004) afirmam que a agricultura é uma das principais atividades econômicas do município, mas além desta atividade, possui indústria madeireira e moveleira, indústrias de máquinas para madeiras, indústrias de fibras de vidro e agroindústrias (empresas de pequeno porte, microempresas sobretudo vinculadas à produção de açúcar mascavo, aguardente, farinha, embutidos de suínos, conservas e doces), dentre outras.

²⁹ Estimativa do IBGE para 2017. No Censo Demográfico de 2010, haviam 6.380 habitantes. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420080&search=santa-catarina|anchieta> Acesso em: 09/11/17

Conforme os mesmos autores (2004), o espaço rural está organizado em 31 comunidades, que estão estruturadas como associações criadas já nos primeiros anos em que os agricultores descendentes de europeus se estabeleceram no município. As comunidades possuem em suas sedes uma construção onde são realizados cultos ecumênicos e onde funcionava a escola³⁰, além de bodega (pequeno bar e mercearia), podendo ter também campo de futebol e cancha para bocha.

Diversas organizações sociais estão presentes no município, principalmente ligadas à agropecuária, segundo Canci e Brassiani (2004). Dentre estas, de acordo com informações prestadas pelos especialistas entrevistados (Esp.04 e Esp.05) destacam-se as seguintes: Movimento das Mulheres Agricultoras – MMA, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, Associação dos Agricultores Produtores de Milho Crioulo Orgânico e Derivados – ASSO, Associação dos Feirantes Orgânicos de Anchieta – AFOA e Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar do município – SINTRAF.

Souza (2015) em seus estudos, afirma que todos os agricultores mantenedores de variedades crioulas de milho doce e adocicado afirmaram estar vinculados a algum tipo de organização. As principais parcerias citadas são: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ao qual 52% são associados; a Cooperativa da Região (Cooperalfa), à qual 41,4% são associados; e as igrejas (em geral, não citando religiões) com 55,2% participantes.

Vale ressaltar que as famílias participam de mais de uma organização, algumas de até quatro, o que pode facilitar a realização e desenvolvimento de ações de conservação dos recursos genéticos nos municípios, bem como no desenvolvimento de iniciativas de incentivo à organização de bancos comunitários de sementes, entre outras ações (Souza, 2015 p. 93).

Para um dos especialistas entrevistados (Esp.01), em 1996, com o surgimento do MPA vivia-se um momento de mudança do marco

³⁰ Em muitas comunidades as escolas do campo foram fechadas/desativadas por não haver alunos suficientes para mantê-las em perfeito funcionamento. Há algumas (em torno de 6 ou 7) em que ainda há atividades.

legal e de desenvolvimento de políticas públicas que favoreciam o agronegócio e o setor produtivo das grandes corporações, isso causava muitos prejuízos aos pequenos agricultores que se tornaram dependentes do pacote tecnológico do modelo agrícola neoliberal, “moderno”, grandes extensões/agricultura extensiva, que preconiza o autoconsumo de insumos, agrotóxicos, sementes melhoradas, etc... (referindo-se à Revolução Verde³¹) e, na região pesquisada, este fato ocasionou um processo intenso de mudanças, favorecendo as agroindústrias de grande porte, e facilitando a expulsão dos jovens do campo em favor do trabalho na agroindústria, submetendo o agricultor à dependência direta do mercado externo para produzir.

Foi aí que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Anchieta viu que não dava mais para continuar, que optou por fazer um trabalho de resgate de sementes crioulas em Anchieta. Foi contratada uma equipe técnica para auxiliar, pra contribuir, porque os agricultores de uma forma geral não sabiam mais manejar; precisava ser feito um trabalho de resgate do conhecimento e das práticas agrícolas tradicionais para com as variedades crioulas, primeiro o milho, feijão, arroz... indo para outras variedades (Esp.01).

O MPA começou as discussões na região de Anchieta porque o processo de modernização da agricultura no país teve início de forma mais intensa no sul do Brasil e no eixo Rio/São Paulo/Minas e, mais tardiamente, em outras regiões, onde até a década de 90 produziu-se mais para autoconsumo; o que implica dizer que as regiões brasileiras não vivenciaram o processo de modernização da mesma maneira.

³¹ Revolução Verde: Expressão criada em 1966 por Willian Gown numa conferência de Washington para significar uma “modernização da agricultura” por meio de um modelo agrícola baseado no uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. A implantação de modelo iniciou-se na década de 1940, mas expandiu-se massivamente pelo mundo e pelo Brasil na década de 1970. Essa modernização na agricultura trouxe como efeito o aumento da produção agrícola, mas também graves consequências de ordem ambiental e social. Para Stedile há [...] consequências perversas, como o esgotamento dos recursos naturais, a contaminação dos alimentos por agrotóxicos, a expulsão da mão-de-obra do campo e o inchaço das cidades. Stédile, 2009 in: <http://diplomatieque.org.br/uma-outra-matriz-productiva/>.

Segundo Vogt (2005), a partir de 1996 foi criado no município de Anchieta o “Programa Municipal de Produção Própria de Sementes”, especialmente as de milho, contando com a liderança do Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Anchieta – SINTRAF, além de outras entidades, o que levou à realização da Festa Nacional do Milho Crioulo – FENAMIC e o reconhecimento de Anchieta como “Capital Catarinense do Milho Crioulo”, pela Lei Estadual nº 11.455 de 2000. Este programa tem sido responsável por ações de identificação e resgate de sementes locais, resgate dos conhecimentos tradicionais e levantamento das informações sobre os aspectos culturais relacionados ao uso e manejo de variedades locais de milho (VOGT, 2005; CANCI, 2006).

A partir de então, conforme esclareceu um dos especialistas (Esp. 04), cada vez mais vêm sendo desenvolvidas ações de incentivo ao resgate, manutenção e distribuição de sementes crioulas. Esse mesmo especialista cita a deficiência em incentivo aos jovens, sendo que muito pouco está sendo feito para promover a permanência deles no campo e incentivá-los ao trabalho com sementes crioulas.

3.2 Fatores que afetam a manutenção da guarda das sementes

Alguns pesquisadores (Clement et al, 2007; Souza, 2015; Silveira, 2015) chamam a atenção para o fato de que a comunidade científica está preocupada com o fato de os recursos genéticos estarem perdendo importância até na subsistência, devido ao avanço da agricultura comercial, à integração político-econômica e às mudanças de costumes inerentes à globalização. Para eles, quando estes recursos genéticos perdem importância, são candidatos à erosão genética e extinção local, e as oportunidades de uso futuro são extintas. Segundo Souza (2015, p.96), neste contexto surge a proposta de difusão e expansão da conservação *on farm* como estratégia para conservar os recursos genéticos usados pelos agricultores, no seu próprio *habitat*.

Segundo Canci & Canci (2007), a conservação das variedades locais é um processo feito milenarmente pelas famílias de agricultores. Utilizando técnicas informais, as famílias têm conservado suas sementes de uma safra para a outra; o armazenamento das sementes em embalagens plásticas (garrafas pet, bombonas) é realizado pelos agricultores para garantir a sanidade e o vigor das mesmas de um ano para outro.

Nesse sentido, Souza (2015, p.124) afirma que ações conjuntas e acopladas às atividades dos pequenos agricultores, envolvendo estudantes, pesquisadores e extensionistas, podem viabilizar a integração do conhecimento tradicional e científico, em favor do manejo, da conservação e do uso da diversidade de variedades crioulas pelos guardiões de sementes.

Exemplo de trabalhos participativos, baseadas na seleção de plantas a campo, através da estratificação da área de cultivo, já foram desenvolvidos na região Oeste. Ogliari *et al.* (2013b) descreve a experiência do NEABio da UFSC, em melhoramento genético e produção de semente de milho com enfoque participativo. A abordagem participativa dessa experiência permitiu a troca de conhecimento acadêmico e tradicional, proporcionando e promovendo a conservação e uso dos recursos genéticos de milho do Oeste de Santa Catarina (Souza, 2015 p. 124).

Ainda para Souza (2015), ações que apoiem agricultores e agricultoras no desenvolvimento de estratégias de conservação das sementes, paralelamente à construção de bancos de sementes, poderiam ser iniciadas visando o armazenamento e posterior resgate de sementes, além de servir de incentivo aos jovens, que observando os trabalhos podem aguçar o desejo e a curiosidade do trato cultural.

Nesse sentido as Especialistas 02 e 03, corroboram com a autora e afirmam que várias atividades estão sendo desenvolvidas a fim de incentivar o resgate, manutenção e disseminação da diversidade de variedades crioulas mantidas no município.

O Especialista 04 cita que encontros de jovens, tanto do campo quanto do meio urbano, estão sendo planejados com a finalidade de explanar sobre a importância e necessidade da conservação das sementes crioulas e da permanência dos jovens no campo, bem como para ouvir os anseios, desejos e dificuldades encontrados por eles. A partir destes encontros novas ações serão pensadas e novas atividades realizadas.

Conforme Vogt; Canci; Canci (2007, p.38), dentre as motivações apresentadas pelos agricultores para a manutenção das variedades locais, destacam-se os aspectos culturais, ou seja, várias delas são cultivadas por uma questão de sabor, tradição ou beleza; ou ainda por razões relacionadas ao desempenho técnico e econômico dos sistemas; pela redução dos custos de produção; adaptação às condições de manejo e clima; maior rendimento de grãos; ou características desejáveis para o uso na alimentação humana ou animal.

Através das visitas às Famílias Guardiãs, percebemos que todas as motivações citadas por Vogt, Canci e Canci (2007) estão presentes nas falas e no cotidiano das famílias.

As citações que mais ganharam destaque, ou seja, as que mais apareceram foram: a produção e manutenção das sementes e mudas crioulas por questões culturais, já que as sementes são repassadas de geração em geração; pela produção ser mais saudável, produzida sem adição de insumos químicos, fertilizantes, etc; pelo valor comercial dos produtos, como no caso do milho, feijão e arroz, que são plantados para o consumo da família e o excedente é comercializado; e, por fim, mas não menos importante, pelo sabor característico.

A manutenção do cultivo por questões culturais e o fato de a produção ser mais saudável/nutritiva, foram dois indicativos positivos mencionados por todas as famílias.

A Família Guardiã 04 citou o exemplo de que possuem uma variedade de milho branco, que dizem ser doce, que está entre a família vinda de herança, sendo cultivada na família por pelo menos quatro gerações – bisavó, avó, filhos e netas.³² Assim como o caso da Família Guardiã 01 em que a avó possuía sementes de alface branca crespa, deixou estas sementes para sua filha que acabou perdendo. Passados alguns anos, a filha recuperou sementes da mesma variedade no Sindicato, e assim deu continuidade ao cultivo, lembrando os ensinamentos da sua mãe. Há ainda Famílias que produzem vários itens que assumem papel importante na renda da família, tal como acontece na Família Guardiã 05, que vende parte da produção do milho MPA 01 e o Feijão Campeiro para uma cooperativa de beneficiamento de sementes. A Família 02, por sua vez, comercializa feijão e pipoca.

A produção para o consumo estimulada pelo sabor foi citada nas Famílias Guardiãs 03 e 01.

Elas citaram que a pouca quantidade de sementes disponíveis no banco do sindicato acaba sendo um fator limitante, pois muitas vezes mais famílias gostariam de ter acesso à determinada variedade, porém devido à pouca quantidade, ficam aguardando.

Conforme uma especialista entrevistada (Esp.02) os bancos de sementes são uma forma de enfrentar os problemas relacionados à perda de variedades ao criarem estoques suplementares às reservas familiares. Ela indica uma forma de manejo desses bancos: para ela, ao receber

³² Confirmado pelas pesquisas do NEABio UFSC: SOUZA, Rosenilda.

sementes, o agricultor deveria se comprometer em plantar, cultivar e, ao colher, entregar parte dessa produção de volta ao banco, como forma de aumentar a disponibilidade, fazendo com que mais famílias tenham acesso à essa variedade.

A Família Guardiã 01 cita a importância do banco de sementes do sindicato ao lembrar o resgate das sementes de alface. Salientaram que deve haver mais cobrança e comprometimento não somente dos agricultores familiares, mas de todos aqueles que pegam sementes lá.

Se nós pegamos um tipo de semente, plantamos, cuidamos, colhemos, devemos espalhar o resultado dessa produção; dar sementes pros vizinhos, amigos, devolver pro sindicato. Se todos colaborarem, podemos ampliar a diversidade, tanto lá no sindicato, como nas nossas áreas.³³

Os dias de campo e de troca de sementes também são importantes instrumentos de divulgação e de doação: de sementes, de conhecimentos e de experiências.

A troca de experiências entre as famílias nos dias de campo, dias de troca, e intercâmbios, na avaliação de um especialista (Esp. 01), podem estimular a integração dos jovens, que podem extrair destes momentos ricas experiências, permitindo e incentivando processos de inovação, a disseminação de conhecimentos técnicos para o manejo das propriedades, mas também, e fundamentalmente, de uma determinada concepção metodológica que afirma e estimula a partilha de conhecimentos como a principal fonte de ‘empoderamento’ das famílias e de fortalecimento das redes de troca.

Este especialista entende que **“o espaço que a gente chama “banco de sementes” ou casa, é um espaço não simplesmente de armazenamento, ele é um espaço de interação social entre os agricultores/as”**³⁴, o espaço que tem no sindicato é um espaço importante, de uma fundamental decisão tomada de se ter uma amostra, de facilitar o intercâmbio dos agricultores, para aqueles que não têm, poderem ir lá buscar as sementes que lhes faltam, ou conhecer outras que não conheciam. É um espaço que atua também como facilitação de comercialização, sabem onde tem. É preciso ter espaço para ampliação e

³³ Entrevista concedida à autora em 06 de Agosto de 2017.

³⁴ Grifos nossos. Entrevista concedida à autora em 22 de Julho de 2017.

pessoal responsável pelos cuidados dessa estrutura, é necessário sistematizar as informações sobre as variedades, qualificar pessoas para estarem lá, controlar os rótulos, entre outras coisas.

Neste sentido, Carvalho (2013, p 05) afirma que perceber no camponês um individualista é desconhecer as suas relações com a natureza; o aprendizado não ocorre pelo isolamento. “Como a biodiversidade constitui um todo, pertencer a essa totalidade que é a natureza ou a ela se integrar pressupõe respeitar a harmonia e as contradições internas dessa totalidade”.

Carvalho (2013) corrobora com as afirmações das famílias guardiãs quando se trata da troca de saber que ocorre nos dias de campo, conversas entre vizinhos, no sindicato, quando se destaca que o indivíduo de uma família, no seu aprendizado, está em constante interação de partilha com seus pares, familiares e vizinhos, práxis esta que lhes é habitual pela compreensão de que esse é o caminho mais adequado para dar conta da complexidade desse todo que é a biodiversidade na natureza.

A sociabilidade camponesa é avessa ao individualismo. Ao contrário, a solidariedade e a partição social são práticas de uma socialização que lhe é culturalmente originária ao ser camponês. Mesmo com a modernização dos meios de comunicação, de transportes e de produção, a adoção dessas propostas e tecnologias contemporâneas se faz sob uma criticidade que não renega o jeito de ser e de viver camponês, pleno de cultura própria e de originalidades (CARVALHO, 2013, p 06).

Para o mesmo autor (2013) a compreensão ecológica da totalidade da natureza, é produto de um longo tempo de amadurecimento dos saberes e de vivência antrópica com a natureza, onde o imediatismo cede lugar ao histórico e a relação de predação da natureza, cede lugar ao convívio harmonioso. Na mesma direção seguem Machado; Machado Filho, 2014) .

Podemos perceber através da vivência com as famílias, que o banco de sementes que o município possui em anexo ao Sindicato é um espaço de extrema importância, há uma diversidade enorme de sementes crioulas disponíveis. Porém podemos verificar que muito ainda precisa ser feito para diversificar ainda mais e ampliar a quantidade de sementes disponíveis, para que mais pessoas tenham acesso.

Tanto para o Esp 01 como para a Esp 03, o Banco de sementes é um ótimo espaço, mas não pode ser o único, as sementes devem circular entre os agricultores, podemos fazer uma rifa, juntar um dinheiro e melhorar aquele espaço; vamos plantar na horta ali fora, vamos fazer uma discussão com os grupos de mulheres, vamos trazer estudantes para conhecer e auxiliar ali, podemos buscar dinheiro em instituição de apoio.

Nas palavras do Especialista 01:

Quem tem o que, quem que tá perdendo, vamos sistematizar isso, o conhecimento, o material, qual material está sob risco de perda, porque, e tentar incidir sobre isso, repassar o conhecimento, vamos fazer festas temáticas (degustação de produtos agroecológicos, crioulos etc), fazer visitas para conhecer as diferentes formas de fazer algo (seja plantar, cozinhar...) então dar visibilidade e dar a conhecer isso que se faz e agregar valor, claro, fazer propaganda daquele produto,³⁵ o milho crioulo vermelho que utilizei para fazer aquela determinada receita (polenta). Tem que evitar a contaminação com os transgênicos, contra a pulverização de agrotóxicos, tem que ter ações públicas que possam permitir que os jovens fiquem no campo, as escolas devem transmitir esse conhecimento que deveria ser comum, né, do lugar enfim. Há muitas coisas para fazer, mas não sozinhos.

Concluiu dizendo que “...tem que qualificar a forma de armazenamento ao nível de agricultor, porque ainda a maioria trata semente como se fosse grão. E grão não necessariamente é semente. **Semente obrigatoriamente é grão, mas se o embrião estiver morto ele não é semente, é somente grão.** Qualificar esse trabalho de selecionar de manter essa variabilidade genética, guardar neste local que esteja protegido, que possa haver interação social, troca de saberes, intercâmbio, troca de sementes...” (Esp. 01).

Para Carvalho (2013) a presença da agrobiodiversidade nas práticas camponesas se constata não apenas ao se considerar os sistemas de produção das unidades de produção camponesas isoladamente, mas,

³⁵ Grifos nossos. Entrevista concedida à autora em 22 de Julho de 2017.

sobretudo, ao se levar em consideração a totalidade dessas unidades de produção no país e no mundo.

Os camponeses, as famílias camponesas, as comunidades camponesas sabem bem que os tempos da natureza necessitam ser respeitados. Isso não quer dizer fetichizados. O jeito de ser e de fazer camponês acompanha e contribui para ganhar tempos no seu convívio com a natureza, na melhoria da sua eficiência e eficácia produtiva. Mas, isso se faz pela compreensão a cada dia mais aguçada de como deve acontecer esse convívio homem natureza. E, sem dúvida, como melhorá-lo constantemente (CARVALHO, 2013, p.6).

Essa reflexão nos remete à noção de que os camponeses são afeitos às inovações quando estas são produtos da agroecologia, da prática da agrobiodiversidade, da sabedoria oriunda do convívio homem-natureza que ela lhes proporciona e da experiência histórica criticamente acumulada por eles próprios.

Percebemos, através da troca de experiência com as famílias guardiãs que participaram deste estudo, que vários fatores afetam a manutenção da guarda das sementes. As Famílias Guardiãs 01 e 04 informaram que os fatores climáticos são os que mais acabam interferindo na conservação das sementes/mudas crioulas. As estiagens, ou períodos de chuva prolongados, acabam danificando a plantação, levando a perdas significativas. *“Agora por exemplo, o feijão está próximo do período de floração, está chovendo muito, e o feijão quer mais sol; assim se o tempo não limpar e der uns dias bonitos de sol, teremos menor produção”* (Família Guardiã 01).

Já para a Família Guardiã 02 o que mais afeta a manutenção da guarda das sementes é a ausência de local adequado para armazenar as mesmas. Aí volta a questão do pouco espaço disponível do banco de sementes do Sindicato e o anseio das famílias em ampliar este espaço, além de ter alguém treinado sempre disponível neste local para fornecer sementes e trocas de informações.

Nesse sentido, Cassol (2013) salienta que entender as práticas socioculturais na agricultura familiar em cada município é uma questão complexa e desafiadora, pois estas práticas vão além da visão econômica, visto que sua relação com a natureza, no ato de conservar

variedades crioulas, dá maior visibilidade aos saberes tradicionais que direcionam a vida no campo.

A mesma autora (2013) diz que a reprodução dos saberes na agricultura familiar ocorre a partir do lugar no qual o agricultor está inserido devido à compreensão de mundo que possui, e mais do que um produto, estas sementes remetem a saberes tradicionais centenários que são resinificados devido às trocas sociais da atualidade.

Assim, podemos afirmar que cada indivíduo é portador de um sistema cultural em constante transformação, sendo estruturado pelos valores adquiridos no decorrer de sua trajetória pelos ensinamentos que recebe e pelas experiências vividas.

Corroborando com isto, a Família Guardiã 03 diz que *“a perda dos conhecimentos antigos, do trato cultural, é um dos fatores que mais afeta. O momento ideal de realizar podas, a melhor lua para plantar ou transplantar mudinhas, etc, enfim, muitos conhecimentos que foram se perdendo, e, que hoje, se corre atrás para recuperá-los”*.

Outros fatores citados pelas famílias são: a infertilidade do solo; a dificuldade de isolar a plantação de outras plantações de vizinhos que, por exemplo, que plantam transgênicos; questões climáticas; dentre outras.

A Família Guardiã 04, que possui suas terras há mais tempo do que as demais, destacou que as terras estão fracas, já não produzem mais como antes. A Especialista 02, por sua vez, afirma também que outro fator preocupante é a questão da qualidade das sementes, pois não adianta querer só produzir, precisa se ter o cuidado com a qualidade do que se produz, do valor nutricional do que vai à mesa.

Andrade e Borba (2015) afirmam que diversos fatores podem afetar a qualidade, seja nutricional, de sabor e de aparência, assim como a quantidade das sementes a serem produzidas. Por exemplo:

- **A escolha da área de plantio:** deve-se evitar a proximidade de áreas com cultivos de espécies que abrigam pragas e doenças comuns, áreas sujeitas a ventos muito fortes, causadores de tombamento e quebraimento, manter distância de plantios de transgênicos para evitar contaminação. Esses fatores aumentam a incidência de pragas e doenças, deterioração das sementes no campo e a mistura com outras variedades, afetando a qualidade das sementes;

- **A adubação:** é necessária muitas vezes para corrigir as deficiências dos nutrientes do solo essenciais ao desenvolvimento das plantas, podendo ser limitante para a produtividade e ainda podendo afetar a qualidade das sementes;

- **O isolamento das áreas:** é importante para evitar a contaminação por pólen de outras cultivares indesejáveis, o que, além de causar falta de uniformidade no lote de sementes a ser produzido, provoca uma diminuição da produção no cultivo seguinte, o que pode alterar as suas características originais e ainda contaminar com variedades transgênicas;

- **Questões climáticas** – falta e/ou excesso de água, ventos fortes, etc., são fatores que afetam negativamente a produtividade, reduzem a quantidade de grãos de pólen, facilitam a ocorrência de sementes malformadas, menos densas e com material reserva reduzido, afetando a germinação e vigor, além de facilitar o ataque de pragas e doenças;

- **A época da colheita:** o atraso na colheita após a maturação das sementes facilita o ataque de pragas e doenças, além de as mesmas ficarem mais tempo expostas às condições climáticas; da mesma maneira, colher antes da maturação também não é bom, visto que as sementes apresentarão maior umidade, ficando também expostas a doenças;

- **Armazenamento:** Sementes armazenadas em condições inadequadas, como aquelas expostas a altas temperatura e umidade relativa excessiva, estão sujeitas a rápida deterioração, favorecendo também o ataque de pragas e microrganismos indesejáveis que afetam o vigor e a germinação. Para a preservação do vigor e germinação, as sementes devem ser mantidas em um ambiente frio e seco.

Há que se considerar, porém, que os fatores acima expostos se aplicam não somente para os agricultores/Famílias Guardiãs de sementes crioulas, mas para todos aqueles que realizam algum tipo de plantio/atividade no campo.

As Famílias Guardiãs entrevistadas citaram também os facilitadores da manutenção da diversidade de cultivos de sementes/mudas crioulas. As estratégias coletivas de gestão dos recursos genéticos locais e conhecimento a eles associado é uma importante ferramenta para a conservação *on farm* da biodiversidade.

De acordo com a ANA - Articulação Nacional da Agroecologia³⁶, ao longo dos últimos anos algumas conquistas importantes foram alcançadas em diversas frentes, mas muito ainda resta a se avançar, seja no sentido da consolidação das normas e políticas de

³⁶ ANA – Caderno **Sementes Locais: experiências agroecológicas de conservação e uso** - As Sementes da Paixão e as Políticas de Distribuição de Sementes na Paraíba. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2014.

promoção da conservação da agrobiodiversidade, seja no sentido da adequação e/ou criação de novas políticas e ações públicas com esse propósito.

A Especialista 02 concorda com as Famílias Guardiãs ao afirmar que o aporte legal constituído a partir da promulgação da Lei de Sementes e Mudanças – Lei 10.711/03 – auxilia e facilita muito o reconhecimento e possibilidade de comercialização das mesmas, sendo então considerada como mais uma medida facilitadora para a conservação das sementes/mudanças crioulas.

Através desta Lei, se garante o reconhecimento das sementes crioulas, isentam as mesmas e os agricultores familiares que as produzem, trocam e comercializam do registro junto ao Ministério da Agricultura, além de permitir a inclusão dessas sementes em programas e políticas públicas de aquisição e distribuição de sementes para o público da agricultura familiar, tais como o PAA e o PNAE, políticas estas que têm se mostrado eficientes na promoção das estratégias locais de conservação da agrobiodiversidade.

Outro ponto positivo, facilitador, muito comentado pelas Famílias Guardiãs estudadas, foi a questão da maior resistência às intempéries climáticas das variedades crioulas, quando comparadas com as variedades melhoradas.

Uma pesquisa participativa realizada pela Embrapa Tabuleiros Costeiros com a UFPB – Universidade Federal da Paraíba e a Rede de Sementes da ASA-PB, realizou ensaios de competição a campo, comparando variedades crioulas e variedades comerciais melhoradas pela Embrapa. Os resultados desta pesquisa confirmaram a superioridade das sementes crioulas em função de sua maior adaptação às condições locais e aos métodos de manejo empregados pelos agricultores familiares, legitimando assim, do ponto de vista técnico, a inclusão desses materiais em programas públicos de distribuição de sementes.

Outro fator citado como facilitador/incentivador para as Famílias Guardiãs são as diversas pesquisas que a cada dia são desenvolvidas nas mais diferentes propriedades e municípios. As pesquisas participativas, desenvolvidas de forma descentralizada junto a comunidades rurais e organizações da agricultura familiar, envolvendo resgate, identificação, melhoramento, multiplicação e armazenamento de sementes, contribuem para a formação dos agentes envolvidos, sejam eles pesquisadores, estudantes, agricultores ou pertencentes à comunidade em geral, bem como dá maior visibilidade a esta riqueza que existe nas propriedades e que muitas vezes fica esquecida.

A existência do espaço, seja ele no Sindicato ou nas próprias propriedades, como nos dias de campo, facilita a articulação e debate acerca da conservação da agrobiodiversidade, da promoção do uso de sementes crioulas e das políticas públicas de conservação dos recursos genéticos locais e de distribuição de sementes.

Outro espaço de relevante importância são as escolas, as casas familiares rurais e os colégios agrícolas, que muito incentivam, orientam e abrem caminhos para novas percepções dos jovens sobre o campo, rompendo com paradigmas (concepções tradicionais sobre a necessidade de migrar para cidade, sobre o “atraso” representado pelo campo), incentivando-os a falar sobre seus anseios, dificuldades, projetos e aspirações futuras.

As tecnologias também foram destacadas em todas as falas das Famílias Guardiãs, sobretudo pelos jovens, como um instrumento a mais para o incentivo à permanência no campo. A internet e o celular aproximam os jovens uns dos outros, mantendo-os abertos a novos conhecimentos e lhes permite saber o que está acontecendo no entorno. A facilidade de transporte e possibilidades de lazer e diversão também foram apontadas como facilitadoras da permanência no campo.

A diversidade de materiais informativos acerca do valor das sementes crioulas e as campanhas dos movimentos sociais junto com os agricultores familiares e organizações locais, foram apontadas pelas famílias pesquisadas como fatores que auxiliam para promover o uso, intercâmbio e conservação da biodiversidade nos níveis familiar e comunitário.

Carvalho (2013) afirma que, mesmo sob pressão das classes dominantes para homogeneizar o modo de produção no campo, os agricultores têm conseguido mudar a sua práxis camponesa, atualizá-la ou acompanhar o seu tempo, a partir de uma concepção que afirma a autonomia do camponês perante o capital que, ao mesmo tempo, usufrui criticamente das conquistas mais atuais do processo civilizatório.

Para tanto já se iniciam na práxis da agroecologia através de uma relação que se deseja mais próxima da harmonia entre homem-natureza. Alteram não apenas a matriz e práticas de produção, mas também incorporam mudanças nas suas práticas de consumo familiar. Nas palavras de Carvalho (2013, p 12): **“apesar da truculência econômica, política e ideológica da expansão capitalista no campo os camponeses permanecem capazes de se comportarem como guardiões da agrobiodiversidade”**³⁷.

³⁷ Grifos Nossos

Ao fazer esta consideração, o autor leva em conta o conjunto percebido entre a práxis das unidades de produção camponesas singulares diversas entre si e a reprodução social da qualidade que advém dessa totalidade de unidades singulares. Para ele a complexa, formosa e colorida (etno) agrobiodiversidade que as paisagens camponesas oferecem aos nossos sentidos e à razão evidenciam que nelas repousam em constantes e sutis mudanças as esperanças da reprodução continuada da vida em uma das suas mais importantes plenitudes: a diversidade da vida.

A participação ativa das famílias guardiãs nas suas comunidades, nos movimentos sociais, no sindicato, a ajuda mútua para com os vizinhos, assim como a realização de festas e ritos camponeses fortalecem a identidade social camponesa ao mesmo tempo em que solidificam os vínculos de amizade e as trocas de experiências. Isso foi o que evidenciamos nessa pesquisa.

E como enfatiza o autor supracitado, “por esse e tantos outros motivos é que o camponês, sabiamente, sempre exercitou a diversidade de cultivos e criações, a preservação e melhoria dos solos e das matas, a diversidade das vidas nas águas, o convívio antrópico construtivo e respeitoso com a natureza, mesmo nos casos de extrativismo restrito e seletivo” (CARVALHO, 2013, p. 14).

4. CAPÍTULO IV - A SUCESSÃO FAMILIAR EM FAMÍLIAS GUARDIÃS

4.1 Indicadores da ocorrência ou não da sucessão familiar

Segundo um especialista entrevistado (Esp.01), as organizações sociais, sindicais e o MPA têm discutido a sucessão familiar de diferentes formas, já que trata-se de uma questão do cotidiano dos agricultores/as (ligados ao movimento ou não); os agricultores em muitos lugares - e essa região da nossa pesquisa é um deles - têm, de certa maneira, discutido muito pouco sobre o processo de análise e formulação de propostas de atuação organizada do movimento ou de ação conjunta com outras organizações que teoricamente teriam a função de discutir conosco (com o MPA, poder público, etc) essa questão.

Este especialista (Esp.01), referindo-se à preocupação com os futuros sucessores do empreendimento agrícola familiar, teceu essa avaliação, dando ênfase para a questão psicossocial, além da tão discutida questão socioeconômica:

Como é que se vive feliz no campo: tem uma vida saudável, uma vida feliz no campo se tem [com] uma autoestima das pessoas por elas mesmas, e essa é uma questão que nunca é tratada, nunca é discutida. **Então para além da questão socioeconômica, a questão psicossocial ela é fundamental e isso ainda não é muito discutido. O processo de formação de uma criança, um futuro adulto, pouco se discute.**³⁸ (Esp. 01)

Refletindo especificamente sobre a questão cultural relacionada à sucessão familiar, o entrevistado destacou que:

Não é a sucessão especificamente sobre aquele território, que é o lote, que é propriedade familiar. **A sucessão familiar se constitui também na herança cultural que está sendo deixada de ser transmitida, aí não falo de herança cultural**

³⁸ Grifos nossos. Entrevista concedida a autora em São Miguel do Oeste/SC, em 22 de Julho de 2017.

cabocla, indígena, alemã ou italiana, mas daquela cultura produzida e desenvolvida neste local, no Extremo Oeste Catarinense, no município de Anchieta, que é muito recente, tem o que 50, 60, 80 anos, e esse povo que está aqui veio de outro lugar, ele trouxe um componente cultural que foi aprimorado aqui, houve um processo de construção do conhecimento aqui, sobre este ambiente, e isso não está sendo transmitido para os jovens, porque quando se fecha as escolas do meio rural, as crianças vão estudar no meio urbano ou em uma escola polo, onde a pedagogia, a visão de mundo que é apresentado é urbano. (Esp. 01)

Para Carvalho (2003), o camponês e o índio são produtores de ampla variedade de cultivos e criações. Cada um deles, seja a família ou a comunidade, produz, seleciona e guarda as suas próprias sementes para o plantio na temporada seguinte, inclusive realizando trocas com outros grupos camponeses num processo de partilhas que lhes permite aumentar a diversidade genética à sua disposição. Com essa prática milenar obtém-se variedades bem adaptadas a condições de produção específicas e com boa produtividade.

Então, conforme destacou o especialista entrevistado (Esp.01), a sucessão familiar é fortemente influenciada pelas práticas/saberes historicamente repassados pelos ancestrais, porém, os hábitos adquiridos são urbanos e não rurais. Com a eliminação das escolas do campo deixa-se de apresentar conceitos, debater as dificuldades e facilidades da vida no campo, e passa-se à uma visão de mundo estritamente urbana.

Entretanto, no caso do Município de Anchieta, na contratendência do que ocorre em geral em nosso país, muito tem sido feito pelas organizações da sociedade civil³⁹ juntamente com o poder público, para manter algumas escolas no campo. A dificuldade é grande por haver poucas crianças em idade escolar em cada comunidade. Assim, decidiu-se por manter algumas escolas nas comunidades maiores, como por exemplo, na Linha Prateleira e João Café Filho, e concentrar os alunos destas e das comunidades próximas nestas escolas. De acordo com o Especialista 04, o ensino praticado nestas escolas tem um diferencial, pois inclui práticas agrícolas ao menos uma vez por semana, atendendo desde as séries iniciais até as finais. Realizam

³⁹ Especificamente aquelas de cunho político.

cultivos de hortaliças no espaço da escola, fazem pequenas experiências com sementes; pesquisas com os avós, dentre outras atividades que resgatam os saberes antigos, dos ancestrais, e incentivam as crianças a terem “gosto pelo campo”.

Há outra questão destacada também pelo Especialista 01 que é o tamanho das famílias, porque “hoje nós não temos como há 30, 40 anos atrás um número grande de filhos, as famílias têm poucos filhos, então se tem dois, três ou quatro filhos, se dois vão trabalhar na cidade, mesmo que voltem a noite dormir em casa, a vida deles é urbana não é rural”.

Além disso, referindo-se ao o impacto econômico sobre a força de trabalho e à “mão-de-obra” que acaba se reduzindo, o entrevistado acrescenta que nessa redução, “os sistemas tradicionais de produção agrícola ou de criação *animal têm que se adequar ao sistema econômico, então isso força a depender de uma relação comercial, ou de integração* por exemplo, então esse é um fator econômico que pesa muito.

Já Souza et al. (2012) veem na renda a possibilidade de manter os jovens no campo, pois se houver uma renda mensal nas atividades rurais, tal como a atividade leiteira, haverá maior mobilidade econômica e o planejamento de novos investimentos.

Além do fator econômico, outros fatores já destacados anteriormente foram considerados em várias pesquisas como sendo condicionantes à sucessão geracional, tais como *a história de vida e o modo/tradição de cultivo, as questões de gênero* (já que geralmente as terras erram repassadas para os filhos homens, enquanto as mulheres ganhavam o “enxoval”), a análise dos projetos de vida dos jovens, que vêm sendo mais valorizados e estão tendo voz nas discussões da família e nas decisões. (STROPASOLAS, 2002;2004;2014; ABRAMOVAY,1998; CASSOL, 2013)

A Especialista 02, que trabalha há algum tempo (mais de 10 anos) com atividades voltadas à melhoria da vida no campo, com questões de conservação ambiental, técnicas de manejo e cultivo e incentivo à permanência dos jovens no meio rural, afirma que as mudanças de comportamento são visíveis. Há alguns anos, os jovens não podiam opinar, eram os pais, essencialmente a figura paterna, quem tomavam as decisões; muitas vezes nem a mulher (esposa) podia opinar, os demais membros da família somente acatavam as decisões. Hoje já está muito mudado e a tendência é de observarmos mudanças ainda mais significativas. Há mais diálogo entre as famílias, assim ficam mais claros os objetivos de vida de cada um, seus anseios e perspectivas.

A Especialista 05 declarou que dando mais liberdade e ouvindo os jovens, estes sentem-se valorizados, o que acende o desejo de desenvolver coisas novas. O incentivo ao estudo e ao desenvolvimento de práticas agrícolas - aprendidas em cursos e trocas de experiências – na propriedade, verificando a melhor forma de executar as atividades, a melhor época de plantio, o tempo de podar, colher, a melhor forma de armazenar para conservar por maior tempo, entre outros, são atividades que valorizam as atividades desenvolvidas pelos jovens. Neste sentido, pode-se inferir que o fator educacional é um forte condicionante da sucessão familiar, evidenciado também por Guindani (2015) em sua pesquisa com jovens assentados em Dionísio Cerqueira/SC.⁴⁰

O Especialista 04 afirmou que precisamos cada vez mais trabalhar com um processo de formação diferenciada nas escolas, com uma pedagogia diferente, direcionada para as atividades agrícolas, para a realidade vivenciada em cada município.

Neste aspecto, as Casas Familiares Rurais, os Colégios Agrícolas, e demais espaços que oferecem cursos de formação voltadas para as atividades do campo modificam de forma significativa as ideias, as formas de pensar e agir dos jovens.

No pouco tempo que passamos trocando experiências com as Famílias Guardiãs que nos auxiliaram neste estudo, percebemos que os jovens (especialmente as jovens mulheres das Famílias Guardiãs 02 e 04 que estudam na Casa Familiar Rural e no Colégio Agrícola, respectivamente), ao voltar para a propriedade, querem desenvolver os conhecimentos aprendidos na sala de aula, têm o desejo de atuar de maneira profissional. Elas querem realizar ali no campo as experiências desenvolvidas em melhores condições na escola (experiências em laboratório, ou sob irrigação, p.ex.).

Em contrapartida, conforme a Especialista 03 ressalta, há a questão relacionada à resistência dos pais em aceitarem a opinião dos filhos, deixá-los tomar frente às atividades, inovar, aplicar o conhecimento adquirido nos cursos de formação pois, como diz o velho ditado, “*santo de casa não faz milagre*”. Mas isso também está mudando.

É o que se depreende da colocação da entrevistada da Família Guardiã 03, a filha do casal⁴¹, que estuda na Casa Familiar Rural de

⁴⁰ Assentamento Conquista da Fronteira

⁴¹ O casal tem três filhas mulheres. Duas delas, casadas, também exercem atividades no campo, residem em área próxima à dos pais; e, a mais jovem que

Guaraciaba (município vizinho), relatou que antes de iniciar os estudos na casa Familiar, falou para os pais: ***“tá vou estudar na casa familiar, mas vai adiantar? Vocês vão me deixar e me incentivar a fazer aqui em casa as coisas que eu aprender lá?”***⁴² (Entr.03; Família 03). Essa jovem declarou que no início houve um pouco de resistência, porém com as primeiras atividades sendo feitas “direitinho” e apresentando um bom resultado, hoje já está bem mais fácil. Houve a inserção da jovem nos trabalhos e nas decisões da propriedade.

Tratando-se da questão da resistência e conflito geracional, que pode influir na decisão do jovem de sair de casa e migrar, ou de permanecer no campo e desenvolver atividades agrícolas, Guidani (2015, p.122) citando Bonamigo (2007) complementa afirmando que a autoridade paterna cria mecanismos de vigilância e controle através das relações familiares, na escola e na comunidade, fazendo com que os jovens não se sintam capazes de coordenar tarefas e sim de apenas executá-las. Ao passo que, por outro lado, são constantemente associados à renovação e ao futuro.

Stropasolas também ressalta que, de maneira geral, constata-se que os principais conflitos intergeracionais se revelam no modelo de gestão da propriedade centralizado na figura do pai chefe de família; na dificuldade dos pais em aceitar as ideias e as inovações propostas pelos(as) filhos(as); na impossibilidade de os jovens desenvolverem seus próprios projetos e atividades produtivas na propriedade; na pouca participação dos(as) filhos nas tomadas de decisão que afetam a unidade familiar; na falta de autonomia financeira dos filhos e, principalmente, das filhas; na ausência de liberdade ou na pouca mobilidade espacial que é permitida às filhas (Stropasolas, 2006; Aguiar & Stropasolas, 2010).

Por sua vez, na Família Guardiã 02 sempre houve o incentivo ao filho para que este aprendesse “a lida no campo”, estando ciente que deverá tocar a propriedade futuramente. Segundo este filho ***“há preocupação com os costumes e tradições, alguns vão se perdendo com o tempo, como o de efetuar o plantio de acordo com fases da lua, que era o que a nona passou para a mãe. Mas percebemos que nas escolas e nas atividades de troca de sementes, dias de campo e tal, muita coisa***

reside com os pais, com 16 anos estuda na casa familiar rural e cursa o ensino médio integrado ao técnico agrícola.

⁴² Grifos nossos. Entrevista concedida à autora em 19 de Agosto de 2017, no município de Anchieta/SC.

já está sendo resgatada, muitos costumes esquecidos, estão sendo lembrados, repassados e incentivados” (Entr.03, Família 02).⁴³

Como podemos observar há um destaque para questão cultural, presente tanto na fala anterior, quanto no relato a seguir, do Especialista 01: *“os agricultores fazem um esforço para manter a tradição familiar, ou seja, eles atribuem outro valor para o que eles têm, eles podem não saber o valor econômico exato, ou o valor nutricional ou do potencial genético das variedades, mas eles dão um valor cultural e sentimental que outros agricultores não consideram”*⁴⁴.

Este (Esp. 01) citou como exemplo o caso de uma família guardiã que ele visitou durante a execução de suas atividades profissionais (de assistência técnica e extensão rural) na qual a avó (três gerações na casa) faz artesanato com a palha do milho crioulo, e essa palha tem que ser escolhida ainda na roça. Então tem todo um trabalho de seleção de material genético para multiplicar as sementes, e mais o trabalho com a palha do milho, para o artesanato. Além dela, mais uma cunhada e uma irmã fazem esse trabalho, que é para elas uma fonte de renda. O pessoal que foi comprar este material, certa vez comentou que estava barato, porque não cobrava um preço maior (o dobro do que é cobrado) e ela respondeu que era um trabalho *“de distração”*, então o elemento cultura é interessante, é o valor que está na memória daquelas pessoas especificamente, **é o gosto, a curiosidade de saber, é a essência do ser agricultor, que permanece em alguns**⁴⁵.

Desse modo, há acordo com o técnico entrevistado quando este tece reflexões sobre o trabalho no campo, pois é imprescindível olhar para o campo não como alguém da cidade que faz uma visita, mas com olhos de quem quer ver a realidade material que se expressa no trabalho, nos processos e nos produtos, mas também nas relações sociais, na cultura, na educação. Por vezes a realidade se apresenta, mas não estamos preparados para vê-la. Temos que nos despir dos nossos preconceitos para compreender a questão do campo, a vida dos pequenos agricultores, dos camponeses.

⁴³ Grifos nossos.

⁴⁴ Grifos nossos.

⁴⁵ Citação do Especialista 01, comentando sobre um trabalho desenvolvido com famílias guardiãs de sementes crioulas. Esta família em específico reside no município de Palma Sola, na divisa com Anchieta, e são considerados pioneiros na iniciativa do resgate, manutenção e conservação de sementes crioulas, segundo este Especialista 01 – entrevistado em São Miguel do Oeste/SC, em 22 de Julho de 2017.

Devemos debater mais sobre esta questão, o que é esse local, que não é o meu local, que tem outras pessoas que não são iguais a mim, essas pessoas, assim como eu, têm uma trajetória de vida que é diferente, elas vivem talvez igual a mim, mas elas podem ter uma percepção do que elas fazem, de como elas vivem, diferente da minha quando eu vou lá.

Precisamos seguir princípios da ética no trato com as pessoas, nos colocarmos no lugar do outro para entendermos o contexto em que vivemos. É preciso estar disposto a perceber que somos diferentes, e que qualquer ação que se for desenvolver no campo, na propriedade das famílias, vai incidir diretamente sobre aquelas pessoas.

Para Carvalho (2003), outrora as sementes constituíam um acervo comunitário e cultural dos povos camponeses e indígenas de todo o mundo, cuja obtenção, guarda e reprodução eram muitas vezes mediadas pelo sagrado e tinham na partilha desse bem comum um valor material e simbólico que as tornavam sinônimos da vida. *Atualmente as sementes transformaram-se em mercadorias, em objetos de negócios cujo objetivo é o lucro através da exploração e submissão dos produtores rurais.*

A questão atual com a qual se defrontam os camponeses e os povos indígenas é a de resistir à tendência crescente da sua exclusão social - ou, como nas relações comerciais, de integração do camponês com a agroindústria para a produção - à sua inclusão social subalterna aos interesses dos oligopólios multinacionais.

Conforme Carvalho (2003), essa resistência familiar e social à exclusão pressuporá mudanças nas matrizes de produção e na de consumo familiar. Isso significará, antes de tudo, mudanças culturais importantes que afetarão o cotidiano da vida camponesa e indígena.

Ainda que esse processo de exclusão social esteja em curso, centenas de milhões de famílias de camponeses e de indígenas em todo o mundo sobrevivem alternativamente sob as mais diversas formas de resistência. A resistência à exclusão é um dos mais fortes comportamentos de reafirmação da cidadania.

Sobre a perda de conhecimentos tradicionais, Carvalho (2003) defende que o abandono dos métodos e processo tradicionais na produção provocou o afastamento das práticas artesanais, mesmo daquelas relacionadas com a alimentação, como o do fazer o pão caseiro, o aproveitamento e estocagem de produtos agrícolas e animais através das compotas de frutas de época ou da salga e defumação de carnes. *“Não só deixaram de possuir as habilidades artesanais do fazer como estão sendo perdidas as memórias do como fazer. Mudou a*

maneira de produzir, mudou a forma de consumir, mudou a percepção do mundo vivenciado. Mudou, então, a cultura desses povos”.

Há que se destacar, porém, conforme as falas dos Especialistas 04 e 05, que muitas atividades já foram e ainda estão sendo realizadas no município de Anchieta/SC, e também em âmbito regional, no que diz respeito à troca de experiências e resgate, não somente das sementes/mudas crioulas, mas também dos saberes tradicionais. Exemplo disso foi uma atividade realizada no município de Anchieta/SC, no mês de agosto de 2017, sobre plantas medicinais, que contou com a presença de especialistas conhecedores dos benefícios de uma diversidade de plantas popularmente conhecidas e cultivadas nos entornos das residências. Muita coisa a população presente no evento já era conhecedora; mas muitas novidades foram apresentadas, desde a melhor época para o plantio, formas e épocas de poda; melhor maneira de colher e de armazenar as variedades medicinais no intuito de manter suas características terapêuticas, etc. Além deste, outros eventos constantemente são realizados no município, e assim vão se resgatando as tradições muitas vezes esquecidas.

Outra questão já bastante discutida no decorrer deste trabalho e que retomamos, pela sua relevância, *é o papel da educação para os jovens do campo, que pode ser considerada também como uma condicionante decisiva para a tomada de decisões*. Stropasolas et all. (2014) dizem que a formação de jovens é importante instrumento de transformação social, essencial na mudança das expectativas dos jovens rurais, da perspectiva individual para a perspectiva coletiva. A expansão de iniciativas de educação contextualizada em cada município e/ou região, poderá ser alternativa concreta para o renascimento de nova utopia de resistência, fruto de uma educação ancorada na realidade local, comprometida com a formação de sujeitos sociais, críticos, autônomos, combativos ao padrão de desenvolvimento rural predatório e desigual no contexto agrário local.

A educação pode auxiliar e incentivar a permanência de jovens no campo, e seu interesse em cultivar as sementes crioulas.

Para Especialista 01 a educação pode e está auxiliando, existem, porém, muitas dificuldades de manter alguns espaços, tais como aqueles de formação dos movimentos sociais; as políticas desenvolvidas não conseguiram ultrapassar as limitações legais, ou seja, o repasse de recurso público só será efetivo se cumprir determinadas regras administrativas, fiscais, etc. As organizações locais não conseguem manter as estruturas físicas e de pessoal nesses espaços. *“A educação é de suma importância mas precisa de apoio, a gente precisa*

avançar nas limitações e nas lacunas do processo de debate e de implementação de políticas públicas de educação no campo,⁴⁶ a gente já avançou bastante dentro do espaço acadêmico, mas muita coisa nós deixamos para o futuro, como as de contexto social, ambiental; a gente ainda reproduz muito do que foi pensado para o meio urbano”.

Neste viés, para De Bastianni e Strasser (2008) o complexo educacional da sociedade é também responsável pela produção e reprodução de valores nos quais os indivíduos definem seus próprios fins e objetivos.

Corroborando com a colocação do Especialista 01, as mesmas autoras destacam ainda que todo debate acerca da educação deve partir da compreensão dos limites da educação formal, dentro de um quadro mais abrangente, para posteriormente poder reivindicar, conseqüente e humanisticamente, os elementos progressistas da educação formal, em intercâmbio ativo com práticas educacionais informais – presentes nos movimentos sociais, nos partidos políticos de esquerda, nos movimentos contestatórios dos mais variados tipos, etc. –, como elementos vitais no processo de rompimento da lógica do capital.

Para a Especialista 03, devemos repensar a forma de educar: a educação também deve dar valor para o local, para o que é nosso, e isso ainda nós temos que fazer através da formação das crianças e dos jovens. Eles devem trabalhar com os pais, com as mães, trabalhar o psicossocial, ir nos detalhes, a questão dos valores, que valores não queremos, e que valores nós precisamos. *“E essa discussão é muito nova, temos que discutir questões que nós ainda não tocamos enquanto organizações sociais, o processo de formação, coisas que ainda são tabus no meio rural, devemos tratar as coisas em conjunto, não cada uma em um quadrado, na caixinha. Devemos trabalhar e dar o valor que a gente não tem dado tanto para os agricultores, quanto para os produtos da agricultura, valores não monetários, para além do econômico. Por exemplo, quanto vale o brilho nos olhos do agricultor ou agricultora, quando eu chego com uma variedade de milho que o avô dele cultivava e que havia se perdido no meio do tempo. Isso não tem preço, o sorriso, a gente não mede isso. Então esse tipo de valor precisa ser resgatado, precisamos repassar para os jovens”.*

De acordo com De Bastianni e Strasser (2008, pg 07), deve-se pensar a educação pública para os povos do campo levando em consideração o seu contexto em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. *“Sua maneira de conceber o tempo, o espaço, o meio ambiente*

⁴⁶ Grifos nossos

e sua produção, além da organização coletiva, as questões familiares, o trabalho, entre outros aspectos”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, em seu Artigo 28, reflete a preocupação do Estado com políticas públicas que levem em conta a diversidade da vida do campo ao defender que os conteúdos curriculares e metodologias adotadas pelas escolas devem levar em conta as especificidades da vida rural. Segundo De Bastianni e Strasser (2008), com a promulgação desta lei “conquista-se o reconhecimento da diversidade e singularidade do campo, uma vez que vários instrumentos legais estabelecem orientações para atender esta realidade de modo a ‘adequar’ as suas especificidades”.

A Educação é um dos pilares de permanência dos jovens no meio rural, pois através dela pode-se fortalecer a identidade dos jovens como agricultores. Para De Bastianni e Strasser (2008), a permanência deles no meio rural é uma forma de fortalecimento da agricultura familiar e, logo, de resistência ao latifúndio.

4.2 Motivos que levam à saída ou permanência dos jovens na agricultura familiar

O processo sucessório deve ser considerado como uma etapa importante e vital para sobrevivência da agricultura familiar, necessitando serem tomadas medidas preventivas para que esta etapa da vida da propriedade rural tenha o êxito desejado, que seja passada para a geração seguinte com sucesso.

Essa transmissão da posse, do gerenciamento e da dinamização da unidade produtiva requer, cada vez mais, qualificação dos sucessores, projetos que garantam viabilidade técnico-administrativa, sua sustentabilidade e políticas públicas adequadas às reais possibilidades e necessidades desse setor produtivo, que envolve milhares de jovens.

Destaca-se a influência dos pais, das organizações religiosas, das associações municipais e ainda dos movimentos sociais na tomada de decisões destes jovens, assim como não pode esquecer a importância das políticas públicas como forma de estimular a permanência desses sujeitos nas atividades rurais.

Segundo Dotto (2011), a concentração dos esforços deve estar em descobrir outro campo e outra maneira de olhar para ele, esta é uma tarefa dos movimentos sociais do meio rural, das escolas, das universidades, de instituições envolvidas e, sobretudo, dos próprios

jovens que moram e trabalham no meio rural. Para o Esp. 04, é *“imprescindível o papel da educação e de uma assistência técnica que visualize a descoberta de um campo belo, agradável, saudável, sustentável, impregnado de cultura e pleno de vida”*.

Precisamos de incentivos governamentais, de créditos específicos para jovens como o Pronaf Jovem, por exemplo, além de outros incentivos pontuais ao agricultor, fazendo assim com que a agricultura familiar seja mais atraente.

Precisamos de uma estrutura melhor em relação às estradas, uma melhor estrutura para a saúde nas áreas rurais, mais opções de lazer para os jovens do campo, seja em forma de atividades culturais (música, dança, artes, etc) ou atividades esportistas (ginástica, práticas de esportes, clubes de futebol, etc..) para termos mais opções para a população do campo, e ainda para atender as suas necessidades básicas de saúde, educação, transporte, moradia, etc.

Na agricultura familiar, os filhos e filhas integram-se aos processos de trabalho - auxiliando na lida com os animais, acompanhando os pais em algumas tarefas, ajudando na casa – desde muito cedo. Aos poucos vão assumindo tarefas de maior importância e chegam à adolescência não só dominando as técnicas observadas durante sua vida, mas os principais aspectos da própria gestão do estabelecimento.

Na pesquisa de campo realizada no decorrer do processo de elaboração deste trabalho, em visita às famílias de agricultores familiares, percebemos que os jovens têm uma visão bem ampla das suas necessidades e objetivos.

A família Guardiã 03 possui um casal de filhos com idades de 23 (mulher) e 18 anos (homem) na propriedade, e estes relatam que não pretendem dar continuidade aos trabalhos da família. Em relação à vida no campo, ambos se complementam e assim se expressaram:

Temos tudo aqui, moramos perto da comunidade, temos festas, bailes e jogos praticamente todo final de semana, quando não tem na nossa comunidade, vamos procurar onde tem. **Não falta opção de lazer. Temos internet e telefones em casa, então estamos a par do que acontece. A**

vida no campo é muito boa, muito tranquila,
mas estamos estudando para sermos professores⁴⁷

Acerca do trabalho futuro declararam que *“assim, vamos trabalhar no próprio município, porém continuamos morando no campo. Teremos a nossa renda vinda de fora”. É claro que vamos auxiliar nossos pais e a nossa avó nos trabalhos, quando tivermos tempo, mas assumir essa responsabilidade de tocar uma propriedade, por enquanto não”*.

Os filhos da família guardiã 03 esclareceram que seus pais no momento estão trabalhando bastante, porém, no futuro, caso eles não tiverem mais condições de saúde *“quem sabe continuamos esse trabalho”*, mesmo porque reconhecem que a propriedade será deles, então *“quem sabe num futuro mais distante, tenhamos mais tempo para o campo”*. Complementaram a sua análise relacionando a produção agrícola familiar com os aspectos intervenientes (políticas, programas e ações) considerando que faltam incentivos do governo, políticas públicas que beneficiem mais os agricultores familiares.

O que precisamos comprar sempre aumenta, e o que temos para vender só abaixa, como é o caso do leite, então isso desanima. **Vemos nossos pais trabalharem bastante e ter renda incerta no final do mês. Então se trabalharmos com carteira assinada, pelo menos vamos saber todo mês quanto teremos para gastar, podemos planejar melhor onde queremos investir e tal** (Ent.03, Família 03).⁴⁸

Para Carvalho (2003), as sementes crioulas, historicamente adaptada às mais diversas condições edafo-climáticas pelos camponeses, dá-lhes a possibilidade de implantar modelos de produção e formas de organização do trabalho familiar ou comunitário que lhes “permitem obter autonomia perante as políticas públicas e as empresas oligopolistas de sementes e insumos, assim como se inserirem eficazmente nos mercados de produtos agrícolas. Isso amplia as margens de escolhas,

⁴⁷ Grifos nosso. Entrevista concedida à autora 02 de Setembro de 2017, no Município de Anchieta/SC. A moça já trabalha como professora da rede municipal de ensino, na educação de jovens, no município de Anchieta/SC.

⁴⁸ Grifos nossos.

pois se pode produzir a partir dos recursos disponíveis: as sementes próprias e os insumos gerados na sua unidade de produção”.

Ao diversificarem a produção, as Famílias Guardiãs de sementes crioulas poderão retomar, segundo cada realidade local e comunitária objetiva, a produção de alimentos para o autoconsumo, o artesanato, as formas de preservação de alimentos tradicionais, entre tantas outras iniciativas possíveis e ao se tornarem diferentes da mesmice do modelo dominante, essas Famílias Guardiãs geram novas e diversificadas demandas de pesquisa e experimentação agropecuária e de tecnologia de alimentos e de assistência técnica. Assim, “exigirão, como sujeitos sociais, redefinições das políticas públicas e da relação público e privado. Produzirão e reproduzirão democraticamente suas concepções de mundo, rompendo com o pensamento único imposto pelas tentativas de oligopolização privada do saber e da consciência sociais”. (CARVALHO, 2003)

Por outro lado, nas famílias que têm filhas moças na propriedade (Famílias Guardiãs 02 e 04)⁴⁹ as filhas entrevistadas afirmaram com convicção que permanecerão no campo e darão continuidade aos trabalhos que vêm sendo desenvolvido pelas famílias desde há muitos anos. Ambas as moças estão cursando ensino técnico em agropecuária pelo regime de alternância⁵⁰. Ambas contam animadas sobre os trabalhos já desenvolvidos. Para elas, muitas coisas foram aprendidas com o convívio familiar, onde, desde crianças acompanhavam os pais nos trabalhos do campo. Uma delas, destacando a importância do conhecimento técnico, ressaltou que, porém, “*o ensino técnico está sendo de suma importância para ampliar os conhecimentos, muitas vezes aprendemos coisas que já fizemos em casa, porém aprendemos mais certinho, seguindo técnicas e padrões específicos*” (Ent. 03; Família Guardiã 02).

A entrevistada da outra família (Família Guardiã 04) também motivada pela ampliação do conhecimento técnico-científico, acrescentou: “*Depois que terminar o curso técnico, pretendo cursar agronomia, para ampliar ainda mais os conhecimentos, e poder aplicar aqui na propriedade, conforme for conseguindo diversificar os cultivos, maiores e diversificadas fontes de renda nós teremos*”.

A jovem entrevistada comentou que atualmente estão muito limitados à venda de leite e milho, embora tenham ‘hortifrútiis’ em

⁴⁹ Ambas de 16 anos.

⁵⁰ Passam uma semana em tempo integral na escola, e na outra semana em casa, desenvolvendo atividades sugeridas pelos professores.

abundância para sustento da família, “e claro, sempre dividimos com os parentes e vizinhos” (Jovem da família Guardiã 04).

Plantamos muitas sementes crioulas, sementes que os nossos avós (que moram na mesma propriedade, somente em casa separada) mantêm desde que vieram morar aqui em 1963. Algumas variedades já foram perdidas e conseguidas novamente com amigos e outros membros da família (tia) ou no sindicato mas teve também alguma coisa que perdemos e não conseguimos mais resgatar. (Ent. 03, Família Guardiã 04)

As filhas das Famílias Guardiãs 02 e 04 afirmam que vão permanecer vivendo no campo, diversificando e embelezando a propriedade. Em suas falas elas destacam que a alimentação no campo é melhor, mais saudável; não precisam conviver com o barulho da cidade; no aspecto tecnológico, destacam que “*têm internet e telefone em casa, então não estamos isoladas*”; podem se deslocar com relativa facilidade pois “*tem carro e moto, quando queremos sair nós podemos, sempre respeitando os horários dos trabalhos é claro*”. E sobre os rendimentos na propriedade, revelam que “*tem renda todo mês, com a venda do leite, ovos, frangos etc...*”⁵¹. Então, na opinião de ambas as entrevistadas não há motivos para deixar a vida do campo, “*viver aqui é bom*”.

As outras duas famílias pesquisadas, Família Guardiã 01 e Família Guardiã 05 são as famílias que têm filhos homens morando na propriedade. Ambos os filhos relatam que têm interesse em permanecer no campo. Como são os únicos filhos que ficaram, os demais casaram e foram morar na cidade, onde desenvolvem atividades no comércio, as terras da família, ou pelo menos a maior parte delas, ficou para estes filhos remanescentes, mais novos. Assim, eles assumiram o compromisso de administrar a propriedade e dar continuidade ao legado repassado por seus pais.

Para o Entrevistado 03 (filho) da Família Guardiã 05, assumir a responsabilidade de tocar adiante o legado passado pelos pais, as atividades e negócios da família na propriedade, é motivo de orgulho. Não deixar se perder e passar adiante os conhecimentos recebidos para o trato cultural, o plantio, a conservação e multiplicação de sementes e

⁵¹ As falas das duas entrevistadas foram muito semelhantes, se complementam e se repetem, então reunimos na mesma descrição.

mudas crioulas, são inspirações diárias para realizar as atividades cotidianas.

4.3 Sucessão familiar e manutenção da diversidade de variedades crioulas

Conforme Badstue (2007, pg 18), as sementes são o insumo mais importante de toda agricultura baseada na produção de grãos, que é a maior fonte mundial de alimentos. Por essa razão, o manejo de sementes é um tema central para os agricultores e um elemento-chave para responder às suas necessidades de aumentar os níveis de produção e de segurança alimentar, bem como atender às suas distintas preferências culturais.

Carvalho (2003) afirma que a resistência social dos camponeses à exclusão social exigirá um processo de resgate das suas identidades social e étnica através da redescoberta de seus saberes, habilidades e práticas de produzir, de se alimentar e de cuidar da saúde, experiências essas de vida que rejeitaram porque lhes disseram que eram saberes e fazeres ultrapassados.

Nessa redescoberta voltarão a conviver harmoniosamente com a natureza numa relação sujeito-sujeito e não através da percepção da natureza como recurso inesgotável podendo ser usufruído apenas para gerar lucros. Voltarão a celebrar as suas datas queridas, a se orgulharem das suas danças, canções, festejos ou comemorações ao vivenciarem ao seu modo os seus momentos de referências históricas e sociais. Não se sentirão mais inibidos ou envergonhados de conviverem com as memórias do passado, subjetivamente rejeitadas porque tradicionais (CARVALHO, 2003, parte 2).

O uso das sementes crioula é a maneira social e ambientalmente mais contundente de resistência contra a exclusão social. É a forma mais direta de rejeição (negação) do modelo tecnológico imposto pelas empresas multinacionais oligopolistas de sementes híbridas e transgênicas. Essa opção converte-se em ação política construtiva não apenas por negar aquilo que vem socialmente excluindo os camponeses e indígenas mas por opor-se a um processo de

oligopolização na produção, na oferta de produtos alimentares no varejo e no modo de conceber o mundo.

Dotto (2011 pg 20) diz que a “diversificação” da produção sempre foi a estampa da agricultura de subsistência, fornecendo recursos necessários para a família sobreviver de sua produção. Hoje, a diversificação é também vista como uma “estratégia” de redução dos riscos na produção. O agricultor familiar prefere investir em várias culturas do que arriscar uma safra inteira em apenas uma. O agricultor familiar geralmente adota dois produtos comerciais que compõem mais de dois terços de sua renda bruta familiar, e diversas outras culturas para o consumo interno, seja para a alimentação, ou para a geração de insumos.

O Especialista 01 cita que a posse dos materiais genéticos utilizados nos sistemas de produção e o domínio dos conhecimentos a eles associados são essenciais para a reprodução da agricultura e de seus meios de vida. Desta forma, os agricultores (as) devem se empenhar em resgatar, valorizar, produzir e colocar à disposição de outras famílias o acervo genético e cultural desenvolvido e/ou adaptado pela agricultura familiar ao longo das gerações.

Nos dias de troca, dias de campo, encontro das mulheres camponesas, etc, as pessoas trazem sementes para trocar e para apresentar aos demais participantes. Verifica-se a disposição das pessoas em buscar novas sementes/mudas para testar em suas propriedades. O objetivo dos encontros é estimular o resgate, a conservação e a troca de sementes tradicionais, bem como a troca de saberes adquiridos, aumentando a segurança alimentar e o fortalecimento de vínculos sociais (Família Guardiã 05).

Para a Família Guardiã 05 o Banco de sementes é uma forma importante de manutenção da diversidade de variedades crioulas que existem no município, porém deve passar por melhorias, não somente na estrutura física, como também referente às informações das sementes. Deve haver um controle/cadastro de informações sobre os agricultores que disponibilizaram estas sementes, as principais características, melhor época de plantio, cuidados, exigências, melhor preparo, etc.

A Família Guardiã 04, e o Esp. 04, salientam a necessidade de incluir os jovens nos debates acerca da importância da conservação das sementes crioulas, incentivando o desejo pelo conhecimento, inserindo-os nas atividades locais.

Para Cabral (2007) os caminhos para a construção de maiores níveis de autossuficiência em sementes/mudas crioulas devem seguir várias direções.

A produção e a conservação das sementes *in situ* é uma dessas estratégias. O lote das próprias famílias, suas roças, quintais, reservas e demais sistemas de produção funcionam como armazéns da agrobiodiversidade. Quanto mais as sementes estiverem sendo plantadas, maiores serão as possibilidades de conservação das espécies e variedades à disposição da agricultura familiar. Os bancos de sementes, ou casas das sementes, centralizados em uma propriedade ou entidade, podem ser muito eficientes para esse fim. Para que tenham um bom desempenho, no entanto, é necessária a organização de grupos de produção de sementes nas comunidades que fiquem responsáveis pelo suprimento de determinadas espécies. Os grupos devem ainda ser capazes de, processualmente, construir as regras para o funcionamento desses espaços de gestão coletiva. (CABRAL, 2007)⁵²

Cabral (2007) diz ainda que ao analisar os mecanismos de troca de sementes entre as famílias, observa-se que estão fundamentados nas relações sociais de reciprocidade, assim como verificado nesta pesquisa. A maior parte das famílias está espontaneamente envolvida nos intercâmbios, dias de campo etc; são vizinhos, parentes, compadres, ou possuem alguma relação especial de proximidade que garante a troca contínua e naturalmente organizada.

As entidades, os movimentos e os agricultores e agricultoras sabem que cada espécie e/ou variedade localizada representa um passo importante para a consolidação da Agroecologia enquanto enfoque para a construção de um modo de produção mais sustentável para as famílias e para toda sociedade.

Neste sentido, no município de Anchieta, vêm ocorrendo vários debates acerca do tema juventude rural, sucessão familiar, sementes crioulas etc. Exemplo disso foram os seminários da Juventude Rural e seminário da Juventude Urbana realizados entre os meses de agosto e outubro, ambos organizados pela Prefeitura Municipal em

⁵² Cabral, James Frank Mendes. Estratégias para o futuro. **Agriculturas**, v. 4, n. 3 - outubro de 2007, p..22- 25.

parceria com o Instituto Federal de Santa Catarina e os movimentos sociais.

O principal objetivo destes encontros foi ouvir os jovens, suas aflições, desejos, e visão de futuro para, conhecendo seus anseios, repensar em políticas públicas, incentivos e ações que poderão ser realizadas pelo município, Instituto Federal e movimentos sociais, a fim de oferecer melhores condições e oportunidades, incentivar a permanência no campo e o gosto pela disseminação de práticas agroecológicas e sustentáveis, incentivar as ações de diversificação das propriedades bem como o resgate da utilização de sementes de variedades crioulas e os conhecimentos repassados de geração em geração.

Durante a programação dos encontros houve palestras sobre as “Juventudes contemporâneas: da invisibilidade ao empoderamento”, sobre Políticas Públicas para a Juventude e sobre o Conselho Municipal da Juventude. Ao final, os jovens participantes realizaram trabalhos em grupo, colocando para os demais quais são seus desafios, hoje, em Anchieta, de tal forma que puderam dar sugestões de ações e investimentos pelo setor público a juventude no município, além de indicar entidades que poderão participar do Conselho Municipal de Juventude.⁵³

⁵³ O prefeito Ivan Canci destacou que o Seminário foi “o ponta pé inicial” para o desenvolvimento de políticas públicas para a juventude do município, indicando a importância de ouvir os jovens, tanto rurais como urbanos, para o desenvolvimento do trabalho. Os próximos passos serão a criação do Conselho Municipal, realização de conferência municipal com as juventudes, para a elaboração de um plano de trabalho.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reprodução dos saberes na agricultura familiar ocorre a partir do lugar onde o agricultor está inserido, pela compreensão de mundo que possui. Mais do que um produto, as sementes remetem a saberes tradicionais centenários, onde cada indivíduo tem um sistema cultural em transformação constante, sendo estruturado pelos valores adquiridos no decorrer de sua trajetória pelos ensinamentos que recebem e pelas experiências vivenciadas.

Assim, a reprodução social é importante para a sucessão de saberes e técnicas tradicionais que auxiliam os agricultores familiares a não ficarem dependentes de empresas capitalistas especificamente as multinacionais, para executar sua produção. Reportando-nos à Carvalho (2011, p.2) isso conduz à “libertação dos camponeses da subalternidade à forma de pensar capitalista”.

O saber do agricultor familiar é aquele fundamentado nas práticas cotidianas com a terra e com a família; são os valores em que a vida do agricultor familiar vem a somar-se com a natureza e direcionar suas práticas produtivas e sociais. Os saberes relacionados às sementes crioulas são aqueles cultivados através dos tempos pelos povos e comunidades tradicionais mediante as interações entre si destas populações e com a biodiversidade.

Desta forma, as sementes tradicionais e as práticas relacionadas a elas são de grande riqueza e contribuição, dando aporte diretamente de forma sustentável para a construção de técnicas de criação e conservação da biodiversidade.

O hábito de guardar sementes, em grande medida, vincula-se à tradição familiar, na qual as sementes são passadas de pais para filhos, como uma herança, um patrimônio físico e cultural. As chamadas “sementes de vida” estão nas mãos dos pequenos agricultores há muitas décadas, sendo que estes reconstróem conhecimentos diariamente ao plantar, replantar, classificar e armazenar estas sementes, sendo possível até mesmo melhorá-las geneticamente, através destas práticas.

A introdução dos filhos no trabalho familiar, que ocorre desde cedo no meio rural, é uma prática de transmissão de saberes e objetiva, além da educação, um incentivo para a permanência no campo. Os pais ensinam os filhos através da prática no campo, o que é de fundamental importância para que os filhos tenham interesse em continuar trabalhando na propriedade.

A educação tem papel fundamental na decisão dos jovens em permanecer no campo e dar continuidade aos trabalhos que seus pais e

avós vem desenvolvendo há anos. A participação de cursos técnicos, dias de campo e as trocas de experiências realizadas, e a possibilidade de aplicar o que se aprende na propriedade é um incentivo a mais que teve destaque nos diálogos com as famílias.

A maioria dos camponeses reafirma seu modo de ser, de viver e de produzir distintos daqueles do capitalismo. E, apesar das circunstâncias altamente desfavoráveis aos camponeses, é possível se considerar que estes são os “guardiões da agrobiodiversidade”. A presença da agrobiodiversidade nas práticas, no dia a dia do trabalho no campo se constata não apenas ao se considerar os sistemas de produção das unidades de produção camponesas isoladamente, mas, sobretudo, ao se levar em consideração a totalidade dessas unidades de produção no país e no mundo.

Para os movimentos sociais e para os guardiões de sementes crioulas, o domínio das sementes e dos conhecimentos a elas associados é uma questão vital estratégica. A diversidade das sementes selecionadas localmente, adaptadas aos sistemas de cultivo, ao ambiente e às preferências culturais, é matéria-prima para qualquer iniciativa de transição agroecológica.

Ao revalorizar e assegurar a reprodução de suas sementes, os agricultores vêm conseguindo liberar-se do uso de insumos industriais, bem como vêm se mantendo desimpedidos de cumprir normas restritivas ao livre domínio e circulação de sementes.

A distribuição informal de agricultor para agricultor continua a ser o sistema predominante de suprimento de sementes para a agricultura familiar em muitos países em desenvolvimento. Esses mecanismos geralmente se apoiam nas alianças sociais e nas relações familiares tradicionais, tendo como base um contexto de interdependência e de confiança mútuas e os laços de solidariedade.

A pesquisa desenvolvida nesse trabalho dissertativo teve como *locus* o município de Anchieta, reconhecido na literatura como um celeiro de sementes crioulas (conforme publicações em artigos⁵⁴; teses e

⁵⁴ OGLIARI, Juliana Bernardi; SOUZA, Rosenilda; KAMPHORST, Samuel Henrique; GONÇALVES, Gabriel Moreno Bernardo. **Manejo e uso participativo de variedade crioula de milho como estratégia de conservação**: experiência do Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade no Oeste de Santa Catarina. Cadernos de Agroecologia, v. 8, p. 1-5, 2013. GONÇALVES, Gabriel Moreno Bernardo; SOUZA, Rosenilda; CARDOZO, Aline Martins; LOHN, André Felipe; CANCI, Adriano; Guadagnin, CA; OGLIARI, Juliana Bernardi. **Caracterização e Avaliação de**

dissertações⁵⁵ do Núcleo de Pesquisa NEAbio da UFSC), envolveu cinco famílias de agricultores familiares guardiões de sementes crioulas, sendo, como já descrito anteriormente, uma família com um filho homem e uma mulher; duas famílias com filhos homens; e, duas famílias com filhas mulheres, sendo que todos estes residem no campo, e retiram daí seu meio de sustentação. Também foram ouvidos cinco *experts* no assunto da guarda e manutenção das sementes crioulas na Região Extremo Oeste de Santa Catarina.

Dentre os critérios utilizados para a seleção dos agricultores guardiões de sementes, destaca-se o fato de que o cultivo de sementes de variedades crioulas é uma atividade importante na exploração familiar (não necessariamente sob o ponto de vista econômico, mas pelo significado cultural que a preservação das sementes representa); que os guardiões tenham envolvimento direto com o processo de produção, seleção e comercialização destas sementes, além da disponibilidade de dialogar e prestar informações sobre suas experiências.

Para definir o número de famílias a serem entrevistados e ainda, quais famílias, considerando que há no município em torno de 600 famílias agricultoras foram adotados sete critérios mencionados na Metodologia do trabalho, consultado o cadastro das famílias guardiãs de sementes crioulas para posterior seleção que culminou com as cinco famílias escolhidas, sob critérios, a se constituírem nos casos estudados, com a cooperação de entidades tais como: Epagri, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Movimento das Mulheres Camponesas, e a participação no processo de alguns agricultores guardiões de sementes

A utilização de entrevistas aplicadas pessoalmente pela pesquisadora, com as famílias guardiãs e os Especialistas, se mostrou uma ferramenta eficaz, e de grande importância para a execução deste

Variedades de Arroz de Sequeiro Conservadas por Agricultores do Oeste de Santa Catarina. Revista Agropecuária Catarinense, v. 26, p. 63-69, 2013.

VOGT, Gilcimar; HEMP, S; NICKNICH, W; OGLIARI, Juliana Bernardi; ALVES, Antônio Carlos. **Produtividade de variedades de polinização aberta de milho em cultivo orgânico.** Agropecuária Catarinense, v. 22, p. 76-80, 2009.

⁵⁵ SILVA, Natália Carolina de Almeida. **Conservação, Diversidade e Distribuição De Variedades Locais De Milho e Seus Parentes Silvestres no Extremo Oeste de Santa Catarina, Sul do Brasil.** Florianópolis, 2015. SILVA, Rosa Patrícia da. **Diversidade de Variedades Crioulas de Tomate Conservadas por Camponeses no Município de Anchieta, Oeste de Santa Catarina.** Florianópolis, 2015, dentre outros.

trabalho, pois permitiu o diálogo, a interação sujeitos pesquisados e sujeito pesquisador, de forma participativa e dinâmica, acrescentando novos elementos à pesquisa, a cada entrevista aplicada. A liberdade com que as famílias podiam dialogar entre si, e com a pesquisadora, enriqueceu a troca de informações e ampliou significativamente os conhecimentos adquiridos para a execução da presente pesquisa. Nesse aspecto, a abordagem qualitativa mostrou-se de extrema relevância para a compreensão do fenômeno da sucessão familiar.

Constatamos que as atividades das quais os agricultores participam, na parceria entre sindicatos, institutos federais, colégios agrícolas, movimentos sociais e poder público municipal, vêm contribuindo ativamente para o resgate e manutenção da diversidade de sementes crioulas, no resgate dos conhecimentos tradicionais agregados a elas, preservando assim, os saberes ancestrais repassados de geração a geração.

O incentivo pela cooperação de todas essas entidades, e as atividades com os jovens, via programas e ações que já estão sendo desenvolvidas no Município de Anchieta, vem a fortalecer ainda mais os laços familiares, e aguçar o desejo pelo conhecimento e aplicação de práticas agrícolas relacionadas ao cultivo das sementes crioulas. Conforme a Articulação do Semiárido Paraibano⁵⁶, *ao optarem por práticas agroecológicas e de preservação das sementes tradicionais, essas famílias formam um movimento de resistência em defesa da agricultura familiar camponesa, que luta por um modelo de desenvolvimento mais justo e ambientalmente sustentável.*

Confirmamos na nossa pesquisa que a agroecologia trouxe uma nova simbologia para as sementes crioulas: elas fortalecem os agricultores frente à sociedade englobante enquanto ferramentas para lidar com as pressões mercadológicas capitalistas. A natureza e seus elementos, dentre os quais as sementes crioulas, numa concepção estruturalista, são sempre socializados, implicados nas práticas sociais com as quais se relaciona, conforme pudemos observar. Portanto, as sementes crioulas são atores contrários às forças que desafiam os pequenos agricultores, servindo para afirmar a tradição camponesa e, assim, demarcar a propriedade intelectual daquilo que eles cultivam, definindo o direito de uso por parte desta população.

⁵⁶ Disponível em:

www.asabrazil.org.br/Portal/Informacoes.asp?COD_NOTICIA=5885. Acesso em 23/11/17

Para Amorin (2016) a utilização das sementes crioulas pelas famílias guardiãs, contribui para a construção da agroecologia, uma vez, que o uso destas variedades, remete a um conjunto de práticas agrícolas tradicionais e relações sociais que contradizem o modelo imposto pelo agronegócio.

Neste sentido Reis (2012) afirma que o debate sobre a construção de um modelo de desenvolvimento rural pautado na sustentabilidade e no respeito aos conhecimentos tradicionais, passa centralmente pela valorização das sementes crioulas, pois estas se constituem como um elemento essencial para uma agricultura resiliente e adaptada a cada realidade, além de nos auxiliar na compreensão da racionalidade camponesa, uma vez que aglutina outros aspectos importantes dos sistemas camponeses de produção. Portanto, o resgate, a valorização e visibilidade das sementes crioulas são essenciais para quaisquer modificações no paradigma tecnológico vigente.

Conforme Machado (2014, p 35) a Agroecologia retoma as concepções agronômicas de produção pré revolução verde. Apropria-se dos progressos da ciência e da tecnologia ao incorporá-los com as questões ambientais, sociais, políticas e culturais. Viabiliza a produção de alimentos limpos, sem venenos, tanto de origem animal como vegetal.

Há muito tempo os guardiões vêm desenvolvendo a técnica de guardadores e multiplicadores de sementes crioulas, com esses conhecimentos tendo passado de geração em geração, sendo imprescindível encontrar e definir ferramentas para reconhecer e apoiar o trabalho das comunidades tradicionais que conservam a agrobiodiversidade.

Conforme Bogdan e Bicklen (1986), a pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, assim, o contato direto e prolongado do pesquisador com os pesquisados, em seu ambiente natural, os deixa mais à vontade para dialogar, e é possível ter uma percepção clara do cotidiano das famílias pesquisadas. Foi o que aconteceu no decorrer dessa pesquisa, além da confirmação de que a preocupação com o processo deve ser maior do que com o produto quando se opta pela pesquisa qualitativa

O pesquisador verifica como um determinado problema se manifesta das atividades, procedimentos e nas interações que ocorrem no dia a dia. Além disso, o “significado” que os guardiões dão às coisas e à sua vida, são focos de atenção especial, deve haver a tentativa de captar as perspectivas dos pesquisados, a maneira como eles encaram as

questões colocadas. Dessa forma, a opção metodológica nos conduziu a estudar em profundidade um fenômeno que ainda não está suficientemente esclarecido, qual seja, o problema da sucessão familiar para dar continuidade ao processo de guarda e conservação de sementes crioulas, bem como não permite retirar conclusões generalizadas sobre toda a população/universo.

Nesse sentido, este estudo identificou que das cinco (5) Famílias Guardiãs Estudadas, somente uma (1), a Família Guardiã 03, é a que apresenta insegurança quanto ao destino da propriedade, pois os são dois filhos (de ambos os sexos) desejam ser professores e não dar continuidade ao menos de imediato, aos trabalhos do campo. Nas demais Famílias Guardiãs, há o desejo/interesse dos jovens em permanecer no campo, e dar continuidade ao trabalho de resgate, manutenção e diversificação das sementes crioulas.

Não houve diferenças na questão de gênero dos jovens, nas famílias pesquisadas, sobre a opção por sair ou ficar no campo, visto que a Família Guardiã 01 e 05 tem filhos homens na propriedade; e, as Famílias 02 e 04 tem filhas mulheres, e, ambas têm o interesse em permanecer no campo.

Dentre os argumentos dos jovens em seus desejos de permanecer no campo, está a facilidade de acesso às tecnologias, celular, *notebook*, internet; as facilidades para se deslocar para estudar; as oportunidades de estudar um curso técnico em escola pública; o deslocamento para as festividades/bailes/festas; a tranquilidade de viver no campo; a ajuda entre os vizinhos nas atividades rotineiras; a alimentação mais saudável, plantar, cuidar, saber o que se põe à mesa, etc.

Durante o levantamento/realização da pesquisa bibliográfica, muitos artigos, publicações em geral encontramos sobre a questão sucessória, juventude e êxodo rural conforme destacado na revisão teórica dessa dissertação. Porém pouco foi encontrado sobre a questão sucessória especificamente em famílias guardiãs de sementes crioulas, sendo, portanto, um estudo inédito.

A principal dificuldade encontrada para a realização desta pesquisa foi o tempo escasso. Por trabalhar e residir em outra cidade (São Miguel do Oeste/SC), as pesquisas nas famílias guardiãs deveriam ocorrer somente de fins de semana (sextas à noite, sábados e domingo), por este motivo também ocorreu uma redução no número de famílias inicialmente apresentado (10 famílias); outra limitação foi a de conciliar as agendas, ocorreu de marcar a visita em uma determinada família, e, ao chegar lá, a mesma tinha outro compromisso e não podia nos atender.

Dentre as facilidades, a maior delas foi a disposição e a transparência com que as famílias conversaram conosco. Como as famílias guardiãs entrevistadas residem no mesmo município em que a minha família, por me conhecerem, sentiram confiança em falar abertamente sobre seu dia a dia, suas dificuldades e avanços, relações sociais, e mais ainda sobre o processo de sucessão, familiar, a continuidade do empreendimento, do resgate, manutenção e diversificação das sementes crioulas.

Consideramos de suma importância a continuidade de novos trabalhos voltados para a juventude, não somente rural, mas urbana também, fazendo esta junção do resgate das sementes crioulas e dos saberes tradicionais com a perspectiva de permanência no campo, para fortalecer e aumentar a agrobiodiversidade nas propriedades.

Novas ações de resgate, manutenção e diversificação podem ser feitas, com a parceria das diversas entidades ligadas ao campo, objetivando disseminar conhecimentos e, de alguma forma, fortalecer os laços familiares e a forma do trato científico com as sementes. O papel do poder público, das instituições de ensino superior e instituições/grupos de pesquisa é de suma importância para que haja um verdadeiro incentivo à permanência no campo, em condições dignas de sobrevivência, num embate contínuo ao processo de predomínio das relações capitalistas no campo.

6. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998.

Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001315/131546PORb.pdf>

Acesso em: 04/07/16

ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA). Disponível em: <http://aspta.org.br/> Acesso em: 13/06/2016

ADÃO, Nilton Manoel Lacerda. **Movimento de Mulheres Camponesas e a**

Semeadura de Novas Perspectivas: Os Significados da (Re)

Produção de Sementes Crioulas para as Mulheres no Oeste

Catarinense. Florianópolis, 2009.

ANDRADE, Ramiro Vüela de. BORBA, Cleverson Süveira 2015.

Fatores Que Afetam A Qualidade Das Sementes. Disponível em:

[https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/57373/1/Circ-19-](https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/57373/1/Circ-19-Fatores-afetam.pdf)

[Fatores-afetam.pdf](https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/57373/1/Circ-19-Fatores-afetam.pdf) Acesso em: 09/11/2017

BALSAN, R. **Impactos Decorrentes da Modernização da**

Agricultura Brasileira. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia

agrária, v. 1, n. 2, p. 123-151, ago. 2006. Disponível em <

[http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11787/82](http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11787/8293)

[93](http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11787/8293) Acesso em 04/05/17

BRUMER, Anita. **As perspectivas dos jovens agricultores**

familiares no início do século XXI. In: RENK, Arlene. DORIGON,

Clovis. (Orgs.). **Juventude rural, cultura e mudança social**.

Chapecó: Argos, 2014, p. 115-138.

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Tradução: Orlando dos S. Reis.

Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BELTRÃO, K. I. *et al.* **Dinâmica populacional brasileira na virada**

do século XX. Rio de Janeiro: IPEA, 2004 (Texto para Discussão). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4231 Acesso em: 16/07/16

BEVILAQUA ET AL. **Agricultores Guardiões de Sementes e Ampliação da Agrobiodiversidade.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-118, jan./abr. 2014 - G. A. P.

BORDIEU, P. **A Dominação Masculina.** Bertand: Rio de Janeiro, 2000.

BRUMER, A; PAULILO, M. I. **As agricultoras do Sul do Brasil.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.12, n.1, p.171-174, jan./abr. 2004.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E, G. de. (Org.). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.

CAMARANO, A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos.** Rio de Janeiro: IPEA, 1999 (Texto para Discussão). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=3929 Acesso em: 16/07/16

CARNEIRO, Maria J. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria J.; CASTRO, Elisa G. de. (Orgs.). **Juventude rural em perspectiva.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 53-66.

Convenção Sobre Diversidade Biológica (CDB). Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biodiversidade/convencao-da-diversidade-biologica> Acesso em: 05/06/2016

CANCI, Adriano; Vogt, Gilcimar; Canci, Ivan. **A diversidade das espécies crioulas em Anchieta – SC; diagnóstico, resultados de pesquisa e outros apontamentos para a conservação da agrobiodiversidade.** São Miguel do Oeste: McLee, 2004, 108 p.

CANCI, A; ALVES, A. C; GUADAGNIN, C. A. **Kit diversidade: estratégias para segurança alimentar e valorização das sementes locais.** Guaraciaba; McLee, 2010. 208 p.

CANCI, Adriano. CANCI, Ivan José. VOGT, Gilcimar Adriano. **Uso e manejo de variedades locais de milho em Anchieta (SC).** Agriculturas - v. 4 - no 3 - outubro de 2007. Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2014/10/Artigo-9-Uso-e-manejo-de-variedades-locais-de-milho-em-Anchieta-SC.pdf> Acesso em: 28/08/17

CANCI, I. J; BRASSIANI, I. (Org.) **Anchieta: história, memória e experiência – uma caminhada construída pelo povo.** São Miguel do Oeste, SC: McLee, 2004. 418p.

CARVALHO, Horacio Martins (2003). O oligopólio na produção de sementes e a tendência à padronização da dieta alimentar mundial, in Carvalho, Horacio Martins (org.). **Sementes, patrimônio do povo a serviços da humanidade.** São Paulo, Expressão Popular, p. 95-112.

CARDOSO, Antonio; FRANCISCO, Paulo; SILVA, José. **Tecnologias Sociais para o Desenvolvimento do Semiárido: Pedagogia de Assessoria Técnica Social e Ambiental.** Revista Polêmica, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/16000/12040> Acesso em: 19/02/2017

CLEMENT, C.R.; ROCHA, S.F.R; COLE, D.M. VIVIAN, J.L. Conservação on farm. In: NASS, L.L. **Recursos genéticos Vegetais.** Brasília, DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 2007.

CASSOL, Kely Perlin. **Construindo A Autonomia: O Caso Da Associação Dos Guardiões Das Sementes Crioulas De Ibarama/RS.** 2013. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

DE BASTIANNI. Tania Mara; STRASSER. Renata Blini. **Permanência dos Jovens no Campo: Para Que?** Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2008/T%C3%A2nia%20Mara%20De%20Bastiani.pdf> Acesso em: 11/11/17

DOTTO, Fabiano. Fatores que influenciam a permanência dos jovens na agricultura familiar, no estado de Mato Grosso do Sul. 2011.

Disponível em: <http://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/8201-fatores-que-influenciam-a-permanencia-dos-jovens-na-agricultura-familiar-no-estado-de-mato-grosso-do-sul.pdf> Acesso em: 21/10/2017

DURSTON, J. Juventud y desarrollo rural: marco conceptual y contextual. Santiago do Chile: CEPAL, 1998. (Série Políticas Sociais, 28).

Escola Latino-americana de Agroecologia. Disponível em:

<https://www.cptne2.org.br/index.php/publicacoes/noticias/noticias/977-escola-latino-americana-de-agroecologia-completa-tres-anos> Acesso em: 18/11/17

Glossário da EMBRAPA. Disponível em:

<https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Arroz/ArrozTerrasAltasMatoGrosso/glossario.htm> Acesso em: 04/06/2016

GUINDANI, Carla Tatiane. Jovens De Assentamentos De Reforma Agrária: Uma Análise Sobre O Êxodo De Jovens Do Assentamento Conquista Na Fronteira. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. 3 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 653p. Tradução: Maria José Guazzelli.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre, Ed. Da UFRGS, 2000.

IBGE CIDADES. Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420080&se-arch=santa-catarina|anchieta> Acesso em: 09/11/17

KAUFMANN, Marielen Priscila. Resgate, Conservação e Multiplicação da Agrobiodiversidade Crioula: Um Estudo de Caso Sobre a Experiência dos Guardiões das Sementes Crioulas de Ibarama (RS). Santa Maria, 2014

KISCHENER, Manoel Adir. **A Sucessão Geracional na Agricultura Familiar num Contexto de Mercantilização e Modernização: um estudo em duas comunidades do Sudoeste do Paraná.** 2015. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2015.

LONDRES, Flávia. **Articulação Nacional de Agroecologia - Caderno “Sementes Locais: experiências agroecológicas de conservação e uso - As Sementes da Paixão e as Políticas de Distribuição de Sementes na Paraíba”.** Rio de Janeiro : AS-PTA, 2014.

LEI 10.711/2003 - Sistema Nacional de Sementes e Mudás.

Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.711.htm Acesso em: 05/06/2016

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro. **A Dialética da Agroecologia.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Disponível em:

<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/for%C3%A7a-da-agricultura-familiar> Acesso em: 18/02/2017

OGLIARI, J.B.; SOUZA, R.; KAMPHORST, S.H.; GONÇALVES, G.M.B.; CANCI, A.; LAZZARI, L. **Manejo e uso participativo de variedade crioula de milho como estratégia de conservação: experiência do Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade no Oeste de Santa Catarina.** *Cadernos de Agroecologia*, v. 8, p. 1-5, 2013b.

Portaria N° 51/2007 - Regulamentação do cadastro de variedades

crioulas. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-seaf/cultivares-crioulas> Disponível em: 18/06/2016

Portal Brasil. **Agricultura familiar produz 70% dos alimentos consumidos por brasileiro.** Disponível em:

<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/07/agricultura-familiar-produz-70-dos-alimentos-consumidos-por-brasileiro> Acesso em: 18/02/2017

PAULILO, M. I. Trabalho familiar: uma categoria esquecida de

análise. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, p. 229-252, jan./abr. 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21700.pdf>. Acesso em 16/07/16

PAULINO, Jonatta Sousa. GOMES, Ramonildes Alves. **Sementes da Paixão: agroecologia e resgate da tradição**. Rev. Econ. Sociol. Rural vol.53 no.3 Brasília July/Sept. 2015. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032015000300517#fn2 Acesso em: 23/11/17

PERONI, N.; HANAZAKI, N. **Current and lost diversity of cultivated varieties, especially cassava, under swidden cultivation systems in the Brazilian Atlantic Forest. Agriculture, Ecosystems and Environment**, Amsterdam, n. 92, n.2, p. 171-183, 2002.

PERONI, N.; MARTINS, P. S. **Influência da dinâmica agrícola itinerante na geração de diversidade de etnovarietades cultivadas vegetativamente. Interciencia**, v. 25, p. 22-29, 2000.

Revista **Agriculturas - v. 4 – nº 3 - outubro de 2007. Disponível em:**
<http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/581/2/32.pdf?sequence=1> Acesso em: 09/09/2017

SILVESTRO, Milton L. et al. **Os impasses sociais na sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri, Brasília: MDA, 2001. Disponível em:
http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/0s_impasses_sociais.pdf Acesso em: 11/07/16

SILVESTRO, M.; ABRAMOVAY, R.; MELLO, M.A. DE; DORIGON, C; BALDISSERA, I.T. **Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar**. Florianópolis: Epagri; Brasília: Nead, 120p. 2001.

STROPASOLAS, Valmir L. Os dilemas da juventude no processo sucessório da agricultura familiar. In: RENK, Arlene; DORIGON, Clovis. (Orgs.). **Juventude rural, cultura e mudança social**. Chapecó: Argos, 2014, p. 139-162.

STROPASOLAS, Valmir. **O mundo rural no horizonte dos jovens: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC.** 2002. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2002.

STROPASOLAS, Valmir. **O Valor (do) Casamento na Agricultura Familiar.** Revista de Estudos Feministas v 12, nº 01, 2004. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104026X200400100013/8697> Acesso em: 05/02/1027

STROPASOLAS, Valmir Luiz; MENEZES, Marilda Aparecida.

BARCELLOS, Sérgio B. **Juventude rural e políticas públicas no Brasil** /, Brasília: Presidência da República, 2014. 268 p. Disponível em:

http://juventude.gov.br/articles/0009/2708/Miolo_Juventude_rural_web.pdf Acesso em: 11/11/17

SOUZA, Rosenilda de. **Diversidade de Variedades Crioulas de Milho Doce e Adocicado Conservadas por Agricultores do Oeste de Santa Catarina.** 2015. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SANTILLI, Juliana Ferraz da Rocha. **Agrobiodiversidade E Direitos Dos Agricultores.** 2009. 409 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2009.

SILVEIRA, Rosa Patrícia da. **Diversidade de Variedades Crioulas de Tomate Conservadas por Camponeses no Município de Anchieta, Oeste de Santa Catarina.** 2015. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SPANNEVELLO, Rosani Marisa. **A Dinâmica Sucessória na Agricultura Familiar.** 2008. 236 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

TRICHES, Marcio. **Diversidade De Variedades De Milho Comum Conservadas In Situ – On Farm No Município De Novo Horizonte**

- **SC**. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VOGT, Gilcimar Adriano. **A Dinâmica do Uso e Manejo de Variedades Locais de Milho em Propriedades Agrícolas Familiares**. 2005. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Recursos Genéticos Vegetais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

VOGT, G.A; CANCI, I.J; CANCI, A. **Uso e manejo de variedades locais de milho em Anchieta – SC**. Agriculturas: experiências em agroecologia. Rio de Janeiro, V. 4, N3, P 36-39, 2007.

WANDERLEY, M. N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.) **Agricultura familiar: realidade e perspectivas**. 3.ed. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001. p. 21-55.

APÊNDICE A

Roteiro da entrevista aplicada às famílias guardiãs de sementes crioulas

- Qual a composição da família? Pai, mãe, filhos... Quem ainda reside na propriedade?
- Como está área foi adquirida? Herança, compra... Conte-nos um pouco sobre sua história, desde que ano esta propriedade pertence a vossa família?
- Quais os principais cultivos e/ou atividades desenvolvidos para a subsistência da família?
- Há na propriedade o cultivo de sementes/mudas crioulas? Desde quando as cultiva?
- Como foram adquiridos os conhecimentos para os trabalhos na lavoura?
- O que afeta a manutenção, guarda e cultivo das sementes/mudas crioulas? Quais os facilitadores e os inibidores?
- Há preocupação quanto ao destino/futuro da posse da propriedade e ao manejo das sementes crioulas?
- Já ocorreu perda de sementes/mudas crioulas, que seus antepassados cultivavam e hoje não mais possui?
- Há interesse dos filhos em permanecer no campo? Quais motivos os levam a querer permanecer ou a querer sair?
- Há intenção/interesse no cultivo de sementes/mudas crioulas, na conservação do meio ambiente, alimentação saudável?
- O que está sendo feito na unidade familiar para incentivar o interesse nos filhos em continuar os trabalhos de guardiões de sementes?

APÊNDICE B

Roteiro da entrevista aplicada com os Profissionais Especialistas

De que forma iniciou suas atividades (envolvimento técnico, profissional; político-ideológico; pessoal) nessa entidade (Epagri, Sindicato)?

2. Quais as principais ações [Políticas; Programas de Ação; Atividades] voltadas à conservação de sementes crioulas no Município de Anchieta?

3. Quais instituições, entidades diversas e/ou movimentos sociais foram os principais idealizadores e envolvidos com essas ações?

4. Qual o papel desempenhado pelo poder público nesse aspecto?

5. Como as ações foram sendo desenvolvidas?

6. Atualmente que instituições assumem a responsabilidade pelo controle, armazenamento e disseminação das sementes crioulas?

7. Qual a importância da conservação das sementes crioulas?

8. Existe um levantamento do número de famílias guardiãs de sementes crioulas no Município de Anchieta? Como foi feito esse levantamento?

9. O processo de sucessão familiar nestas famílias guardiãs vem sendo objeto de atenção pelas Instituições responsáveis pelo controle, armazenamento e disseminação das sementes crioulas? De que modo isso vem ocorrendo?

10. Em sua opinião, há interesse dos jovens em permanecer no campo, em dar continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido por suas famílias e foi repassado por gerações?

11. Qual será o destino/futuro destas propriedades na sua visão enquanto agente envolvido com as ações do município?

12. O que está sendo feito para incentivar os jovens a permanecer nas propriedades e dar continuidade ao trabalho com sementes?
13. Em sua opinião o que pode ser feito para incentivar a permanência de jovens no campo?
14. Qual o papel da educação no processo de fixação dos jovens no campo? Escolas técnicas agrícolas, casas familiares rurais auxiliam? De que forma?
15. Há preocupação com a ampliação do banco de sementes que existe hoje anexo ao sindicato?
16. Como podemos garantir mais sementes crioulas de forma a distribuir para que mais pessoas tenham acesso?
17. Gostaria de acrescentar alguma informação relevante? Ou complementar alguma questão anterior? Tem sugestão de algum outro profissional que poderia acrescentar mais informações sobre o tema em questão?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS -
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS-
CEPSH

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Senhor(a) para participar da Pesquisa “O Processo de Sucessão Familiar em Famílias Guardiãs de Sementes Crioulas: Um Estudo no Município de Anchieta/SC”, da acadêmica Rosicleide Gofi, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas da UFSC, sob a orientação da professora Dr^a Valeska Nahas Guimarães.

A pesquisa tem como objetivo geral “Analisar o processo de sucessão familiar bem como compreender a relevância deste processo para a manutenção da diversidade de sementes crioulas no município de Anchieta/SC”; e como objetivos específicos: Conhecer a história das famílias e a sua trajetória familiar; Levantar os tipos de sementes e/ou mudas crioulas mantidas pelas famílias; Caracterizar os fatores sociais, econômicos e culturais que afetam a manutenção da guarda das sementes (facilitadores e inibidores); Observar e descrever, nas famílias estudadas, quais os indícios e/ou fatores indicadores de ocorrência ou não de sucessão familiar; Analisar os motivos da ocorrência ou não de sucessão familiar e permanência dos jovens na propriedade familiar.

A estratégia para a coleta de dados dar-se-á por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas com membros das famílias

selecionadas e outros sujeitos (profissionais e /ou pesquisadores) especialistas no assunto; bem como, por meio de narrativas (relatos orais, depoimentos); observações participantes; rodas de diálogo e outras atividades coletivas. Se autorizada pelo entrevistado, a entrevista será gravada.

Por ser uma pesquisa que tem como intuito comprometer-se com os sujeitos envolvidos e respeitá-los, garantimos a não utilização das informações em prejuízo dos sujeitos entrevistados, bem como, a não divulgação de seus nomes. Esclarecemos que a sua participação é voluntária e, se depois de conceder a entrevista, o (a) Senhor(a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Senhor(a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração por conceder a entrevista.

Cabe esclarecer que o(a) Senhor(a) como participante da pesquisa, receberá uma cópia desse consentimento assinada pelos responsáveis da pesquisa e assinará uma cópia que ficará com os responsáveis da pesquisa. Para maiores informações, poderá entrar em contato com os pesquisadores no endereço abaixo:

Local e data [da entrevista]

Assinatura [entrevistado]

Assinatura do/a Professor/a Orientador/a da pesquisa

Endereço e Telefone do Coordenadora/Orientador da Pesquisa:

Prof. Dr^a. Valeska Nahas Guimarães

E-mail: valeska-kenaz@hotmail.com

Rua Alberto Weiss, 219, São José, SC
CEP 88104-260
Fone: (48) 9 99984729
Fone UFSC: (48) 3721 5351

Assinatura da pesquisadora

Endereço e Telefone da pesquisadora:

Mestranda Rosicleide Gofi

E-mail: rosicleide_gofi@hotmail.com

Rua Domênico Martini, 117, Bairro São Sebastião, São Miguel do Oeste/SC

CEP: 89900-000

Fone: (49) 9 9999-7125